

PUCRS

FACULDADE OU ESCOLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM TEOLOGIA DE MESTRADO OU DOUTORADO

ALEXANDRE OLIVEIRA BILHALVA

OS DESIGREJADOS: ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DA
DESINSTITUCIONALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA NAS IGREJAS EVANGÉLICAS

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ALEXANDRE OLIVEIRA BILHALVA

**OS “DESIGREJADOS”. ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DA
DESINSTITUCIONALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA NAS IGREJAS
EVANGÉLICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Teologia
MESTRADO da Escola de Humanidades
da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul. Área de
Concentração: Teologia Sistemática.
Linha de Pesquisa: Teologia, experiência
religiosa e pastoral.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges
Hackmann

Ficha Catalográfica

BILHALVA, Alexandre O.

Os “Desigrejados”. Estudo sobre o Fenômeno da Desinstitucionalização Contemporânea nas igrejas Evangélicas.

Dissertação de Mestrado em Teologia. Programa de Pós-graduação Em Educação. Faculdade de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020, p. 114.

Área de Concentração: Teologia Sistemática.

Linha de Pesquisa: Teologia, experiência religiosa e pastoral.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann

1. Desigrejados.
2. Evangélicos não praticantes.
3. Desinstitucionalização.
4. Cristão sem Igreja.

AGRADECIMENTOS

A Deus! Que me concedeu o privilégio de conhecê-lo em Jesus Cristo.

À minha amada esposa. Mulher mais linda e admirável que conheci e com quem tenho o prazer de conviver. Sem tua paciência, colaboração e compreensão sempre presente, seria impossível realizar o mestrado. Muito obrigado!

A meus queridos filhos Alessandro e Jéssica, dádivas do Senhor, e aos meus familiares, muito obrigado por sempre me incentivarem a continuar meus estudos acadêmicos, sem a motivação e a fé de vocês, eu não teria conseguido.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann, muito obrigado pela paciência, persistência e respeito, com que o senhor conduziu minha orientação. Suas instruções sempre foram assertivas e inspirativas.

A todos os professores do programa de mestrado em Teologia da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul que contribuíram com minha formação.

Aos meus colegas do mestrado, obrigado pelo compartilhamento durante a jornada.

A todos(as) que conhecem a força do evangelho, que convida/desafia cada pessoa que se achega a ele, a ser mais humano, porém, não conseguem se relacionar com uma das manifestações do cristianismo, as igrejas organizadas. Meu abraço e minha reflexão neste texto.

RESUMO

Este trabalho analisa, sob a ótica bibliográfica, na história do cristianismo, e no contexto sócio cultural, as origens do fenômeno religioso, em especial no campo evangélico, popularmente conhecido como “Desigrejados”. O fenômeno dos desigrejados surge com a interpretação de que toda estrutura religiosa apresenta-se como “instituição desnecessária”, defendendo que a fé cristã pode ser exercida desvinculada da comunhão da igreja. Estas ideias vêm sendo veiculadas através de livros, palestras e mídia, tornando-se um movimento crescente a cada dia. Esta descentralização de uma Igreja, professando uma forma de fé para além da instituição, é um novo entendimento religioso, que, apesar de complexo e difícil, exige estudo para entender sua motivação e extensão.

PALAVRAS-CHAVE: Desigrejados. Desinstitucionalizados. Cansados de Igreja. Evangélicos não praticantes.

ABSTRACT

This work analyzes, from a bibliographic point of view, in the history of Christianity, and in the socio-cultural context, the origins of the religious phenomenon, especially in the evangelical field, popularly known as "Desigrejados". The phenomenon of the disenfranchised arises with the interpretation that every religious structure presents itself as an "unnecessary institution," arguing that the Christian faith can be exercised without the communion of the church. These ideas are being conveyed through books, lectures and media, becoming a growing movement every day. This decentralization of a church, professing a form of faith beyond the institution, is a new religious understanding, which, although complex and difficult, requires study to understand its motivation and extension.

KEYWORDS: Ineligible. Deinstitutionalized. Tired of church. Non-practicing evangelicals.

“Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação” (Efésios 4.4).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C. – Antes de Cristo.

At – Livro de Atos dos Apóstolos

A.T. – Antigo Testamento

Cap. – Capítulo

Cf. – Conforme

I Co – Primeira Carta aos Coríntios

II Co – Segunda Carta aos Coríntios

d.C. – Depois de Cristo.

Dt – Livro de Deuteronômio

Fl – Livro de Filemon

Fp – Livro de Filipenses

Gr. – Grego.

ICAB - Igreja Católica Apostólica Brasileira

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

Jo – Evangelho de João

Lc – Evangelho de Lucas

LG - Lumem Gentium.

LXX – A Septuaginta (tradução grega do antigo Testamento).

Mc – Evangelho de Marcos

Mt – Evangelho de Mateus

N.T. – Novo Testamento

Séc. – Século

I Ts – Primeira Carta aos Tessalonicenses

II Ts – Segunda Carta aos Tessalonicenses

Ver. – Versículo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO FENÔMENO DA RUPTURA NA VIDA DA IGREJA	14
1.1 O que é o fenômeno Desigrejados	14
1.2 Reivindicações e argumentos teológicos.....	17
1.3 Decepções	20
1.4 Movimentos de ruptura e distanciamento com a instituição	22
1.4.1 Marcionismo	23
1.4.2 Montanismo	24
1.4.3 Donatismo.....	25
1.4.4 Nestorianismo	27
1.4.5 Monofisismo	28
1.4.6 Igreja Oriental Ortodoxa.....	29
1.4.7 Reforma Protestante.....	31
1.4.8 Igrejas católicas nacionais	32
1.5 Considerações Importantes	33
2 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO CONTEMPORÂNEO	35
2.1 A religião no contexto sociocultural moderno	36
2.2 A religiosidade na modernidade	38
2.2.1 Secularização como racionalização da verdade.....	40
2.2.2 Secularização como pluralidade de verdades	43
2.2.3 Secularização como apropriação da verdade	46
2.2.4 Resumo	48
2.3 A secularização no ambiente cristão	49
2.3.1 Diversidade de confissões cristãs	50
2.3.2 A diversidade de confissões protestantes	51
2.4 Considerações importantes	56
3 A REFLEXÃO TEOLÓGICA	60
3.1 A etimologia da palavra igreja.....	61
3.2 A Igreja no Novo Testamento	62

3.3	Imagens Neotestamentárias para a Igreja	64
3.3.1	Igreja como Corpo de Cristo.....	64
3.3.2	Igreja como Povo de Deus	65
3.4	Aproximação teológica da Igreja	66
3.4.1	Desenvolvimento inicial da Instituição Igreja	67
3.4.2	Eclesiologia a partir do Vaticano II	70
3.4.3	Eclesiologia a partir da Reforma Protestante.....	73
3.5	As dimensões da Igreja	76
3.5.1	Igreja como Corpo Local	82
3.6	Argumentos teológicos a favor da organização da Igreja	82
3.6.1	O Templo como lugar da reunião	88
3.6.2	Liderança da Igreja	Erro! Indicador não definido.
3.7	Igreja: simultaneamente comunhão e serviço.	96
3.7.1	Chamado à generosidade.	96
3.7.2	Chamado a conviver	99
3.7.3	Chamado ao serviço.....	100
3.8	Relações da Igreja com as instituições	101
CONCLUSÃO		105
Bibliografia –.....		111

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar no campo religioso a crescente onda de abandono das Igrejas evangélicas. Os evangélicos, historicamente, tiveram entre as suas principais características a pertença e a participação dos fiéis em uma Igreja local. Entretanto, na contemporaneidade, tem ocorrido um fenômeno novo neste campo religioso, ou seja, a existência de evangélicos sem vínculo e participação em uma instituição.

Esta nova mentalidade na história do cristianismo evangélico, conhecida pelo termo “Desigrejados”,¹ é um movimento de pessoas que não romperam com as confissões dogmáticas, mas que, no entanto, não aceitam a forma institucional da Igreja. As pessoas dizem “sim” a Jesus, mas “não” à instituição. É uma nova maneira de pensar a fé cristã que vem causando uma mudança no cenário religioso evangélico em todo Ocidente.

Como no Brasil, atualmente, esta tendência de desinstitucionalismo tem se intensificado segundo as pesquisas apresentadas no senso IBGE de 2010², faz-se necessária esta análise para compreender como o fenômeno é organizado e quais são os argumentos teológicos e históricos que fundamentam e defendem o confronto com as instituições religiosas. Os dados deste fenômeno estão fundamentados nos resultados das pesquisas.

¹ Como é mais usual, optou-se por utilizar o termo “desigrejados” como referência a este fenômeno. A maioria dos grupos de desigrejados prefere ser definidos como “desinstitucionalizados” por entenderem que abandonaram a instituição e não a Igreja como corpo místico de Cristo na terra.

² Segundo o senso de 2010 do IBGE, cresce no País o movimento dos evangélicos sem igreja: *declaram ser cristãos evangélicos, mas não pertencer a nenhuma denominação*. Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. (...) consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declaram evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8%, evangélicos não determinados. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?>. Acesso em: 06 Jan. 2019.

O presente estudo se propõe a analisar os motivos desse fenômeno pela preferência em manter a essência de um movimento centrado em casas, ao contrário do tradicional sistema institucional, ou seja, caracteriza-se por defender uma prática religiosa mais informal e rompida definitivamente com as estruturas institucionais.

Esse fenômeno é entendido aqui a partir de uma situação tanto no campo religioso quanto no campo sociológico, sendo necessário analisar alguns aspectos deste momento sociocultural que torne possível a compreensão de religiosidade desenvolvida no pensamento contemporâneo. Não se pode negar que uma religiosidade desvinculada das confissões oficiais e com suas práticas e opiniões próprias é, também, uma concepção contemporânea de religiosidade e implica na mudança observada no cenário religioso, mais especificamente, a desinstitucionalização.

A partir desta constatação, buscar-se-á formular as possíveis motivações norteadoras do fenômeno, com as seguintes interrogações: seria apenas mais uma crise que acompanha a Igreja desde as suas eras iniciais, mas, hoje, com uma roupagem nova e argumentos diferentes? São provas de que o anseio por uma Igreja bíblica e apostólica sempre estiveram presentes na história da Igreja, atestando uma necessidade de reforma institucional? Esta proposta religiosa que consiste em apresentar uma nova perspectiva para compreender o cristianismo, isto é, sem a necessidade de uma instituição reguladora deve ser considerada herética?³

Para a realização da dissertação aqui proposta, será adotado o método de pesquisa bibliográfico, constituindo-se através de uma abordagem direta da obra de diversos autores deste campo de conhecimento (indicadas junto as referências bibliográficas), entre outras literaturas de apoio no que tange a compreensão do desenvolvimento sociocultural do fenômeno religioso.

³ O termo herético, em seu uso neotestamentário inicial indica a ideia de facciosidade; mas, com a passagem do tempo, o vocábulo foi adquirindo o sentido moderno de ponto de vista doutrinário que não concorda com o que é considerado ortodoxo, ou seja, correto. Cf. CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. vl. 1. São Paulo: Hagnos. 2004, p. 99.

Este trabalho dividir-se-á em três seções. A primeira seção tem como proposta abordar as características, reivindicações, argumentação teológica e decepções do fenômeno “desigrejados” através de obras bibliográficas. Nessa seção se buscará, ainda, uma descrição das principais propostas de rupturas e distanciamento com a instituição que marcaram a história da Igreja, pois a memória destes eventos é fundamental para a compreensão dos que se desencantaram com a instituição formal religiosa e se recolhem em grupos separados.

A segunda seção partirá de uma análise teórica do comportamento contemporâneo. O fenômeno desigrejados, que se apresenta hoje, dá-se como fruto de uma gradativa construção do pensamento cultural pluralista e da religiosidade inerente da experiência humana. É necessário fazer referência à realidade sociocultural contemporânea para se entender essas mudanças observadas no cenário religioso. Não se tem aqui a pretensão de refletir sobre as hipóteses sociológicas e antropológicas, mas sim mostrar suas implicações para as mudanças que permeiam o mundo pós-moderno e, conseqüentemente, atingem a religião.⁴

A terceira seção buscará desenvolver uma fundamentação teológica para definição da instituição Igreja e a necessidade de pertença a ela na ótica cristã Católica Romano e Protestante, assim como as suas propostas pastorais. Por fim, serão acrescentadas algumas conclusões teológicas e práticas para a vida da Igreja a título de conclusão da pesquisa. Espera-se, no final do trabalho, tendo apontado as características próprias do fenômeno religioso não institucionalizado, a partir dos dados coletados na pesquisa, confirmar a relevância da instituição Igreja e de seu futuro.

⁴ Como se sabe, o desaparecimento da experiência religiosa ou da superação do cristianismo proposta pelos discursos de antirreligiosos, foram superados por uma prática da fé, sem o sentido de continuidade ou pertença a alguma instituição. Stefano Martelli, observa que a pós-modernidade deve ser entendida como um renovado interesse pela religião em dois níveis diversificados, o nível institucional, onde os significados são produzidos institucionalmente e o nível individual, com significados livremente buscado pelos indivíduos. Cf. Stefano Martelli, *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*, São Paulo, 1995, p. 452-453.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO FENÔMENO DA RUPTURA NA VIDA DA IGREJA

Abordar este grupo religioso na pós-modernidade é uma questão que se reveste da maior complexidade à medida que enfocamos os aspectos mais subjetivos dessa nova religiosidade, apresentada como um movimento sem estruturas definidas e que veio acompanhada por uma revolução de pensamentos e valores clássicos da civilização moderna. É um novo entendimento religioso que, apesar de complexo e difícil, deve-se buscar o entendimento e compreensão. Para isso, primeiramente, se buscará uma descrição deste fenômeno e da argumentação teológica dos que se desencantaram com a instituição formal religiosa. Num segundo momento, ver-se-á as principais propostas de rupturas e distanciamento com a instituição que marcaram a história da Igreja e na qual se nota de maneira evidente seus reflexos e efeitos no cristianismo moderno, pois estão presentes desde o início até os dias de hoje.

1.1. O que é o fenômeno Desigrejados

Para o fenômeno dos desigrejados ou evangélicos sem Igreja, ser evangélico hoje já não significa necessariamente ter ligação com uma denominação eclesial. A definição do evangélico baseado na pertença a alguma denominação religiosa, embora comum no passado, hoje não cabe mais. Em geral, essa nova mentalidade na história do cristianismo é entendida sobre dois aspectos principais:

a) São pessoas decepcionadas com o *modus operandi* da Instituição.⁵ Recusam-se a congregar, pois não acreditam mais na relevância da Igreja institucional.

⁵ *modus operandi* - Expressão latina que significa "modo de operação", designa a «maneira de operação ou execução de qualquer coisa que esteja sendo feita. Cf. CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vl. 4. São Paulo: Hagnos. 2004, p. 331.

b) Aqueles que defendem um cristianismo sem a instituição e a necessidade de sair da Igreja para poder encontrar Deus.

Em ambos os aspectos, os grupos identificam-se com as doutrinas fundamentais de fé cristã e consideram a Igreja organizada como dispensável.

Essas pessoas não romperam com as confissões dogmáticas. Reconhecem a necessidade do batismo, da ceia do Senhor e da vida piedosa, mas sem uma imposição sobre locais de adoração e sem um ministério eclesiástico oficial. Um tipo de prática religiosa mais informal e rompida definitivamente com as estruturas institucionais. Portanto, trata-se de uma proposta religiosa que consiste em apresentar uma nova perspectiva de compreender o cristianismo e a participação na comunidade eclesial sem a necessidade de uma instituição reguladora.

Sobre essa questão, muitos especialistas da religião, entre eles pastores e teólogos, apresentaram interpretações sobre a pertinência da expressão “desigrejados” com a intenção de classifica-los.

Na opinião do teólogo e pastor Batista e escritor Nelson Bomilcar,⁶ este é um dos muitos gritos com sua pauta de reivindicações relevante, ou não, mas com esperança de serem acolhidos e respeitados em sua trajetória de vida.

Para o teólogo Robson T. Fernandes, o fenômeno não passa de uma manipulação marxista cultural infiltrada na religião por uma luta contra a Igreja, por acreditar que a Igreja na sua forma de instituição se mantém no poder pela imposição de uma cultura religiosa.⁷

⁶ BOMILCAR, Nelson, *Os sem Igrejas*, São Paulo, Mundo Cristão, 2012, p. 22.

⁷ Disponível em: www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=559. Acesso em: 14 Out. 2018.

Para Caio Fábio D'Araújo Filho⁸, o fenômeno desigrejado, do ponto de vista do Evangelho, é esta massa levada pelo sistema perverso das instituições das franquias de "Deus".⁹

Não se pode negligenciar o avanço alarmante desse fenômeno e que está trazendo um novo panorama religioso não só para o Brasil, mas para o Mundo. Esta tendência de desinstitucionalismo se espalha também pela Europa e Estados Unidos. Os Estados Unidos possui 20 milhões de desigrejados, mais de 13% dos protestantes, constituído de 51% da população americana.¹⁰

No Brasil essa situação já é objeto de estudos e inquieta as lideranças eclesiais.¹¹ O senso de 2010 do IBGE¹² revela que o movimento de maior crescimento do País é dos evangélicos, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2%. Segundo o estudo, dos que se declaram evangélicos, 21,8%, são evangélicos sem vínculo com Igrejas. Atualmente, dos 42,2 milhões de evangélicos brasileiros, 9,2 milhões são indeterminados. É um novo entendimento religioso que apesar de complexo e difícil, deve-se buscar o entendimento e compreensão.

Nelson Bomilcar escreveu uma obra de referência no assunto intitulada *Os Sem Igreja: Buscando caminhos de esperança na experiência comunitária*. Ele afirma que há vários subgrupos¹³ dentro dos chamados sem-igreja. São estes:

⁸ Caio Fábio é um escritor, psicanalista e ex-pastor presbiteriano brasileiro. É também, o líder e mentor do Movimento Caminho da Graça, grupo que possui subestações espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Caio Fábio é hoje um crítico dos mais contundentes do cristianismo institucional, seja em sua expressão católica ou protestante. Apud. CAMPOS, Idauró, *Desigrejados, Teoria, História e Contradições do Nihilismo Eclesiástico*. 2017, p. 71-73.

⁹ Resposta concedida aos repórteres de uma entrevista. Disponível em: <https://caiofabio.net/os-desigrejados-resposta-a-uma-entrevista>. Acesso em: 23 Maio 2019.

¹⁰ Cf. Centro Apologético Cristão de Pesquisa, disponível em: <http://www.cacp.org.br/os-desigrejados/>. Acesso dia 16/10/18.

¹¹ Conforme revista ÉPOCA, O fenômeno é chamado de uma Nova Reforma Protestante São Paulo, 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EIT969-16091,00.html>. Acesso em 20 de maio de 2019.

¹² IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - Dados do Censo 2010 sobre religião brasileira apontam para um espantoso crescimento do grupo de evangélicos que se declaram “sem vínculo denominacional”. Nos dez anos que separam os censos de 2000 e 2010. Cf. nota 2 desse capítulo.

¹³ BOMILCAR, op. cit., p. 23.

- Aqueles que se assumem sem-igreja, sem vínculo, parcerias ou compromissos institucionais com comunidades e denominações;
- Os que se desencantaram com a instituição formal religiosa e mantêm uma distância preventiva moderada ou assumida acintosamente;
- Outros ainda estão arraigados na Igreja instituição. Serve-se dela com motivações, mas vivem relacionamentos superficiais e quase nulos;
- Há os que se recolhem em grupos pequenos, que se reúnem informalmente em casas, escritórios, salões alugados, parques ou escolas;
- Há ainda os cristãos sem-igreja, que acompanham mensagens e reflexões pela internet.

Os assim chamados Desigrejados, não possuem uma organização definida, e apresentam-se como um fenômeno amorfo. Essas pessoas tentam não dar uma formação organizacional ao movimento. Na maioria das vezes acabam se agrupando em algum local,¹⁴ com hora marcada e com a presença de alguma liderança.¹⁵ Entendem que todos formam o corpo da Igreja, o que significa a não-necessidade de pertencer ao rol de membros ou se reunir em um templo institucional.

1.2. Reivindicações e argumentos teológicos

¹⁴ Geralmente nos lares, ou até mesmo em cafeterias, qualquer lugar que esteja isenta da presença da instituição e da liderança eclesial. Existem também as chamadas “Igreja Virtual”. Os que buscam por uma espiritualidade no ambiente virtual e compartilham mensagem cristã nas redes sociais.

¹⁵ Cf. BOMILCAR, op. cit., p. 23.

Estes são alguns dos argumentos teológicos que servem de motivação para os que abandonaram a Igreja e outros que se posicionaram contra as Igrejas históricas, tradicionais ou qualquer organização institucional eclesiástica:

a) A Bíblia não obriga a pertencer a uma estrutura religiosa, basta pertencer apenas a Igreja orgânica. Defendem uma eclesiologia fundamentada em Cristo, “Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que já foi posto, o qual é Jesus Cristo” (Cf. ICo 3:11),¹⁶ e com sua composição mística e universal. “E igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus vivo, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados” (Cf. Hb 12:23).¹⁷

b) A Bíblia não impõe locais de adoração. De acordo com os desigrejados: “a Igreja verdadeira não tem templos, cultos regulares, a Igreja verdadeira somos nós, e onde estiverem dois ou três reunidos em nome de Jesus, ali Ele estará”(Cf.Mt.18.20).¹⁸ Sendo assim, eles defendem uma profissão de fé descaracterizada de Igreja organizada. Durante seus encontros não há condução litúrgica refinada ou profissionalizada.

c) Não há líderes, entretanto cada um é seu próprio líder; ou seja, todos trabalham como sacerdotes no Corpo de Cristo, onde Jesus é sua única liderança. Os bispos, presbíteros e diáconos eram pastores que guiariam o recém-convertido e não cargos de instituição. Sendo assim, todos os fiéis são empoderados, isto é, capazes de participar ativamente no grupo e nas esferas de liderança, sem que haja um clero estabelecido ou uma classe privilegiada.

Os que se consideram desinstitucionalizados anseiam por uma Igreja mais próxima da comunidade primitiva do século I. Segundo eles, Jesus não teve nada a ver com a formação da Igreja institucional. Os planos de Jesus eram a respeito de um grupo de seguidores que dessem continuidade ao seu trabalho, uma sociedade invisível; uma

¹⁶ Tradução de João Ferreira de Almeida (RA). 2.ed. São Paulo: SBB, 2016.

¹⁷ Tradução de João Ferreira de Almeida (RA). 2.ed. São Paulo: SBB, 2016.

¹⁸ Ibid.

comunidade de amor e perdão, e não uma instituição com leis e credos. Os discípulos foram chamados ao arrependimento e não a fazer parte de uma denominação ou qualquer forma de igreja organizada e institucional.. Com o propósito de reforçar este conceito, afirmam ainda que Jesus não foi membro do sinédrio porque reprovava seus mecanismos de controle que impedia as pessoas de viverem vínculos afetivos.

Denunciam que os problemas enfrentados pela Igreja cristã têm sua origem após o processo de institucionalização onde, gradualmente, se perdeu a dimensão e a visão comunitária. Após a conversão de Constantino, o cristianismo passou para o prestígio dos palácios e os cristãos se afastaram dos ensinamentos de Jesus, organizando-se como uma instituição, criando estruturas, inventando ofícios para substituir os carismas, elaborando hierarquias para proteger e defender a própria instituição, organizando-se de tal maneira que acabaram deixando Deus de fora.¹⁹ Segundo suas denúncias, o movimento que começou com uma comunidade perseguida, agora oficializou-se com o Estado e formaram-se as mesmas castas clericais do Templo, cheias de poderes para servir ao estado.²⁰ Asseguram ainda, que a doutrina do cristianismo foi refinada e sua estrutura desenvolvida, acarretando na secularização da fé.²¹ Com isso, com o decorrer dos séculos, muitos problemas, tais como a corrupção, o mundanismo, as riquezas e o autoritarismo religioso, estiveram presentes desde a origem do processo de institucionalização.

Por esse motivo, proclamam um retorno ao Evangelho de Cristo e não da Igreja institucionalizada de Constantino. Um Evangelho sem mistura com a Igreja Católica, ou de Lutero ou de Calvino, tão pouco com os pentecostais ou neopentecostais. Na prática, o objetivo é um ajuntamento espontâneo e orgânico de pessoas em pequenos grupos afinados com Cristo e não com a instituição.

¹⁹ Cf. Augustus Nicodemus Lopes, apud CAMPOS, Idauro. *Desigrejados. Teoria histórica e contradições do Nilismo Eclesiástico*, 2017, p. 20.

²⁰ Cf. Augustus Nicodemus Lopes, apud CAMPOS, op.cit., p. 20.

²¹ Secularização da fé, designa-se aqui, como o processo de afastamento e emancipação, roubando-lhes o sentido de fé cristã. Conforme CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. VI. 3. São Paulo: Hagnos. 2004, p. 123.

Assim, para os que se consideram sem Igreja, os reformadores se separaram, protestando contra diversas doutrinas católicas, mas mantiveram um evangelho misturado com as instituições, caindo nos mesmíssimos erros ao criarem denominações organizadas, sistemas interligados de hierarquia e processos de manutenção do sistema, como a disciplina e a exclusão dos dissidentes, e ao elaborarem confissões de fé, catecismos e declarações de fé, que engessaram a mensagem de Jesus e impediram o livre pensamento teológico.²²

Segundo suas queixas, a *Ekklêsía* de Jesus não se constitui mais como pessoas crentes no evangelho, mas prédio, estrutura administrativa, instituição, sistemas e mecanismos de perpetuação de poderes. As pessoas se fundiram com os prédios e com sistemas administrativos, e juntos passaram a chamarem-se Igrejas.

A proposta, então, seria romper com a forma institucionalizada de ser Igreja. Para os desigrejados é essencial sair deste sistema escravizante que é a religião institucional para viver o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo.

1.3. Decepções

Quando se analisa de perto o fenômeno dos desigrejados, a partir de entrevistas e publicações editoriais e/ou virtuais, podemos perceber a crítica tanto dos decepcionados com a liderança, como também, os críticos do *modus operandi* da instituição.

Idauro Campos em seu livro *Desigrejados, Teoria, História e Contradições do Nilismo Eclesiástico*, escreveu que as decepções com a Igreja são as mais variadas, que vão desde a hipocrisia de muitos fiéis até desconfiança da integridade de alguns

²²Augusto Nicodemus Lopes, apud CAMPOS, Idauro. op. cit., p. 20.

pastores. Promessas de prosperidade feitas e nunca alcançadas, desvios de caráter, abuso espiritual, acepção de pessoas com base na classe social e econômica, apropriação ilícita dos recursos das Igrejas, os escândalos de líderes de Igrejas, a banalização do ministério pastoral, o abuso na demonstração de poder, ênfase exagerada na arrecadação de dízimos e ofertas, entre outras, são apresentados como causadoras desta situação.²³

Desta forma, para muitos desigrejados a Igreja perdeu sua identidade religiosa e deixou de ser uma agência transformadora de vidas, mas um lugar onde as pessoas estão preocupadas consigo mesmas, esquecendo a comunhão e imperando a falta de amor e o preconceito.

Campos cita nesse mesmo livro duas obras: a publicação da jornalista Marília de Camargo César intitulada *Feridos em nome de Deus* e a do teólogo Paulo Romeiro com o título: *Decepcionados com a graça: esperança e frustração no Brasil Neopentecostal*. Ele usa estas duas obras como referência quanto ao tema do abuso espiritual e da decepção consequente gerada nos evangélicos.

Casos de despotismo, dinastia familiar, acepção de pessoas, intrigas, disputas, coação, manipulação, constrangimento, humilhação, ofensas, ameaças, mentiras, além do enriquecimento ilícito por parte das lideranças pastorais são apresentados na obra de Marília, explicando o porquê de muitos dos entrevistados que aparecem em seu livro ficaram profundamente decepcionados com o que viram, ouviram, presenciaram e experimentaram nas Igrejas em que dedicaram parte de suas vidas e por fim decidiram, então, abandoná-las.²⁴ Por sua vez, Paulo Romeiro²⁵, em sua obra, revela o relato de muitos cristãos sinceros que caíram nas teias ministeriais de pastores e líderes comprometidos com a teologia da Prosperidade e que acreditaram piamente que,

²³ CAMPOS, op. cit., p. 31-48.

²⁴ CESAR, Maria de Camargo. *Feridos em nome de Deus*, apud CAMPOS, Idauro. *Desigrejados, Teoria, História e Contradições do Niilismo Eclesiástico*, 2017, p. 31-39.

²⁵ Paulo Rodrigues Romeiro é pastor e apologista cristão evangélico. Possui graduação em Bacharel Em Jornalismo pela Federação das Faculdades Braz Cubas(1978), mestrado em Master of Divinity pela Gordon Conwell Theological Seminary(1987) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo(2004). Atualmente é professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Mackenzie. Informações coletadas do Lattes em 13/06/2019

seguido um esquema fixo de obediência irrestrita ao pastor mais a fidelidade e regularidade dizimal, alçariam uma vida de bem-estar físico, psicológico, familiar e social, com uma inevitável e inquestionável prosperidade financeira.

Se está, portanto, diante de uma variedade de críticas dos que romperam com as Igrejas institucionais e buscam a experiência de vida cristã sem suas estruturas eclesiais. Para eles, a instituição gera essas queixas porque está preocupada mais com as estruturas do que com as pessoas.

1.4. Movimentos de ruptura e distanciamento com a instituição

O desigrejismo não tem uma causa única. Há diversas causas externas e internas que contribuem para explicar a aparente exclusão da instituição eclesiástica da vida religiosa moderna. Uma das causas são as divergências e divisões históricas do cristianismo. Ainda nos primeiros séculos, na mesma proporção em que a Igreja cristã se expandia, acabava por incorporar pessoas que vinham das mais diversas religiões e contextos culturais, abrindo espaço para correntes de pensamento diferentes, todos reivindicando ser o correto entendimento do Cristianismo.²⁶

A presença de correntes de pensamento de natureza legalista como o Ebionismo²⁷ e de correntes de pensamento de natureza filosófica, como o Gnosticismo,²⁸ resultou na criação de diversos movimentos.²⁹ Desde os primeiros

²⁶ Pregando uma religião internacional, universal, o cristianismo se chocava inevitavelmente com o paganismo oficial e com o ceticismo dos filósofos. Desta forma a Igreja enfrentou a rivalidade de diversos sistemas de religião. Cf. HAMMAN, op. cit., p. 81.

²⁷ Ebionismo são grupos conservadores e não unificados, com distinção doutrinárias e com pesada influência do judaísmo. Cf. CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vl. 2. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 250.

²⁸ Combinava elementos da filosofia grega e das religiões pagãs de cultos misteriosos. CHAMPLIN, op. cit., p. 919.

²⁹ CHAMPLIN, op. cit., p. 919.

movimentos até os atuais movimentos, é perceptível na história da igreja uma tendência à ruptura ou cisma como instrumento para tratar as diferenças, tanto por de ordem teológica quanto de ordem eclesiástica. Certamente, essa forte tendência à divisão radical, onde os apelos de tais movimentos não são respondidos e a crença de que esses movimentos representam o último restauracionismo, são elementos que estão inter-relacionados³⁰ ao surgimento de novos movimentos.

Pretende-se aqui, sem entrar no mérito da validade ou não destes movimentos, apontar as principais divisões que conseguiram com que muitos seguissem suas ideias até que resultasse em cismas. Em outras palavras, dentre muitos movimentos religiosos na história da Igreja que se detiveram em enfrentar as estruturas eclesiásticas, se fará destaque apenas aos movimentos que atuaram de forma organizada e fundiram-se em comunidades.

1.4.1. Marcionismo

Marcião de Sínope (85 d.C. – 160 d.C.) foi um homem rico, proprietário de navios de Sínope no mar Negro. A visão distorcida de Marcião foi repudiada pela Igreja de Roma, e ele acabou excomungado em 144 d.C. Fundou sua própria Igreja que subsistiu por séculos. Marcião e seus seguidores só aceitavam o evangelho de Lucas e as epístolas de Paulo, rejeitavam a encarnação e a ressurreição.³¹ Marcião desenvolveu a distinção de Cerdo, gnóstico siríaco considerado um herético pela Igreja antiga por volta de 138 d.C, que defendia que o deus no Novo Testamento não era o mesmo do Antigo Testamento.³²

30 CAMPOS, op. cit., p. 135.

31 CAIRNS, Earle. *O Cristianismo Através dos séculos: Uma história da igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 84 e 101.

32 Cf. CHAMPLIM, R. N. *Enciclopédia Bíblica: Teologia e Filosofia*, 2004, vl. 4, p. 119.

O pesquisador Shelley afirmou que suas ideias espalharam-se pela Itália e mais longe ainda pela Arábia, Armênia e Egito. E no leste elas exerceram uma considerável influência durante muitas décadas. Até o século IV havia vários povoados formados por seus seguidores próximos a Damasco.³³

Conforme Champlin, as Igrejas de Marcião tinham seus próprios ministros e rituais e competia com a corrente principal do cristianismo. Muitos deles morreram como mártires de sua causa, pois eles eram perseguidos e não retaliavam.³⁴

A partir do século III, o Marcionismo começou a declinar em face do impacto do maniqueísmo³⁵ que tendia por absorver seus membros, quando foi, finalmente, proibido pelo Imperador Constantino. No Ocidente, o movimento desapareceu completamente por volta do século IV d.C. Mas no Oriente persistiu até o século VI d.C.

A interpretação alternativa da vida de Cristo feita por Marcião, que consistia em uma lista de livros do Novo Testamento de acordo com os seus ensinamentos e a rejeição do Antigo Testamento, levou a Igreja a refletir sobre os textos que se alinhavam com uma "régua de medida" (em grego, *kanon*) que era conforme o pensamento teológico ortodoxo, aceito e aprovado pela Igreja como um todo e vinha a fortalecer os princípios teológicos.

1.4.2. Montanismo

³³ SHELLEY, Bruce. História do Cristianismo, São Paulo: Shedd publicações, 2004. p. 70.

³⁴ CHAMPLIN, op. cit., p. 119.

³⁵ Maniqueísmo, uma heresia cristã, deixou de ser taxado como heresia ou seita, pois, através dos escritos de Mani, era possível ver a presença do nome de Cristo e a influência da religião cristã sendo enfatizada. Obviamente, o maniqueísmo tinha divergências quanto ao credo da Igreja Católica. Cf. CHAMPLIM, op. cit., p. 57.

Na segunda metade do século II entre 156 e 172 d.C., surgiu, na Frígia,³⁶ Montano. O movimento de Montano rejeitava autoridade dos Bispos e a instituição da Igreja atual, proclamava uma nova revelação exercendo influência sobre ilustres figuras do Cristianismo como Tertuliano de Cartago.³⁷

Os montanistas viviam separados da Igreja ortodoxa, denominando-se como pneumáticos. Montano declarava-se um escolhido para dar início à dispensação do Espírito Santo e colocou-se como arauto de uma nova vitalidade espiritual e de uma nova contestação da santidade, além de buscar padrões mais elevados de disciplina e definida separação entre a Igreja e o mundo.³⁸

A seita continuou a crescer na Ásia Menor mesmo após a morte de Montano. Em seguida, espalhou-se para o Ocidente. Tertuliano abraçou o movimento em 207 d.C., tornando-se seu principal porta-voz no Ocidente. Por ter se originado na região da Frígia, Eusébio de Cesareia relata em sua *História Eclesiástica*³⁹ que ela era chamada de *Heresia Frígia* na época.

Os exageros de Montano incluíam um rigorismo moral, uma iminente parousia, condenação do segundo matrimônio, pregava o martírio e para os pecados mortais não se esperava que houvesse perdão. O movimento de Montano morreu no Ocidente no decorrer do século III d.C., embora tivesse continuado no Oriente até ser suprimido durante o reinado de Justiniano.⁴⁰

1.4.3. Donatismo

³⁶ Ásia Menor Romana, hoje Turquia.

³⁷ Cf. CAIRNS, op. cit., p. 86.

³⁸ Cf. SHELLEY, op. cit., p. 73-74.

³⁹ CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*, v5.14-16.

⁴⁰ Cf. CHAMPLIN, Enciclopédia Bíblica: Teologia e Filosofia, 2004, vl. 4, p. 349.

Donatismo é um movimento de ruptura radical com o cristianismo oficial ocorrido na Norte da África. Surgiu por volta de 312 d.C.⁴¹ As acusações donatistas centravam-se no fato de que certos bispos haviam entregado cópias das Escrituras às autoridades do Império para serem queimadas durante a perseguição que houve sob Diocleciano a fim de salvarem suas próprias vidas. Para os donatistas, tal ato era um sério pecado de apostasia e sustentava que a Igreja deve excluir de seus membros pessoas culpadas de pecado grave e que, portanto, não poderia o sacramento ser realizado por um traidor. A validade do sacramento depende do caráter moral do ministro.

Em geral, a Igreja admitia a possibilidade do verdadeiro arrependimento de um apóstata (os lapsos⁴²) e acreditava que poderia ser reconduzido às suas funções e passar a exercer suas atividades, entre as quais estava ordenar novos sacerdotes.

Com a eleição de Ceciliano como bispo de Cartago em 311 d.C., que havia sido culpado de entregar suas cópias da Bíblia para as forças opressoras do imperador romano Diocleciano, um grupo de 70 bispos de oposição formou um sínodo em Cartago e declarou a consagração do bispo inválido. Em lugar dele, os bispos consagraram Majorano em 312 d.C., e então Donato, em 315 d.C. Com a ascensão desse último, a controvérsia aumentou muito em intensidade e o movimento tomou seu nome. O desentendimento provocou um cisma na Igreja do Norte da África, que no tempo de Agostinho, os donatistas ainda se espalhavam e em algumas áreas eram maioria.⁴³

Constantino retaliou exilando os bispos donatistas, confiscando propriedades e enviando um exército. A força, porém, não resolveu a questão. Os partidários de Donato vagueavam por vários lugares, aterrorizando e forçando conversões ao donatismo. Em 422 d.C., os donatistas foram declarados pelo imperador um movimento ilegal. Entretanto, o donatismo resistiu até à conquista islâmica da África, no século VII.

⁴¹ Cf. CAIRNS, op. cit., p. 88.

⁴² Lapsos (latim para "caídos") era o nome dado aqueles que renegaram sua fé, por ocasião das perseguições pelo Império Romano. Tinham entregues às autoridades do império os vasos sagrados, os livros litúrgicos e as próprias Escrituras. O termo também engloba os que relaxaram em sua fé e que decidem depois voltar às comunidades. Cf. FRANGIOTTI, op. cit., p. 64.

⁴³ Cf. SHELLEY, op. cit., p. 145.

1.4.4. Nestorianismo

O nestorianismo leva o nome de Nestório, Patriarca de Constantinopla (428–431). Nestório afirmava que haveria duas pessoas em Jesus - uma divina e outra humana - unidas entre si por um vínculo moral, não existindo união intrínseca, “hipostática”.⁴⁴ Por conseguinte, Maria não seria a Mãe de Deus (Theotókos), como diziam os antigos, mas apenas Mãe de Cristo (Christokós). Ela teria gerado o homem Jesus, ao qual se uniu a segunda pessoa da Santíssima Trindade com a sua Divindade. Nestório propunha suas idéias em pregações ao povo, nas quais substituía o título “Mãe de Deus” por “Mãe de Cristo”.

Os ensinamentos de Nestório o colocaram em conflito com alguns dos mais proeminentes líderes da Igreja antiga, principalmente Cirilo de Alexandria, que criticou-o particularmente por negar o título Teotópos “mãe de Deus” aplicada a Maria e procurar modificar a cristologia hipostática⁴⁵ da escola de Alexandria.

Nestório e seus ensinamentos foram condenados como heréticos no Concílio de Éfeso em 431, e no Concílio de Calcedônia em 451, o que acabou por provocar o cisma nestoriano, no qual as Igrejas que apoiavam Nestório deixaram o corpo da Igreja e se refugiaram na Síria.

O nestorianismo prosseguiu ainda durante muitos séculos após a sua morte, dispunha de um ativo movimento missionário que fez aumentar seus adeptos por toda a Ásia.⁴⁶ A Igreja Nestoriana tornou-se uma importante rival de Roma, mas no século XIV em diante foi definhando e, em grande parte, os nestorianos voltaram à comunhão

⁴⁴ Cf. FRANGIOTTI, op. cit., p. 128.

⁴⁵ A doutrina da união hipostática, é um termo usado para descrever a união mística ou dupla natureza de Cristo. Jesus Cristo, tomou para Si a natureza humana, ao mesmo tempo permanecendo 100% Deus. Jesus sempre foi Deus (cf. João 8:58; 10:30), mas na encarnação Jesus se fez carne – Ele passou a ser um ser humano (cf. João 1:14). A adição da natureza humana à natureza divina resulta em Jesus, o Deus-homem. Essa é a união hipostática, Jesus Cristo, uma Pessoa, 100% Deus e 100% homem. Cf. CHAMPLIN, *Enciclopédia Bíblica: Teologia e Filosofia*, 2004, v.6, p. 553.

⁴⁶ Cf. CHAMPLIN, vl.4. op. cit., p. 489.

da Igreja universal (são hoje os cristãos Caldeus e os cristãos de São Tomé)⁴⁷. Outros se aliaram aos missionários protestantes da América ou aos anglicanos.⁴⁸

1.4.5. Monofisismo

Nascido em 378 d.C, Êutiques tornou-se monge de um convento nas imediações de Constantinopla. Enquanto os nestorianos afirmavam o dualismo de natureza e de pessoa em Cristo, Êutiques sustentava uma única natureza (monofisita), em Jesus Cristo: a natureza divina.⁴⁹ A doutrina monofisita foi condenada pelo Concílio de Calcedônia em 451, que, entre outros atos, adotou a chamada "Credo Calcedoniano" afirmando que Cristo é uma só pessoa em duas naturezas (a divina e a humana). Aceito por Roma, Constantinopla e Antioquia, o acordo firmado em Calcedônia encontrou forte resistência em Alexandria (e em todo o Egito), levando, finalmente, ao cisma entre as Igrejas Ortodoxas Orientais (que consideram a posição de Calcedônia) e as demais (que rejeitam Calcedônia) e consideram o monofisismo. Inúmeras comunidades monofisitas no Oriente Médio se separaram para formar corpos independentes. O nome geralmente aceito hoje para esta família de Igrejas é Ortodoxas Orientais. Historicamente, por não aceitarem a definição do Concílio de Calcedônia, eram conhecidas como não calcedônias, précalcedônias, anti-calcedônias, monofisitas, antigas orientais ou orientais menores. Baseiam a sua doutrina nos três primeiros concílios ecumênicos - Niceia, Constantinopla e Éfeso - e, por isso, alguns as chamam as Igrejas dos três concílios, a saber: a Igreja Ortodoxa Copta ou Egípcia, a Igreja Ortodoxa Síria (jacobita), a Igreja Apostólica Armênia e a Igreja Ortodoxa da Etiópia (abissínia).

⁴⁷ Cf. FRANGIOTTI, na Índia, há ainda hoje uns 450 mil nestorianos, que formam a igreja de santo Tomé. Entre a Turquia e a Pérsia, existem hoje mais ou menos 150 mil nestorianos. Ver *História das Heresias*, op. cit., p. 134.

⁴⁸ Cf. FRANGIOTTI, op. cit., p. 134.

⁴⁹ Cf. FRANGIOTTI, op. cit., p. 140.

Os nestorianos e monofisitas que se separaram da Igreja Universal em 431 e 451, respectivamente, por motivos doutrinários, são heterodoxos⁵⁰, ou seja, de opinião diferente. A controvérsia monofisita levou a um cisma entre as Igrejas Ortodoxas Orientais de um lado, e as Igrejas Católica Apostólica Ortodoxa (Católica do Oriente) e Igreja Católica Apostólica Romana (Católica do Ocidente) de outro.

1.4.6. Igreja Oriental Ortodoxa

Grande Cisma do Oriente foi o evento que causou um desmembramento da Igreja Católica entre os ortodoxos e os católicos. No decorrer dos séculos, com a estrutura do império Romano que se subdividira em dois, Império Ocidental e Oriental, a Igreja tinha sedes nesses lugares diferentes do Império: a sede da Igreja ocidental em Roma e a da oriental em Constantinopla.⁵¹

As sedes mantiveram desigualdades culturais e políticas e as diferenças entre os cristãos católicos do Oriente e os cristãos católicos do Ocidente se evidenciaram.⁵² Por um lado, uma cultura latina no Ocidente, por outro, a Igreja do Oriente carregada da tradição da Cristandade helenística de matriz e tradição grega.⁵³ Essas desigualdades criavam conflitos ideológicos sobre o credo, as Igrejas discordavam em práticas da Quaresma e quanto ao tipo de pão a ser usado na Eucaristia.⁵⁴ Além disso, a discussão teológica em torno do Espírito Santo foi outra das suas frentes de luta.

⁵⁰ Heterodoxia (do grego heteródoxos, "de opinião diferente") Essa palavra vem de dois termos, héteros, "outro, de espécie diferente", e doxa, "opinião". É uma opinião que se opõe a uma opinião ortodoxa. A palavra "heterodoxia", com frequência, é usada como sinônimo de "heresia"; mas outras vezes, indica desvio sobre questões de pouca importância, em comparação com o que está envolvido nas heresias. Cf. CHAMPLIN, vl. 2, op. cit., p. 105.

⁵¹ CHAMPLIN, vl. 4, op. cit., p. 633.

⁵² SHELLEY, Bruce L. op. cit., p. 170.

⁵³ CHAMPLIN, vl. 4, op. cit., p. 633.

⁵⁴ SHELLEY, op. cit., p. 170.

Desta forma, as doutrinas e práticas das duas divisões da Igreja cristã lentamente foram se distanciando, até que, sem chegarem a um acordo, o Papa Leão IX (1002-1054) e o Patriarca Miguel I Cerulário (1000-1059) se excomungaram mutuamente.⁵⁵ A separação delas ocorreu oficial e finalmente em 1054,⁵⁶ separando-a em duas: Igreja Católica Apostólica Romana, chefiada pelo papa em Roma, e Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, chefiada pelo patriarca em Constantinopla (antiga Bizâncio e atual Istambul).

Cada Igreja Ortodoxa, é reconhecida como Autocéfala, ou seja, possui o direito de atuar independentemente com autoridade para definir os ensinamentos não dogmáticos para si mesma, ainda que respeitando as ideias básicas dos sete concílios e mantendo, todavia, comunhão canônica e sacramental plena umas com as outras.⁵⁷

Conforme Champlin, desde então, Roma continuou a reconhecer a legitimidade dos sacramentos e da sucessão apostólica da Igreja Ortodoxa Oriental, embora não reconheça a própria organização eclesial oriental, que é considerada cismática pelos católicos romanos. Até o tempo desse cisma, o primado do bispo de Roma era reconhecido, embora não a sua jurisdição sobre os outros. Esse primado era apenas uma honraria (o papa era reputado apenas *primus inter pares*, primeiro entre iguais), nada tendo a ver com algum direito de dominar os patriarcados orientais.⁵⁸

A Igreja Ortodoxa se desenvolveu no Império Bizantino e se espalhou pelos países da Europa Oriental e da Rússia. Atualmente, os cristãos ortodoxos somam cerca de 250 milhões de fiéis em países como Bulgária, Belarus, Grécia, Chipre, Moldávia, República da Macedônia, Montenegro, Polônia, Rússia, Romênia, Sérvia, Ucrânia e Estados Unidos.

⁵⁵ SHELLEY, op. cit., p. 161.

⁵⁶ CHAMPLIN, vl. 4, op. cit., p. 632.

⁵⁷ CHAMPLIN, vl. 4, op. cit., p. 632.

⁵⁸ CHAMPLIN, vl. 4, op. cit., p. 633.

1.4.7. Reforma Protestante

A reforma protestante iniciada por Martin Lutero aconteceu no século XVI a partir do ano de 1517. Uma das principais reivindicações protestante foi a crítica ao absolutismo institucional da Igreja católica, a proibição da livre interpretação das escrituras sagradas e a autoridade do papa.

Quando falamos em Reforma Protestante, entendemos vertentes diferentes, que não são homogêneos. Devemos reconhecer uma variedade de tendências na própria Reforma Protestante, a começar pela distinção clássica entre Reforma oficial e Reforma radical e seguindo com as diferenciações de lugar e ênfase na Europa da época.⁵⁹

Reforma Luterana (1517): em 1521, na Dieta de Worms, Lutero⁶⁰ reafirmou suas ideias e se refugiou no castelo de Wartburg sob proteção de um príncipe-eleitor. Ali, Lutero traduziu a Bíblia para o alemão e a reforma luterana se espalhou rapidamente com o apoio de vários principados alemães por todo o sacro Império. O luteranismo tornou-se a religião do Estado em grande parte do Império.⁶¹

Reforma Calvinista (1534): o grande reformador do século XVI foi João Calvino (1509-1564), francês que se refugiou em Genebra, estudou teologia, humanidades e direito. A cidade se tornou o grande centro do protestantismo e preparou líderes para toda a Europa, além de abrigar muitos refugiados das guerras religiosas.

⁵⁹Cf. CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja*. São Paulo, 2002, p. 12.

⁶⁰ Martinho Lutero (1483-1546), monge agostiniano alemão, e professor da Universidade de Wittenberg. Crítico, negava algumas práticas comuns apregoadas pela Igreja. Em 1517, Lutero escreveu em documento com 95 pontos criticando a Igreja e o próprio papa. Estas 95 teses teriam sido pregadas na porta de uma igreja a fim de que seus alunos lessem e se preparassem para um debate em classe. No entanto, alguns estudantes resolveram imprimi-las e lê-las para a população, espalhando assim, as censuras à Igreja Católica. Cf. SHELLEY, L. Bruce, *Historia do Cristianismo*. São Paulo, 2004, p. 265-272.

⁶¹ Cf. SHELLEY. op. cit., p. 274.

O calvinismo foi o mais completo sistema teológico protestante e originou as Igrejas Reformadas (Europa continental) e presbiterianas (Ilhas britânicas).⁶²

Reforma Anglicana (1555): enquanto em outras regiões da Europa a Reforma Protestante foi comandada por religiosos, na Inglaterra ela foi iniciada pelo próprio rei. Henrique VIII (1491-1547), da dinastia Tudor. Há 18 anos casado com Catarina de Aragão, queria ter o seu divórcio aceito pelo Papa. Entretanto, para a Igreja, o divórcio era indissolúvel e não poderia ser autorizado. Aproveitando-se do impasse, Henrique VIII rompeu com a Igreja Católica declarando-se o novo chefe supremo da Igreja na Inglaterra. Em consequência, todos os bens e as terras pertencentes à Igreja passam para as mãos do soberano.⁶³

1.4.8. Igrejas católicas nacionais

Nos séculos da modernidade, com o revivalismo religioso dos tempos atuais, percebe-se que as dissidências ou organizações independentes apresentam-se com maior intensidade. Pode-se identificar um processo contínuo de diversificação institucional como é o caso das Igrejas nacionais que se tornaram autônomas.

A Velha Igreja Católica, ou Igreja Veterocatólica,⁶⁴ refere-se às Igrejas Católicas nacionais e as Católicas independentes surgidas após o Concílio Vaticano I (1869-1871).⁶⁵ É uma comunhão de Igrejas de tradição Episcopal (fragmentada em vários grupos independentes) com mais de 500.000 membros que formam a união de Utrecht nos Países Baixos. Estes grupos *veterocatólicos* não possuem vínculos com Roma ou subordinação ao papa (A Igreja Anglicana e a Igreja Jansenista Holandesa

⁶² SHELLEY, op. cit., p. 285-291.

⁶³ SHELLEY, op. cit., p. 295-300.

⁶⁴ Os Vétero-católicos recusarem o dogma da infalibilidade pontifícia, a Imaculada Conceição da Virgem Maria e a Assunção Corporal de Maria aos Céus.

⁶⁵ <http://www.veterocaticadobrasil.com.br>. Acesso 22/12/2018.

de Utrecht reconheceram e providenciaram a ordenação episcopal dos bispos das então recém-formadas Igrejas veterocatólicas, mantendo a sua sucessão apostólica).

Outro exemplo de igrejas nacionais autônomas são a Igreja Católica Apostólica Brasileira e suas várias dissidências. A ICAB possui 48 Bispos atuando em 39 dioceses, servindo a quinhentos mil fiéis, e a Igreja Católica Nacional Polonesa, que rompeu com a União de Utrecht, tornando-se uma Igreja veterocatólica independente.

1.5. Considerações Importantes

Dessas três denominações, Luteranismo, Calvinismo e Anglicanismo, todas iniciadas no séc. XVI, se derivam centenas de sociedades menores como as metodistas, batistas, congregacionais, pentecostais e neopentecostais.

Conseqüentemente, pela reforma o protestantismo tem experimentado um processo contínuo de diversificação institucional, que apesar de concordarem com os princípios básicos do protestantismo, divergem em alguns pontos não relevantes. A realidade atual dessa divergência é a presença concreta de diversos grupos sem unidade institucional ou porta voz oficial.

A partir dos dados coletados nesta etapa da pesquisa, pode-se perceber que vários fatores estão intrinsecamente ligados ao aumento dos sem Igreja. Como principal fator, percebe-se que o cristianismo surge e sobrevive num universo inclinado à rupturas.⁶⁶ E, a partir da reforma protestante, se torna desregulado por qualquer instituição limitadora, contribuindo para o nascimento de Igrejas autônomas, surgindo, assim, o fenômeno de fragmentação do cristianismo em comunidades mais privadas do que coletivas.

⁶⁶ O próprio Cristianismo, com sua doutrina universal, pôs-se em conflito com a tradição judaica que os consideravam hereges. O Concílio de Jerusalém, 52d.C, marca o primeiro ato de independência do Cristianismo em relação à Lei judaica quando os "cristãos-gentios" são dispensados de certas exigências da Lei, como a circuncisão.

O fenômeno desigrejados é, também, um movimento dissidente que rompeu o vínculo com as Igrejas existentes e que se recusa a congregar. Ao mesmo tempo, apresenta-se com duras críticas e propostas de reformas, pois não acredita mais na necessidade e relevância da Igreja institucional.

Não se trata de um fenômeno amorfo como alega-se, todavia, também é um movimento com natureza organizada que possui lideranças, local para cultos, literaturas, sites e toda uma teorização que procura justificá-los teologicamente.⁶⁷ E tem como alvo abraçar os evangélicos que estão relacionados a experiências traumáticas com o ambiente eclesialístico provendo-lhes meios para exercer sua religiosidade em modelos alternativos.

Obviamente, a intenção de um retorno ao cristianismo primitivo e comunitário não os diferencia dos demais movimentos ao longo da história que estiveram separados por suas convicções e suas propostas de revitalização do cristianismo.

A segunda etapa desta pesquisa fará uma referência a consequente situação da realidade sociocultural contemporânea.⁶⁸ Conforme já citado, estas situações, além das convicções teológicas defendidas pelos desigrejados ou das situações da Igreja institucional, são fatores que permeiam o mundo e, conseqüentemente, a religião.

⁶⁷ CAMPOS, Idauro, Desigrejados, Teoria História e Contradições do Nihilismo Eclesialístico. 2017, p. 26.

⁶⁸ Será necessária uma análise da mentalidade da sociedade que a Igreja tem diante de si. Isto ajudará a compreender melhor certas atitudes e determinar linhas de ação, pois a Igreja é chamada a converter, porém, deve com frequência defender-se.

2. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO CONTEMPORÂNEO

Com o aparecimento das sociedades modernas, as tipologias religiosas tradicionais foram redirecionadas para formas equivalentes secularizadas. Para essas sociedades, o interesse pela espiritualidade⁶⁹ se estende e cresce de forma distinta da esfera do religioso tradicional com suas organizações.

Surge uma espiritualidade afastada das instituições religiosas que não advém das elites irreligiosas, ateus ou materialistas, como aconteceu no passado. Na realidade, é uma mudança na subjetividade e no comportamento do ser humano em função de suas relações e experiências no mundo contemporâneo. É fruto da concepção de uma nova cultura, que se afasta das formas tradicionais de ser religioso e se reconhece apta para administrar questões de ordem religiosa como melhor lhe parecer. Essa concepção, antes de tudo, deve ser entendida a partir do comportamento do homem moderno. Comportamento que tem suas raízes, presumidamente, em consequência das seguintes experiências:⁷⁰

- a) Uma pluralidade de escolhas religiosas, permitindo que o indivíduo experimente conteúdos religiosos diversos;
- b) Uma visão de mundo pragmática e utilitária;
- c) Uma forte de racionalidade provocada pelo predomínio das ciências, colocando a verdade num contexto alternativo.

Esses são alguns fatores que são decisivos para explicar a mudança significativa no comportamento religioso da sociedade contemporânea.

⁶⁹ O termo espiritualidade poderia ser traduzido por uma experiência do divino como imanente na vida, evocando uma experiência interior, independentemente de instituição religiosa. Enquanto “religião”, poderia ser traduzido como afiliação a uma instituição religiosa; logo, um indivíduo com religião é aquele que pertence e participa das atividades de uma instituição.

⁷⁰ Estes são alguns dos dados, dentro do modelo observado por B.Wilson, na sua teoria moderna de secularização. Conforme citado por FERRAROTI, et.al.,1990, p. 215-216.

É preciso investigar o que está acontecendo na pós-modernidade, que modifica as maneiras de organizar suas crenças e as consequências que impulsionam a perda do encantamento e a vigência das instituições cristãs.

Pretende-se entender, de forma sucinta, os contextos sociais e o conceito de “secularização” que resulta na transição do domínio institucional religioso, pelo surgimento da opção pelo sagrado e espiritual realizado fora dos complexos institucionais.

2.1. A religião no contexto sociocultural moderno

A religião é uma das ações que mais íntima e intensamente envolve a vida das pessoas e das comunidades. Podemos dizer que o sentimento religioso, assim como a necessidade de se acreditar em um Ser superior ou numa outra dimensão espiritual e transcendente, nasce com as pessoas. O professor Giuseppe diz que o ser humano pode corretamente ser chamado de *naturaliter religiosus*. Segundo ele, a religiosidade acompanha o desenvolvimento de toda a cultura humana desde os tempos pré-históricos.⁷¹ Todas as culturas conhecidas possuem manifestações religiosas.

A religião está presente na sociedade para ajudar as pessoas a entenderem suas vidas, a realidade em que vivem e estreitarem seu relacionamento com o Transcendente. Conforme as palavras do sociólogo Luhmann, na citação de Cipriani, “a função da religião é de reduzir a incerteza e a complexidade, de determinar aquilo que aparece indeterminado, de tornar acessível o inacessível”.⁷²

⁷¹ Cf. Giuseppe, o homem é por natureza religioso, podendo ser confirmado, pela Paleoantropologia, As evidências de alguma forma de crença, são fornecidas pelos aspectos rituais presentes nas sepulturas primitivas. TANZELA-NITTI, Giuseppe. *La Rivelazione e La Sua Credibilità, Percorso di Teologia Fondamentale*. p. 59-62.

⁷² CIPRIANNI, *Manual de Sociologia da Religião*. São Paulo, p. 14.

A religião está presente em todos os povos, em todas as épocas históricas,⁷³ dando o sentido de continuidade aos indivíduos de uma comunidade e de solidariedade social. Em toda parte e qualquer época, encontramos a fé na existência de poderes superiores.

Nesse caso, afirma-se que a religião não é resultado de uma elaboração intelectual, mas é uma dimensão marcante no interior das pessoas, levando-as a buscar experiências e um sentido mais profundo em suas vidas.⁷⁴

Quando discute-se o tema religião, precisa-se ter consciência de que as religiões apresentam alguns aspectos que são particulares para cada época, estabelecendo relações com o seu tempo. A religião sofre modificações influenciadas pelos fatores socioculturais, uma vez que, a construção de programação de vida de uma sociedade se relaciona com as atividade religiosa e ambas se influenciam mutuamente.

Segundo as análises realizadas por estudiosos, as culturas produzem, ao longo de suas histórias, diferentes expressões religiosas.⁷⁵

Em épocas passadas, a influência da religião era um aspecto notável na sociedade, fosse ao âmbito social ou político. A religião era a única construtora da realidade que permitia orientar e modelar a ação e a vida dos seres humanos, logo, religião e vida cotidiana estavam profundamente unidas.⁷⁶

Com o passar dos anos e com a secularização da sociedade, a religião sofreu certo processo de perda de influência social, originando uma forma de cristianismo por tradição. Ou seja, o nascimento em uma família comporta a adesão à religião daquela própria família de pertença.

⁷³ ZILLES, Urbano. *A crítica da religião*, 2009, p. 15.

⁷⁴ Para os fenomenólogos da Religião, o homem é “naturaliter religiosus”: a religião aparece como uma característica constante dos seres humanos em todas as épocas. Cf. MARTELLI, Stefano. *A religião na Sociedade Pós-Moderna*, 1995, p. 137.

⁷⁵ GOUVEA. Apontamento sobre Novos Movimentos Religiosos. São Paulo, p. 151.

⁷⁶ Cf. CIPRIANNI. op. cit., p. 76.

Nos tempos modernos, surge uma nova sociedade com novos valores e características distintas, que necessitou estruturar-se para que possa se adaptar e viver plenamente.⁷⁷ Essa estruturação cultural não excluiu a presença da religião, mas fomentou uma mudança relevante na concepção humana, pois diferentes pensamentos e valores clássicos estão presentes na interpretação da experiência do homem moderno. Considera-se que a programação de vida da sociedade contemporânea aconteceu acompanhada de elementos como a pluralidade de escolhas religiosas e a crise de credibilidade na religião, surgindo uma espiritualidade desprovida das estruturas institucionais.

Não há dúvidas que diversas mudanças de mentalidade foram provocadas e estimularam o senso crítico do indivíduo, deslocando-o de instituições cristãs.

2.2. A religiosidade na modernidade

Com a extensão das ciências e das tecnologias, a sociedade primitiva desapareceu com todas as suas maneiras de pensar, de sentir, de se organizar e de viver, dando origem a uma sociedade de contínua inovação do conhecimento⁷⁸ com suas pretensões de construir sua própria realidade.

Antes de uma análise mais detalhada desse período, é preciso lembrar que a modernidade é um conceito muito amplo e complexo, todavia, alguns processos de mudanças são comuns aos autores quando se trata de contemporaneidade. Podemos abordar, por exemplo, o processo de secularização, que alterou o comportamento do homem moderno e contribuiu com significativa mudança para o cenário religioso.

⁷⁷ CORBÍ, Para uma espiritualidade leiga: sem crenças, sem religião, sem deuses. São Paulo, p. 13-15.

⁷⁸ Esta sociedade está relacionada com novos valores sociais e caracterizada pelo domínio da mídia eletrônica, o mercado de consumo e a polarização cultural.

É reconhecido entre sociólogos da religião que a sociedade moderna está marcada pelos fenômenos da secularização, que fomenta uma mudança relevante na atividade humana e nas condições de vida. A secularização⁷⁹ está relacionada com o surgimento de um modo de vida que não mais está estruturado em torno de uma visão firmada em hábitos ligados à religiosidade e, por sua vez, diminui a intensidade da religiosidade (assim como da religião).

O tema é controverso e ambíguo, o significado de secularização não é simplesmente o nome que se dá a um fenômeno de perda da plausibilidade da religião, mas é compreendido através dos acontecimentos durante a passagem de um momento a outro da organização social.⁸⁰

Neste contexto, podemos citar a tripartição apresentada por J. Lauwers, ocorrida no livro de Ferrarotti,⁸¹ o qual classifica as teorias da secularização em grupos:⁸²

- a) Secularização como racionalização: uma racionalidade científica que vinha substituindo as antigas ideologias de cunho teológico, reduzindo o papel exercido pela Igreja.

⁷⁹ Cf. Berger, na citação de Cipriani, a secularização é responsável pela remoção da dominância religiosa em diversos setores da sociedade e da cultura: a arte, a filosofia, a literatura e, particularmente, a ciência. A religião perdeu o papel estratégico e dominante na sociedade, o efeito da secularização está presente nas diferentes sociedades e no cotidiano das pessoas com suas consequências e significações distintas. apud CIPRIANI, op. cit., p. 246.

⁸⁰ Deve-se distinguir de “secularização” o conceito “secularismo”. Como já foi dito, a secularização é responsável pela remoção da dominância religiosa em diversos setores da sociedade e da cultura. Entende-se não tanto um mundo sem religião, mas um mundo em que instâncias religiosas e representações de autoridades religiosas já não determinam de maneira decisiva ou exclusiva a vida social. Por “secularismo”, entende-se os aspectos negativos da secularização, ou seja, O secularismo é a construção de uma sociedade sem Deus. Refere-se à ausência de qualquer vínculo em relação à crença ou à autoridade de Deus. FERRAROTTI, F. et al. *Sociologia da religião* 1990, p. 203-205.

⁸¹ FERRAROTTI, op. cit., p. 234.

⁸² Cf. FERRAROTTI, esta é uma espécie de estrutura comum a numerosos autores com as quais é definido o conceito de secularização. op. cit., p. 234.

- b) Secularização como pluralismo: a produção de uma pluralidade de escolhas religiosas, permitindo que o indivíduo experimente conteúdos religiosos diversos associados ao trânsito religioso.
- c) Secularização como privatização: a escassa importância atribuída à organização institucional que administra o religioso.

Esse conjunto de ideias e pensamentos formam ideologias corrosivas à fé cristã e deve ser entendido como uma problematização tanto no campo sociológico como no campo religioso, sendo necessário analisar os aspectos citados acima, desde o momento sócio cultural e suas implicações nas mudanças observadas no cenário religioso.

Será feita, primeiramente, uma análise no campo sociológico através dos grupos que concernem à teoria da secularização apresentada por J. Lauwers. Estes grupos estão enquadrados nas principais teses sobre a perda da plausibilidade da religião na modernidade. Por último, abordar-se-á a secularização a partir de suas implicações observadas no campo religioso.

2.2.1. Secularização como racionalização da verdade

O conceito de racionalidade diz respeito ao estilo de vida das sociedades modernas, construído através de teorias científicas e das ideologias.⁸³ Agora, o homem moderno passou a apostar na razão como único caminho para resolver seus dilemas.⁸⁴

⁸³ Nas sociedades primitivas, e religião com seus mitos, eram construtores da realidade, exerciam a função reguladora do pensamento, e da ação da vida individual e coletiva. Na medida em que as sociedades entraram em um processo de transformação sociocultural gerada, principalmente, pelos meios de produção e pelo desenvolvimento científico e tecnológico, as atividades de estrutura social veem a separar-se da esfera do religioso e a função da religião, foi gradativamente questionada. Cf. BENKE, Marcia R. *Ecumenismo, Valores Sociais e Modernidade: a percepção dos agentes eclesiais*, 2014, p. 16.

⁸⁴ ZILLES, Urbano, Há espaço para a fé no mundo atual? 2017, p. 23.

As formas de atuar e de se desenvolver antes defendidas, foram alteradas após a implantação da primeira grande industrialização.⁸⁵ Os sistemas míticos e simbólicos de programação do passado foram substituídos pelas ciências e ideologias modernas. Agora, as teorias e filosofias dizem como viver, e não mais a religião.⁸⁶

Como foi dito, a programação coletiva mediante a religiosidade são fatores que não se apresentam em condições de vida moderna, e isso impõe uma grande limitação nas funções exercidas pela religião, reduzindo seu papel somente a algumas respostas as necessidades humanas.⁸⁷ O ser humano não depende mais da experiência religiosa para que sua vida tenha sentido. Logo, ele se reconhece como sujeito em liberdade para conduzir sua vida separada da religião.⁸⁸

Do ponto de vista do homem moderno, a realidade não pode ser recebida com aceitação e submissão como determina a religião ao orientar a vida dos seres humanos. Nas palavras de Benke, “Os indivíduos e os grupos já não viverão das certezas recebidas de Deus. Terão de viver das certezas, da segurança e das motivações, que de uma forma ou de outra eles mesmos construirão com uma visão autônoma. O indivíduo cria suas próprias certezas”.⁸⁹

Agora, o homem com sua capacidade cognitiva e axiológica que o orienta para a sobrevivência no meio e apoiado na filosofia e na ciência de sua época, apresenta a ideologia e as teorias modernas como uma nova interpretação da realidade. Devendo, assim, ele mesmo propor seus postulados axiológicos a partir dos quais construirão seus próprios projetos de vida.

⁸⁵ Houve a passagem da sociedade pré-industrial para a industrial e, agora, sobretudo nos países desenvolvidos, a passagem da primeira para a segunda grande industrialização. CORBÍ, op. cit., p. 9.

⁸⁶ CORBÍ, op. cit., p. 9.

⁸⁷ Conforme Corbí, a incidência das ciências e das tecnologias na vida da comunidade deslocou a ação central de viver da sociedade pré-industrial, a partir da qual tem vigência e nas quais se sustenta o mito. Nesta situação cultural, os sistemas religiosos, seus mitos e linguagens já não dizem nada aos seres humanos modernos. Op. cit., p. 150

⁸⁸ Cf. BENKE, op. cit., p. 18.

⁸⁹ Cf. BENKE, op. cit., p. 18.

Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, três dos mais importantes pensadores da Sociologia moderna, se interessaram pela elaboração de teorias visando compreender aspectos da vida religiosa e sua influência na sociedade. Suas teorias influenciaram a formação do pensamento sociológico.

Em particular, propõe-se aqui, a citação da ideologia marxista, por considerar-se útil ao tema deste trabalho. Marx⁹⁰ acreditava que o homem tornar-se-ia capaz de construir seu mundo e sua história de maneira autônoma, ou seja, sem a religião. Ele deduz a perda gradual da religião, provocada com o fim do capitalismo.⁹¹ Isso faria o homem voltar-se a si mesmo como responsável autônomo de seu destino.⁹²

Em sua crítica da religião, Marx trata a religião, antes de tudo, como um erro e uma ilusão que legitima a situação de miséria do trabalhador explorado, dando uma falsa esperança ao consolar os excluídos com a ideia do além e roubando a autonomia do homem.⁹³ Ainda, segundo Marx, a religião serve como um anestésico: “A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo. A abolição da religião, enquanto felicidade ilusória dos homens, é a exigência da sua felicidade real.”⁹⁴

⁹⁰ Marx vive a realidade dos momentos centrais da primeira revolução industrial e da afirmação do capitalismo. Por um lado, o rápido enriquecimento dos poucos que possuem os instrumentos de produção; por outro lado, a proletarização de imensas massas de trabalhadores sujeitando-se a precárias situações de trabalho por salários de fome. Diante deste estado de acontecimentos, Marx parte para uma análise das leis que dominam e dirigem a sociedade capitalista, produzindo riqueza para poucos e e miséria para a maioria dos homens. Cedo, Marx começou a escrever e criticar todo o modo capitalista de produção. Para Karl Max, toda a revolução industrial consistiu simplesmente da exploração da classe trabalhadora pela classe dos capitalistas. Segundo Marx, é necessário, através de um método revolucionário na classe trabalhadora, tomar posse do governo para implantar uma ditadura do proletariado através de uma luta de classes. Para ele, a transformação do mundo não é uma tarefa teórica, mas uma práxis humana. Sua missão era proporcionar à massa operária a consciência socialista e revolucionária e, para isso, Marx se centrava na crítica profunda das forças alienantes : Deus, o Estado, a burguesia e o capital, que devem ser combatidos duramente. Cf. ROSA, G. *Marxismo, Comunismo e Cristianismo, Diálogo ou Desafio?*. 1985, p. 9-21.

⁹¹ ZILLES, Urbano. *A crítica da Religião*, 2009, p. 121.

⁹² ZILLES, op.cit., p. 121.

⁹³ ZILLES, op.cit., p. 120.

⁹⁴ cf. Manuscritos, p.78, apud ZILLES, Urbano. *A crítica da Religião*, 2009, p. 118-119.

Na visão de Marx, a religião é um produto social onde as figuras dos deuses são criações do homem e se fundamenta nas condições sociais.⁹⁵ Desta forma, o conjunto de fatores de miséria humana tornou necessária a religião. A luta contra a miséria começará quando mais nada consola e desvia o homem de sua responsabilidade. Dessa maneira, para Marx, a crítica da religião serve para esclarecer as consciências e libertar o homem de suas ilusões.

Do materialismo de Karl Marx, ainda hoje, não faltam diversas ideologias e certas correntes da teologia que tentam integrar a análise marxista no pensamento cristão.⁹⁶ Conforme Giusetta da Rosa, pode-se distinguir os grupos que se declaram marxistas, entretanto nem todos compreendem o marxismo da mesma maneira e nem todos aceitam todas as teses do marxismo. Há, os que aceitam o ateísmo marxista, no sentido de crítica à “religião”, na qual eles fazem distinção entre “religião” e “fé”: enquanto aceitam a “fé” como força de libertação das alienações que o capitalismo sujeita o homem, rejeitam a “religião” por acreditar que a Igreja na sua forma de instituição é opressora e alienadora. São grupos que formam um conjunto de ideologias e verificam, especificamente no mundo contemporâneo, a necessidade de conduzir o cristianismo a uma versão “progressista”, alterando suas estruturas.

2.2.2. Secularização como pluralidade de verdades

⁹⁵ ZILLES, Urbano. *A crítica da Religião*, 2009, p. 111.

⁹⁶ Após a morte de Marx, o filósofo Antônio Gramsci e a escola marxista de Frankfurt fizeram uma releitura das suas ideias e concluíram que é a cultura burguesa que determina que as relações econômicas sejam capitalistas, e formularam, assim, a teoria do marxismo cultural. Onde o capitalismo seria superado através de intelectuais marxistas engajados através de infiltrações nas instituições que o estruturam e com a finalidade de alterar as mentalidades. Em outras palavras, aquilo que Marx chamou de superestrutura: a justiça, a educação, a família, a arte, a comunicação e a religião, são consideradas como fontes de opressão à classe proletária e devem ser subvertidas. Essa estratégia busca substituir a cultura ocidental fundada em pressupostos judaico-cristãos por uma cultura socialista. Somente depois da transformação cultural se poderia implantar a “ditadura do proletariado”. Cf. ROSA, G. op.cit., p. 9-10, 45- 46.

A Globalização rompeu com as barreiras sociais e favoreceu a diversidade religiosa através da aproximação das culturas e das religiões. Possibilitou um espaço sem repreensão para diferentes explicações religiosas e filosóficas que surgiram, colocando-as no mesmo nível que as antigas tradições religiosas. Por isso, nas últimas décadas, a sociedade encontra-se caracterizada pela coexistência de inúmeras instituições religiosas. Cada uma desejando definir a realidade com seus sistemas de crenças próprios.

A pluralidade de visões de mundo oferecida por esta diversidade religiosa, necessitou de uma espécie de pluralidade de significados últimos,⁹⁷ logo a verdade torna-se relativa,⁹⁸ ficando a critério de cada instituição religiosa definir a sua verdade em questões de religião e espiritualidade.

De forma positiva, podemos afirmar que esta situação possibilitou uma sociedade de diálogo e de consenso, porém, por trás desta tolerância interminável, pode manifestar-se:

a) A indiferença pura em relação à verdade⁹⁹, denominada de “Relativismo”.¹⁰⁰ Um conceito que defende que todas as religiões são portadoras de verdades, portanto, todas são válidas. Para a geração moderna, nenhuma religião é vista como detentora da verdade absoluta.¹⁰¹ Vale a ética do consenso, pois todas as religiões são boas, tem o mesmo propósito e levam ao mesmo fim com seus sistemas de crenças próprios.

b) O homem moderno encontra-se caracterizado pela coexistência de inúmeras instituições religiosas que não podem influenciar com sua totalidade, pois a atuação das

⁹⁷ FERRAROTI, F. et al. *Sociologia da Religião*, 1990, p. 231.

⁹⁸ Cf. ZILLES, a doutrina da pluralidade, também envolve riscos como o ceticismo e o historicismo. *Há espaço para a fé no mundo atual?*, p. 30.

⁹⁹ ZILLES, Op. cit., p. 30.

¹⁰⁰ ZILLES, Op. cit., p. 30.

¹⁰¹ MILLER, Ed.L.; GRENS J.Stanley, 2013, p. 204.

instituições, estão confinadas a limites mais estreito, já que os indivíduos não se identificam mais com as verdades absolutas.¹⁰²

c) a medida que aumenta as possibilidades de opções, a própria fé religiosa cada vez mais passa a ser sustentada por convicções pessoais ou por atitudes de indiferença.¹⁰³

d) uma forte disposição para mudança de religião ou da instituição. A escolha da religião corresponde muitas vezes entre o status social e a confissão de fé.

Em síntese, a modernidade incitou um fenômeno social que transformou o comportamento dos homens na sociedade, desencadeou o processo religioso plural com liberdade e valorização de todas manifestações religiosas. Entretanto, em outra perspectiva, desencadeou um posicionamento focado numa mentalidade secular (mundana). Favoreceu o ambiente relativista, observado na sociedade como uma reivindicação de liberdade religiosa,¹⁰⁴ contribuindo com o “trânsito religioso”. Uma transição para outra religião na busca do sagrado e da satisfação pessoal.

Atualmente, com a pluralidade religiosa, não existe uma visão dominante. Antes, se tinha um número de visões de mundo concorrentes. Diante dessa realidade, as explicações dadas pelas religiões tradicionais e suas estruturas sociais vigentes viram-se enfraquecidas e o surgimento de novos movimentos religiosos florescem sem muito esforço para justificar suas doutrinas, tornando-se relevantes diante das antigas tradições religiosas.

¹⁰² Conforme o sociólogo BERGER, este processo de pluralização é descrita, também como a perda de potencia, ou seja, perda do poder jurídico e da capacidade de influência social da instituição-igreja. Apud MARTELLI, Stefano, *A religião na Sociedade Pós-Moderna*, 1995, p. 292.

¹⁰³ ZILLES, op. cit., p. 30.

¹⁰⁴ Também compreendida como Liberdade de pensamento ou liberdade de escolha, é a liberdade que os indivíduos têm de manter e defender sua posição, um ponto de vista ou uma ideia religiosa independente das visões dos outros. Consta na Declaração Universal dos Direitos Humanos em seu artigo XVIII, que expressa que "todas as pessoas têm direito à liberdade de pensamento, consciência e religião". Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade_de_pensamento - acesso: 27/03/19

2.2.3. Secularização como apropriação da verdade

Atualmente na sociedade contemporânea, assistimos um retorno ao sagrado e ao espiritual que surge contrariando as previsões de desaparecimento do cristianismo.¹⁰⁵ Um fenômeno novo, uma espiritualidade acompanhada por uma revolução de pensamentos e valores clássicos da nova civilização. Conforme Stefano Martelli, sociólogo da religião, “a nova forma religiosa apresenta-se como um fenômeno reservado essencialmente à esfera privada. O indivíduo tem acesso direto ao cosmo sagrado”.¹⁰⁶ Isso não se realiza através das instituições religiosas, mas vem como resposta do próprio homem ao seu anseio de espiritualidade e revestido de particularidades próprias.

Desenvolveu-se uma maneira completamente nova de se olhar para Deus. Busca-se uma espiritualidade que se estende e cresce de outras formas além da tradicional. Há uma tendência em negar o pertencimento a qualquer tipo de religião e afirmar uma espiritualidade autônoma e livre do comando de qualquer instituição ou autoridade religiosa.

Essa situação é geral e afeta não somente católicos e protestantes, mas também judeus e todas demais tradições religiosas.

Os números do Censo de 2010 explicam bem esta situação, onde há uma grande quantidade de pessoas sem religião, mas poucos são ateus ou agnósticos. Os dados apontam uma mudança epistemológica em curso na sociedade, onde o homem moderno se consolida a uma experiência de espiritualidade independente. Ele se reconhece como sujeito em liberdade para conduzir sua espiritualidade separada da

¹⁰⁵ Stefano Martelli fala sobre a existência de um “despertar religioso” a partir dos anos 80. Cf. MARTELLI, Stefano. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*. São Paulo, p. 411-413.

¹⁰⁶ Cf. LUCKMANN, o indivíduo é um consumidor de bens religiosos, que tem acesso direto a uma variedade de temas religiosos que são flexibilizados sob influência da subjetividade e tornam-se adaptáveis às exigências individuais de auto realização. Apud MARTELLI, Stefano. Op. cit., p. 303.

religião.¹⁰⁷ A sua salvação, ou qualquer que seja o conceito de recompensa desse sujeito, não passa mais pela instituição religiosa, mas sim pela sua própria experiência.

Pode-se dizer que essa nova consciência que vai delineando a sociedade contemporânea é entendida não apenas como um “retorno” ou um “despertar” religioso caracterizado por uma espiritualidade que escapa de qualquer instituição religiosa. Antes, pode ser entendida também como continuidade dentro de um processo de transformação sociocultural.¹⁰⁸ Viu-se, anteriormente, que na medida em que as sociedades entraram em um processo de transformação sociocultural, as atividades de estrutura social veem a ser gradativamente substituídas, criando uma nova estruturação cultural. O que não exclui a presença da religião, mas cada exercício estrutural da sociedade acaba, inevitavelmente, por causar consequências na reflexão que se faz acerca da religião e nas práticas religiosas que realiza-se.

Nesta análise, onde as culturas ao longo de suas histórias acabam produzindo suas próprias expressões religiosas, Mariá Corbí faz uma metáfora. A comparação da taça e do vinho,¹⁰⁹ onde o vinho pode ser entendido como o conteúdo sagrado da religião e a taça é a forma de recebê-lo, ou seja, a vivência religiosa.¹¹⁰ As formas de culturas: nossa maneira de pensar, sentir, ver e a vivência religiosa correspondem às taças. O vinho, conteúdo sagrado, sempre é servido na taça,¹¹¹ que sofre a influência da situação histórica de cada época. Portanto, nos tempos vigentes, o homem contemporâneo impõe suas pretensões de mudar a forma da taça. Atualmente, guarda-se o sagrado, mas não se vale da religião para interpreta-lo.

¹⁰⁷ BENKE, op. cit., p. 18.

¹⁰⁸ Cf. FERRAROTTI, F. et al. *Sociologia da Religião*, 1995, p. 244.

¹⁰⁹ Ressalta CORBÍ: “Várias tradições religiosas utilizam com frequência uma imagem, que já é milenar, para significar a peculiaridade dos fatos espirituais. Essa imagem, já clássica, é do vinho e da taça. A imagem diz que todo o nosso mundo humano, o de cada época e o de cada cultura, é como uma taça de onde é vertido o vinho da experiência absoluta da realidade. Nossa maneira de pensar, de sentir e de viver as realidades, nosso modo de conceber e de exprimir as coisas, nossas formas de comportamento, de organização e de trabalho – todas essas coisas, que são construídas por nós mesmos, são taças a partir da qual nos é possível recolher, usar e beber o vinho sagrado. Nessa taça, nós bebemos e o damos de beber”. CORBÍ, op. cit., p. 165.

¹¹⁰ CORBÍ, op. cit., p. 165.

¹¹¹ CORBÍ, op. cit., p. 163.

Essa reconstrução de uma forma específica de ver o transcendente, construída a partir da subjetividade, dá impulso a diversas questões dentro do cristianismo. Entre elas podemos destacar como principais:

a) A busca orientação de significados para a vida, para a relação com o divino e com os outros através de métodos místicos.¹¹² Uma experiência individual e paralela à fé, vislumbrando apenas o plano espiritual.¹¹³

b) Ao surgimento dos novos movimentos religiosos e do aumento de igrejas cristãs a partir do séc. XIX e, especialmente, no séc. XX.¹¹⁴

2.2.4. Resumo

Resumir o conceito de religiosidade contemporânea envolve afirmar que o sentimento religioso, assim como a necessidade de se acreditar em um Ser superior e transcendente, está acompanhado por uma diminuição de intensidade prática da religião, causada pelo processo de racionalização. Acompanha, também, uma visão pragmática e utilitarista despertada pela competição do mercado religioso e por fim, se expressa a uma experiência autônoma que não vem orientada pela instituição.

Cristãos sem igrejas e cristãos nominais são formas de mentalidade e de concepções de vida religiosa que estão consolidadas em ideias e pensamentos deste período da sociedade. Ou seja, uma experiência de espiritualidade extra institucional¹¹⁵

¹¹² Especialmente, novas formas religiosas, de caráter sectário, que combinam elementos da tradição judaico-cristã com outros provindos das religiões do Extremo Oriente. Cf. MARTELLI, Stefano. *A religião na Sociedade pós-moderna*, p. 338.

¹¹³ A palavra mística possui os mais diversos significados. Podendo ser uma experiência desenvolvida no interior da fé das tradições religiosas, como é o caso do Gnosticismo dentro do Cristianismo. Cf. ZILLES, Urbano. *A experiência religiosa e mística*. p. 46-53.

¹¹⁴ ZILLES, Urbano. *A experiência religiosa e mística*. Porto Alegre, 2015, p. 46-53.

¹¹⁵ MARTELLI, Stefano, op. cit., p. 284.

que não mais depende de práticas religiosas, mas por meio daquilo que fornece sentido e eficácia para as pessoas em suas subjetividades.

2.3. A secularização no ambiente cristão

Esta compreensão de religiosidade desenvolvida no pensamento contemporâneo tem suas implicações observadas também no cenário religioso cristão. Neste capítulo do trabalho, pretende-se fazer uma abordagem do secularismo forjado no próprio ambiente cristão com suas consequências para uma Igreja presente na sociedade atual. Vive-se em uma época histórica e desafiante pelo processo de secularização, que afeta necessariamente não só a sociedade, mas também a Igreja.

O teólogo jesuíta Mario de França Miranda,¹¹⁶ ao falar das transformações socioculturais de nossa época, igualmente afirma que o processo de secularização afeta a Igreja e isso ocorre primeiramente devido a mútua interação entre Igreja e a sociedade, “porque os membros da Igreja são também membros desta sociedade”.¹¹⁷ A Igreja não é capaz de permanecer imune a tais transformações. Ocorre, portanto, que a situação em que se encontra uma sociedade não deixa de refluir para dentro da Igreja¹¹⁸ e essa situação mostra naturalmente a origem de tensões e embates da Igreja na atual sociedade.

Com o processo de secularização, todas as áreas do âmbito social, como a família, a vida pública, a vida política e a atividade profissional sofrem desgastes provocados por rápidas e sucessivas mudanças das novas concepções de realidades. Os valores absolutos e as prioridades do homem moderno não se harmonizam com os

¹¹⁶ Mário de França Miranda, jesuíta, foi membro da Comissão Teológica Internacional e assessor teológico do CELAM. Com mestrado em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck e doutorado em Teologia pela Universidade Gregoriana, atualmente é professor associado da PUC-Rio. Fonte: Contra Capa da obra; *A Igreja que Somos Nós*, São Paulo: Paulinas, 2013.

¹¹⁷ MIRANDA, op. cit., p. 65.

¹¹⁸ MIRANDA, op. cit., p. 42.

conceitos cristãos e passam por certa crise de identidade.¹¹⁹ A questão crucial é que, na medida em que a sociedade moderna passou a ser dominada por sistemas de pensamentos incompatíveis com a fé cristã, logo, a Igreja passou a encontrar dificuldades em se comunicar com certas mentalidades e romper com algumas estruturas.

Para algumas pessoas, os elementos como a obediência e a castidade são contrárias à tendência de liberdade e realizações, e, por consequência, afastam-se da Igreja porque ela impõe padrões éticos de comportamentos numa época de permissividade e hedonismo.¹²⁰ Outras, no entanto, afastam-se da igreja por se sentirem ofendidas (pelos mais diversos casos). Outras pessoas, na prática, frequentam a Igreja em contextos particulares. Alguns em momentos especiais como batismos, casamentos e mortes, lembrando-se da Igreja apenas como tradição. Outros ainda se servem dela em momentos da trajetória pessoal, como doenças, crises existenciais, necessidades circunstanciais, etc. Seja qual for das causas citadas acima, essas pessoas mantêm um relacionamento superficial com a Igreja, mas se definem como cristãos. Podendo ser cristão não praticante ou até mesmo praticante, mas sem Igreja.

Enfim, nesse contexto, uma vida religiosa despojada de intensidade faz-nos encontrar crentes sem referência e sem experiência objetiva. Não levam a sério a Igreja e isso tem uma relação na causa de novas práticas de cristianismo.

2.3.1. Diversidade de confissões cristãs

Obviamente, as crenças religiosas diferem muito umas das outras, até mesmo as crenças dentro de uma mesma religião, como se dá no caso do cristianismo.

¹¹⁹ MIRANDA, op. cit., p. 42.

¹²⁰ MIRANDA, Mário de F. *Um homem Perplexo, o cristão na sociedade*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 6.

Diferentes instituições cristãs defendem diferentes expressões em relação às mesmas verdades, cada um advoga seu próprio conjunto de dogmas, mesmo sendo uma crença fundamentada sobre uma revelação.

A incessante diversidade de instituições cristãs apresenta como consequência a seguinte situação: promoção de disputas pelo espaço no mercado religioso e como resultado o homem contemporâneo se entende como consumidor confessional e desenvolve novas exigências, que consiste em fazer a escolha da Igreja pelo que lhe é proposto. Segundo Luckmann, na citação de Cipriani, “O pluralismo não é apenas uma questão interna das diversas confissões religiosas. Refere-se também à concorrência com outros contendores [...]”.¹²¹

Sem pretender expor exaustivamente as consequências dessa problemática, pretende-se fazer menção do pluralismo no espaço cristão Protestante.¹²² Uma das três principais divisões do cristianismo, com seus inúmeros tentáculos e suas ideologias que emergiram no processo histórico e progressivo. Desde a origem do protestantismo, surgiram inúmeras denominações religiosas.

2.3.2. A diversidade de confissões protestantes

A diversidade de instituições protestantes deve ser entendida a partir do processo sociocultural complexo de transformações de mentalidades que se desenvolveu na Modernidade do Ocidente.

O renascimento cultural rompeu com o mundo medieval, substituindo o teocentrismo por uma concepção antropocêntrica¹²³ e a partir de então, a renascença

¹²¹ CIPRIANI, op. cit., p. 243.

¹²² Por protestantismo entende-se o conjunto de comunidades cristãs que, em consequência do cisma do séc. XVI, vivem dissidentes da Igreja Católica.

¹²³ Cf. ZILLES, Urbano. *A Crítica da Religião*, Porto Alegre: EST Edições, 2009, p. 51.

inspirou o ideal do individualismo, que favorece os direitos, os desejos, as inquiuições, as iniciativas e o bem-estar dos indivíduos nos terrenos da política, da vida econômica e da vida social.¹²⁴ A ideologia do individualismo aprofunda-se também no terreno da religião, e afirma que todas as instituições e organizações sociais existem a fim de promover esses direitos e não a fim de furtá-las desses direitos.¹²⁵

A reforma protestante foi um retorno às origens, assim como foi toda a renascença cultural, logo, o protestantismo fomentou o individualismo moderno, salientando o princípio do chamado "*sacerdócio de todos os crentes*". Para sua justificação, o homem precisa unicamente crer, fazendo-se participante da "*graça divina*", a qual vem pela fé, não por ritos cerimoniais ou atitudes exteriores, coletivas, ministradas por outros. Tendendo, assim, por remover a distinção artificial entre o sagrado e o profano, entre o clero e o corpo leigo.¹²⁶

Esta mudança nas concepções do Cristianismo, no entanto, fez surgir um excesso comum desse ideal. Numa primeira etapa, o ponto de partida foi a reivindicação da liberdade de consciência, abrindo um novo caminho para se dirigir imediata e diretamente a Deus.¹²⁷ Consequentemente, ocasionou a divisão do tradicionalismo religioso Ocidental. E recentemente, acrescido ao moderno pensamento individualista, contribuiu com a fragmentação descontrolada de instituições.

Não se pretende fazer uma crítica a essas concepções, mas discutir o aparecimento ao excesso desse ideal que se manifesta, conforme podemos ver:

- Contribuição com a fragmentação descontrolada de instituições;

¹²⁴ CHAMPLIN, vl. 3, op. cit., p. 314.

¹²⁵ CHAMPLIN, vl. 3, op. cit., p. 314.

¹²⁶ CHAMPLIN, vl. 3, op. cit., p. 314.

¹²⁷ Para os reformadores, era uma ingenuidade pensar que uma instituição, assim como nenhum indivíduo isolado podem afirmar serem os donos da verdade, mesmo com a pretensão de apresentar uma linhagem pura da tradição de fé que remonta aos apóstolos.

- Com a supremacia do individualismo institucional, muitas dessas Igrejas pautadas pela independência, assumem atitudes arbitrárias que se expressam no abuso de poder, do prazer e da indiferença;
- Cada instituição com seus costumes e cada uma desenvolve o culto e seus elementos formais impregnados por sua originalidade institucional, muitos sem critérios hermenêuticos;
- Com a explosão do crescimento vertiginoso no número de denominações evangélicas, aparece a crescente dificuldade das instituições em manter seus adeptos dentro dos seus sistemas de crença, produzindo, conseqüentemente, a intensificação da competição entre as estruturas eclesiais.

O protestantismo tornou-se a mais diversificada das confissões cristãs, sendo mais dividido teologicamente e eclesiasticamente. Sem unidade estrutural ou autoridade humana central, os protestantes lideraram o conceito de uma igreja invisível em vez de um corpo de clérigos ou figuras institucionais.¹²⁸

Entendemos que era contra as intenções de Lutero, ou qualquer outro reformador, essa atual diversidade de Igrejas protestantes. Entretanto, o fator da diversificação vem mostrando-se cada vez mais repetitivo nos movimentos protestantes, principalmente nas suas modalidades pentecostais¹²⁹ e neopentecostais.

¹²⁸ Cf. CHAMPLIN, vl. 3, op. cit., p. 314.

¹²⁹ Pentecostalismo - São igrejas que surgiram nos Estados Unidos no início do século XX, movimentos com influência de batistas e metodistas. A crença em dons espirituais, batismo no Espírito Santo e no movimento de reavivamento, são características comuns a muitas denominações pentecostais. "Não demorou em que surgissem muitas divisões separadas do movimento, as quais se transformaram em denominações. E, então, a fragmentação do protestantismo acelerou-se extraordinariamente". Cf. CHAMPLIN, vl. 5, op. cit., p. 201.

O pentecostalismo é uma vertente protestante que tem suas origens no ano de 1906 em Los Angeles nos Estados Unidos¹³⁰. Nas décadas que seguiram, na segunda metade dos anos de 1970, surge o Neopentecostalismo.¹³¹ Houve a ascensão desses movimentos que foram se fortalecendo e ganhando visibilidade. No qual também se presencia uma difusão de uma multiplicidade de novas formas de Igrejas cristãs.

As Igrejas Neopentecostais, de carácter sectárias, combinam de vários modos elementos da tradição cristã com outros princípios provindos de outras religiões. A configuração institucional dessas confissões sectárias não corresponde em muitos aspectos à sua identidade teológica, mas a sua capacidade de ressignificar os elementos religiosos.

Nestas confissões cristãs, as várias instituições religiosas independentes se veem impelidas a defender seus interesses diante da concorrência e a empregar métodos e estratégias de atração de fiéis. Instaura-se, assim, nesses grupos, uma incessante revisão das estratégias de recrutamento dos fiéis e a fazer concessões aos interesses e preferências dos adeptos.¹³²

É relevante observar, além disso, a concorrência entre muitas dessas Igrejas através das publicidades midiáticas e, frequentemente, se inauguram novas Igrejas mesmo em locais próximos a outra Igreja já existente. Cada instituição defendendo o seu conceito e ministério, a maioria extremamente apelativa e sensacionalista.

John MacArthur, autor de mais de 150 livros, muitos deles *best-sellers*, no prefácio de sua obra escreveu que algumas das maiores e mais influentes Igrejas evangélicas agora ostentam cultos que são planejados com o propósito de serem mais divertidos do que

¹³⁰ Geralmente considerado como tendo começado com Seymour no avivamento da rua Azusa.

¹³¹ Designam de Neopentecostal as igrejas da “Terceira Onda do movimento Pentecostal”. É um movimento dentro do cristianismo que surgiu em meados dos anos 70 e 80, algumas décadas após o movimento pentecostal. Dissidente do pentecostalismo clássico ou mesmo das igrejas cristãs tradicionais (batistas, presbiteriana, metodistas...).

¹³² Cf. Stefano, na situação de *marketing* o que conta é o resultado. Para obter audiência, as igrejas são obrigadas a atrair seus fiéis com propostas atraentes, racionalizando, ao mesmo tempo, a própria organização, para conseguir uma maior eficiência. MARTELLI, *A religião na sociedade pós-moderna*, 1995, p. 291.

reverentes. Conforme MacArthur: “ A metodologia tradicional – especialmente a pregação – está sendo descartada ou menosprezada em favor de novos métodos, tais como dramatização, dança, comédia, variedades, grandiosas atrações, concertos populares e outras formas de entretenimento. Esses novos métodos são, supostamente mais “eficazes”, ou seja, atraem grandes multidões. E, visto que, para muitos, a quantidade de pessoas nos cultos tornou-se o principal critério para se avaliar o sucesso de uma Igreja, aquilo que mais atrair o público é aceito como bom, sem uma análise crítica. Isso é pragmatismo”.¹³³

No esforço de compreender a Palavra de Deus, algumas destas Igrejas diferem em diversas doutrinas e a teologia tem se mostrado cada vez mais diversificada, resultando em uma quantidade de temas e significação última. Embora algumas tenham se aproximado mais das Escrituras com verdades fixadas em suas declarações de fé.¹³⁴ Outras, no entanto, apresentam-se embrenhadas em desdobramentos e desvios de critérios hermenêuticos.

Para concluir, no que diz respeito ao que viu-se, uma série de grandes mudanças e acontecimentos parecem ter reduzido o papel do cristianismo na sociedade e provocou a evolução irreversível das formas do pensamento, da atitude e da vida de seus fiéis, manifestada pelo fenômeno que modernamente chamamos de *secularização*. O cristianismo é para nossa época uma das escolhas religiosas, permitindo que o indivíduo experimente conteúdos religiosos diversos, associado a uma visão de mundo pragmática e utilitária.

Existe, atualmente, um novo interesse pela religião, mas o que pode o cristianismo oferecer contra a uma visão relativista dos conceitos e da cultura? Terá o cristianismo relevância na modernidade que dissolve os conceitos sagrados e

¹³³ MACARTHUR, John. Com vergonha do Evangelho. Quando a Igreja se torna como o mundo. São Paulo: Fiel, 2014, p. 8.

¹³⁴ Essa palavra vem do latim, com o sentido de-creio-. Credo, declaração de fé, confissões de fé ou regras de fé são interpretações autorizadas das Escrituras Sagradas aceitas e reconhecidas por uma igreja ou denominação, tornando-se uma afirmação tradicional de suas crenças fundamentais. Cf. CHAMPLIN, vl. 1, op. cit., p. 949.

reinterpreta-os, no indivíduo “autônomo”, recolhendo conteúdos subjetivos de uma racionalidade plural?

2.4. Considerações importantes

Embora tais transformações nas sociedades modernas tenham ocorrido, precisa-se da consciência de que é possível anunciar uma autêntica vivência cristã em noções seculares. Precisa-se levar em consideração que o desafio que a fé encontra dentro de um novo mundo secularizado refere-se exclusivamente a esse sentido negativo da secularização. No entanto, a secularização tem muitas faces. Deve-se ter em conta as seguintes considerações:

a) A importante virada epistemológica no campo religioso.¹³⁵ A partir dos anos 70, várias sociedades pós-industriais veem a rápida difusão de uma multiplicidade de novas formas religiosas que é resultado de uma “redescoberta religiosa”. Para muitos estudiosos, trata-se de um retorno da prática religiosa que esteve ausente na vida da sociedade ocidental e que foi despertada.¹³⁶ No entanto, tal prognose não acontece apenas nas sociedades em via de desenvolvimento de terceiro mundo, “mas também naquelas modernizadas e forçadamente secularizadas pela imposição de ideologia marxista-leninista do leste europeu.”¹³⁷ Segundo Martelli: “Nos países europeus mais industrializados, assiste-se à multiplicação e difusão de cultos, seitas e novos movimentos religiosos, acompanhado do crescimento de grupos e movimentos

¹³⁵ Desde Max e Engels, iniciadores da teoria do conflito, sustentavam a tese de que a religião seja uma forma primitiva e fantasiosa de pensamento, destinada a desaparecer no curso da evolução social, até a tentativa de Comte, de substituir a religião pela sociologia. Não conseguiram assegurar suas pretensões. Cf. MARTELLI, op. cit., p. 37-41.

¹³⁶ ZILLES, Urbano. *A crítica da Religião*. Porto Alegre: EST Edições, 2018, p. 15-16.

¹³⁷ MARTELLI, op. cit., p. 9-10.

eclesiais”.¹³⁸ Estas mudanças revolucionárias foram vistas como um novo tempo de oportunidades para o cristianismo.

b) Na secularização como fato positivo temos a laicidade do estado que assegurou a liberdade religiosa para seus cidadãos no Ocidente. A liberdade de consciência assegurada pela valorização de todas as manifestações religiosas, uma transformação desencadeada pelo processo religioso plural.

c) A globalização apresentou uma oportunidade e um desafio para as missões e Igrejas cristãs. No final do século XX, os cristãos tinham plena consciência de que milhares de pessoas no planeta tinham crenças completamente diferentes das suas, inspirando movimentos missionários pelo mundo inteiro.¹³⁹

Além dos fatores positivos de transformações sofridas pela sociedade, é importante levarmos em consideração que o cristianismo tem seu papel autônomo e não pode ser interpretado simplesmente pelas mutações ocorridas na modernidade.

As transformações sofridas pela sociedade colocaram o cristianismo e todas demais religiões tradicionais em crise e inspiraram postulados da perda progressiva de suas funções ou de sua superação na sociedade moderna.¹⁴⁰ Porém, as principais teorias sociológicas que anunciaram o fim do cristianismo¹⁴¹ apresentam-se hoje inadequadas para interpretar os fenômenos religiosos contemporâneos.¹⁴²

A busca de fundamentos é apontada por muitos estudiosos como um importante fator responsável pelo retorno da sociedade à religião. A ineficácia da filosofia e da ciência contemporânea se considerando ateia e agnóstica são inúteis nas

¹³⁸ MARTELLI, op. cit., p. 9-11.

¹³⁹ Cf. SHELLEY, op. cit., p. 539-546.

¹⁴⁰ Toda sociedade passa por mudanças. Estas mudanças constituem o que chamamos de mudança social. Num processo de mudança social, especialmente quando se faz rapidamente, surgem tensões. Cf. HOUTART, op. cit., p. 111.

¹⁴¹ Em 1848, os pensadores Karl Marx e Friedrich Engels apareceram com um elaborado arcabouço teórico que visava renovar o socialismo. Tinham uma atitude negativa para com a religião, vendo-a essencialmente como "o ópio do povo", que foi usado pelas classes dominantes para dar à classe trabalhadora uma falsa esperança.

¹⁴² MARTELLI, op. cit., p. 15.

interrogações sobre a natureza de Deus. Proporcionam informações sobre questões objetivas e históricas que não preenchem a função essencialmente religiosa e não são capazes de construir axiologias, nem propor valores de forma eficaz.¹⁴³ O ser humano torna-se escravo do próprio sistema criado pela compreensão da vida como projeto e liberdade. Nele o homem não encontra Deus, apenas as suas realizações e todo aparato tecnológico mostra-se incapaz de responder às perguntas mais profundamente humanas como o sentido da vida. Dessa forma, o sonho de liberdade parece ficar mais distante.¹⁴⁴

Deve ser considerado, também, que o cristianismo tem a capacidade de se ressignificar para o seu tempo. “Há algo de eterno na Igreja”.

Todos os desafios apontados na modernidade acompanham a Igreja desde as suas eras iniciais. Cristãos sofreram as perseguições imperiais até ao Edito de Constantino em 313 d.C.,¹⁴⁵ a supressão do Paganismo, Controvérsias, etc. Ainda hoje, têm superado regimes comunistas, fundamentalismo, movimentos culturais que declaram o cristianismo como uma ilusão destinada a desaparecer no curso das transformações sociais e ideologias com suas pretensões de substituir Deus pela ciência e muitos outros.

O cristianismo hoje em dia, positivamente, cada vez se universaliza mais. Está presente na maioria dos países, etnias e classes sociais, e sua força missionária está em expansão. Tudo isso são provas de que as marcas que a Igreja trouxe consigo ao longo da história, mostram que ela foi edificada para abalar o mundo e atestou sua natureza divina e militante.

No entanto, a Igreja atual deve ter coragem para encarar o futuro numa complexa problemática entre fé e cultura, ser capaz de dialogar sem perder sua identidade e sua vocação.

¹⁴³ cf. ZILLES, Urbano. *Há espaço para a Fé no Mundo Atual?*. Porto Alegre: EST, 2017, p. 90.

¹⁴⁴ ZILLES. op. cit., p. 90.

¹⁴⁵ O Édito de Milão, promulgado a 13 de junho de 313 pelo imperador Constantino (306-337), assegurou a tolerância e liberdade de culto para com os cristãos, alargada a todo o território do Império Romano. SHELLY, Bruce. *História do Cristianismo*. São Paulo: Shedd, 2004, p. 105.

Sua coragem deve permitir olhar para a realidade ao seu redor e assumir sua responsabilidade com essa sociedade indiferente e apática ao que ela tem a dizer. Pois a própria identidade da Igreja, sua razão de ser, decorrem de sua responsabilidade de proclamar o Reino de Deus diante da nova situação.¹⁴⁶ Nas palavras de Miranda : “Buscar influir na sociedade é uma característica essencial da Igreja, à qual ela não pode renunciar”.¹⁴⁷

¹⁴⁶ Cf. MIRANDA, Mario de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 78.

¹⁴⁷ Cf. MIRANDA. *op. cit.*, p. 78.

3. A REFLEXÃO TEOLÓGICA

O vocábulo Igreja é uma palavra de muitos sentidos pelo qual se podem entender realidades bastante diferentes.¹⁴⁸ Do ponto de vista sociológico, por igreja se pode entender uma construção física, sendo o centro espiritual que se usa para reunião, visando realizar o culto divino. Algumas construções são grandes e majestosas, outras são pequenas e simples. Algumas estão sempre ao lado da praça principal do bairro e outras nas periferias. Quando se fala em Igreja também se designa uma instituição com diversos órgãos e ministérios, que além de sua denotação espiritual, é agente inclinada a melhorar a vida dos indivíduos com suas organizações filantrópicas.¹⁴⁹ Ou seja, uma comunidade com estruturas participativas.¹⁵⁰ Porém, na concepção dogmática, a Igreja no seu sentido mais amplo é entendida como um conjunto de pessoas regeneradas em todos os tempos e épocas, no céu e na terra¹⁵¹ (cf. Mt 16.18; Ef 1.22-23; Hb 12.23).

Considere-se neste capítulo que não se pretende fazer uma apresentação de caráter apologético sobre a Igreja. O objetivo é apresentar alguns conceitos fundamentais envolvendo a História e a Doutrina da Igreja. Uma reflexão eclesiológica e teológica que entendemos ser essencial para a situação da Igreja neste momento histórico, ou seja, o desigrejismo cristão. É importante considerar, ainda, que se está abordando a necessidade de pertença a Igreja em sua forma institucional. Pretende-se, assim, evidenciar a necessidade de congregar. Uma situação que corresponde tanto ao católico que professa a fé sem, contudo, pertencer à Igreja a qual foi batizado, quanto ao fiel evangélico, que através de seus argumentos teológicos, romperam com a instituição. Em momentos distintos, evidencia-se o sentido de pertença à Igreja a partir da compreensão protestante. Como se sabe, existem diferenças no interior do cristianismo que ainda separam as denominações eclesiásticas. Temas como a Eucaristia, o papado, a

¹⁴⁸ Cf. KASPER, walter, *A Igreja Católica*, 2011, p. 71.

¹⁴⁹ Cf. KASPER, op. cit., p. 71.

¹⁵⁰ Cf. KASPER, op. cit., p. 71.

¹⁵¹ STRONG, Augustus, H. *Teologia sistemática*, v.2, 2003, p. 1559.

sucessão apostólica e a própria noção de comunidade eclesial ainda são objetos de encontros ecumênicos.¹⁵²

3.1. A etimologia da palavra igreja

O conceito que hoje denominamos “Igreja” não existe antes de Jesus Cristo. Pelo menos não no sentido idêntico ao que encontramos no Novo Testamento.

No Antigo Testamento, as duas palavras utilizadas para indicar o conceito de comunidade religiosa ou assembleia do povo de Israel era *qahal* e *edah* (cf. Dt 4.10; 9.10; 31.12). Ambas designavam diversos tipos de assembleia do povo que se reúne convocados por Deus, tal como se dera no Sinai ou como acontecera com Esdras, quando Israel ouvia a Deus que lhe falava.¹⁵³ Existe uma sutil diferença entre essas duas palavras, onde *Qahal*, termo introduzido na época deuteronomista, indica o momento ativo da comunidade, a assembleia ou a reunião convocada por Deus para o culto. E *Eda*, termo de origem dos escritos sacerdotais e da literatura pós-exílica, indica o momento passivo da comunidade, ou seja, a assembleia reunida como congregação para uma decisão.¹⁵⁴

Na tradução grega do Antigo Testamento (LXX), a palavra hebraica *edah* foi traduzida por *sinagoghê* (sinagoga) para indicar tanto a comunidade religiosa judaica, quanto o seu lugar de reunião. E *qahal* foi traduzida por *Ekklêsía*, para indicar a comunidade composta de homens, mulheres e crianças, para aceitar a decisão de Deus

¹⁵² O moderno movimento ecumênico tem o propósito declarado de tentar reverter a fragmentação da cristandade que se vem processando há séculos. Esse movimento busca descobrir um terreno comum mínimo, em torno do qual possam unir-se muitos segmentos da cristandade. O movimento ecumênico visa a unidade e a universalidade da Igreja Cristã Universal. Cf. CHAMPLIN. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. vl. 4, p. 389.

¹⁵³ RATZINGER, *O Novo Povo de Deus*. São Paulo: Molokai, 2016, p. 137.

¹⁵⁴ Cf. HACKMANN, Geraldo, B. *A amada Igreja de Jesus Cristo. Manual de Eclesiologia como Comunhão Orgânica*, edipuc: porto alegre, 2002, p. 24; PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Eclesiologia*. Loyola, 5ed. 2010, p. 26.

na sua Palavra.¹⁵⁵ Foi natural que a Septuaginta tivesse adotado esse vocábulo, porquanto já era originário das assembleias governante de cada cidade-estado dos gregos. O vocábulo foi extraído do grego comum, mas com uma evolução do ponto de vista de seu conteúdo.¹⁵⁶ O termo evoluiu da compreensão de uma reunião para tomar decisão política para assumir o sentido de uma reunião com propósito de ouvir a decisão de Deus e responde-la.¹⁵⁷

Portanto, a palavra Igreja que utilizamos é derivada de *ekklêsía*, o termo mais usado no Novo Testamento grego para designar a assembleia do povo de Deus. Seu conteúdo faz alusão ao fato de que os membros da Igreja são os convocados para congregar em função de um objetivo específico.¹⁵⁸

3.2. A Igreja no Novo Testamento

No Novo Testamento, a repetição do termo grego *ekklêsía* aparece com um tríplice significado: a) um culto cristão, não o lugar, mas o povo reunido em um lugar com propósito específico, a assembleia litúrgica¹⁵⁹ (cf. I Co 14:4,9,28,35; 11:18); b) para considerar a totalidade dos crentes de uma determinada comunidade cristã, ou seja, a igreja local¹⁶⁰ (cf Mt 18:17; At 5:11; I Co 4:17; 16:19; Rm 16:5); c) para indicar a Igreja universal,¹⁶¹ um organismo espiritual que tem Cristo como a cabeça e o centro (cf Mt 16:18; Ef 1:22; 3:10,21; 5:23; 5:27,29,32; Cl 1:18,24; Fl 3:6).

Como nota significativa dos textos da Escritura Sagrada, torna-se evidente que o termo grego *ekklêsía* se define no Novo Testamento para indicar a Igreja,

¹⁵⁵ Cf, HACKMANN, op. cit., p. 24; PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Ecclesiologia*. Loyola, 5ed. 2010, p. 53.

¹⁵⁶ Cf, HACKMANN, op. cit., p. 24.

¹⁵⁷ Cf, HACKMANN, op. cit., p. 24.

¹⁵⁸ Cf. HACKMANN, op. cit., p. 24; PIÉ-NINOT, op. cit., p. 27.

¹⁵⁹ Cf, HACKMANN, op. cit., p. 25.

¹⁶⁰ Cf, HACKMANN, op. cit., p. 24.

¹⁶¹ HACKMANN, op. cit., p. 24.

essencialmente no sentido de uma convocação divina (a Igreja universal), assim como no sentido de uma congregação (a Igreja local).¹⁶² Ou seja, a Igreja é entendida como um organismo invisível e eterno, correlacionada a uma organização visível e esta, por sua vez, realiza de forma concreta a assembleia litúrgica.¹⁶³ Não pode ser confundida com o prédio,¹⁶⁴ mas diz respeito a todos os convocados que vivem em comunidade local encarada como a representação real e total do corpo de Cristo.

Essa linha de compreensão permite afirmar que o chamado recebido para fazer parte da *ekklêsia* torna o cristão coletivamente acessível, e um só cristão ou qualquer cristão que vive isolado, não é Igreja. Não basta afirmar uma vaga unidade espiritual sem assumir formas visíveis. Assim, também, não faz sentido praticar uma espiritualidade cristã e não ter ligação com os outros cristãos. Na frase “Nós somos a Igreja”,¹⁶⁵ esta implicitamente o significado de reunir-se. Deus não nos chamou para uma fé individual, mas a uma comunhão dos santos.

Acentua-se ainda que, se a Igreja tem um aspecto universal, e também local,¹⁶⁶ deve haver um lugar que será um sinal visível dos objetivos para os quais a *ekklêsia* exista. Um lugar físico de acordo com a proposta de seu fundador, Jesus Cristo. Uma comunidade com ação missionária, aberta a todos que queiram fazer uso dela e não limitada a uma categoria especial de pessoas, ficando fechada a outras.

Além das ideias apresentadas nos textos bíblicos citados, o livro de Atos, a principal fonte informativa que permite discernir os primeiros anos da formação e propagação da Igreja, mostra que a Igreja cristã era uma entidade distinta de todas as demais. Os crentes possuíam uma profunda consciência social e atitude de ardor e confiança inspirada pela ideia de um retorno imediato de Cristo e exerciam os dons do

¹⁶² PIÉ-NINOT, op. cit., p. 26.

¹⁶³ STRONG, Augustus. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnno, 2007, p. 1562.

¹⁶⁴ Paulo escreveu aos cristãos de Efésio: “Cristo amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ela” estava se referindo as pessoas pelas quais Cristo morreu para as redimir” (cf. Efésios 5.25).

¹⁶⁵ A frase é quase sempre apresentada, por desigrejados, em um contexto desprovido de qualquer evidência ou prova, para justificar a dispensabilidade de frequentar um templo.

¹⁶⁶ Cf. CHAMPLIN, vl. 2, op. cit., p. 214.

Espírito Santo.¹⁶⁷ Logo, ser parte da *ekklêsía* é ter/fazer uma experiência de comunidade cristã, ser coletivamente acessível, estreitando os laços que unem todos os homens como irmãos em Cristo.

3.3. Imagens Neotestamentárias para a Igreja

O Novo Testamento faz uso de vários termos para descrever as múltiplas realidades da Igreja, bem como a necessidade de pertença a ela e o seu relacionamento com Cristo. São símbolos que se completam e se interpretam respectivamente, não estão em oposição, nem podem ser substituído um ao outro, pois cada símbolo retribui algo para a descrição fundamental da essência da Igreja.¹⁶⁸ A Igreja é apresentada como: Povo de Deus (cf. Tt 2.14; I Pd 2.9-10), Corpo de Cristo (cf. Rm 12.5, 27; Ef 5.30), Rebanho de Cristo (cf. Jo 10.16; At 20.28), Noiva do Cordeiro (cf. Ap.21.9; 22.17), Edifício de Deus (cf. I Co 3.9), Nação Santa (cf. I Pd 2.9) e outros.

3.3.1. Igreja como Corpo de Cristo

A Igreja é chamada de “Corpo de Cristo” para expressar nossa unidade com Cristo e uns com os outros. Todos os membros constituem uma unidade em torno da pessoa de Jesus Cristo, que é a cabeça do corpo. A expressão metafórica “Corpo de Cristo” aponta exclusivamente para a identidade da Igreja, ou seja, ela é parte integrante de Cristo. Desta forma, como a cabeça comanda o resto do corpo, Jesus comanda a Igreja. Como seu corpo, ele vive e age nela.

Na expressão Corpo de Cristo, estão ilustrados os seguintes princípios básicos:

¹⁶⁷ CHAMPLIN, vl. 3, op. cit., p. 214.

¹⁶⁸ KASPER, op. cit. p. 166.

1. Assim como todas as partes do corpo estão ligadas e trabalham juntas, os cristãos devem trabalhar unidos para o Reino de Deus. Cada parte do corpo são instrumentos postos a serviço desse Reino.
2. Assim como todas as partes do corpo estão ligadas e caminham juntas, cada membro depende dos outros para sua própria existência. Há uma importância decisiva em cada um, mas não uma importância exagerada que conduza o indivíduo a mostrar-se orgulhoso, pois pela unidade a sua importância se perde.¹⁶⁹
3. Assim como todas as partes do corpo estão ligadas e se completam, cada indivíduo faz parte do corpo de Cristo. Um só indivíduo não é o corpo, logo, não pode isolar-se.

Cada um exerce sua respectiva função e cada uma dessas funções é importante para a vida comunitária da Igreja, onde nenhum membro individual funciona com exclusividade. Todos os membros foram regenerados pelo Espírito Santo, o qual capacita a cada um dos membros terem amor pelos demais.

3.3.2. Igreja como Povo de Deus

A expressão “Povo de Deus” aparece na antiga aliança, empregada na promessa de Deus a Israel: “Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha” (cf. Ex 19.5). É empregada, ainda, para indicar Israel quando posta em

¹⁶⁹ CHAMPLIN, vl. 1, op. cit., p. 928.

contraste com as nações gentílicas e para designa-lo como se fosse o único verdadeiro povo de Deus (cf. Dt 27.9; Ez 36.20; II Re 11.17).¹⁷⁰

A expressão foi transferida para o contexto neotestamentário, agora, para indicar a Igreja cristã. Por tratar-se do mesmo termo *Laós* do Antigo Testamento, empregado para distinguir Israel dos demais povos, indica, também, que tudo aquilo que foi dito a Israel é, agora, aplicado à Igreja.¹⁷¹ Os cristãos tornaram-se, por assim dizer, os sucessores da antiga aliança, como o novo povo de Deus. (cf. At 15.14, 3.25; I Pd 2.9; Gl 3.17;). O Concílio de Jerusalém em 49 d.C (cf. At 15) mostra que os cristãos se compreenderam independentes da comunidade judaica e aptos para uma dimensão universal.¹⁷² Agora, todos os povos da terra são chamados a aderir a Palavra de Deus e constituir a Igreja de Cristo, o novo Povo de Deus.¹⁷³

Sem dúvida os conceitos “Corpo de Cristo” e “Povo de Deus” têm enormes consequências em termos concretos e mais eficazes de uma visão da Igreja em comunhão. Ambos os conceitos declaram que a salvação também tem um aspecto coletivo e não apenas individual. Os cristãos se relacionam entre si como componentes de um povo ou corpo místico que está sendo salvo e está, conjuntamente, a caminho da Jerusalém celestial.

3.4. Aproximação teológica da Igreja

A igreja foi expandindo e conceitos eclesiológicos surgem para configura-la, de tal maneira que corresponda ao máximo ao sentido de sua designação. As primeiras

¹⁷⁰ Cf, HACKMANN, op. cit., p. 146.

¹⁷¹ Cf, HACKMANN, op. cit., p. 147.

¹⁷² Cf, HACKMANN, op. cit., p. 148.

¹⁷³ Desde as origens, a Igreja tinha consciência de ser acessível a todas as nações. Qualquer ligação com o império, seitas, raças ou classe social seria uma negação de si mesma. Cf. HAMMAN. *A vida Cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)*, p. 125.

reflexões sobre a eclesiologia surgiram do confronto de apologetas ao responder as objeções postas por gnósticos e outras correntes de pensamentos como o docetismo, o montanismo e o novacionismo. Sob a luz da teologia do Novo Testamento, os apologetas, respondem no que diz respeito às doutrinas da Igreja e sua forma de governo.¹⁷⁴

3.4.1. Desenvolvimento inicial da Instituição Igreja

Apesar das perseguições, os cristãos do segundo e do terceiro século multiplicavam-se com rapidez obrigando, naturalmente, a um desenvolvimento das instituições e dos serviços da Igreja. O que implica o aumento do trabalho imposto aos clérigos e a especialização dos quadros,¹⁷⁵ desenvolvendo consideravelmente a hierarquia eclesiástica. Surgiam ainda, grupos de hereges que pregavam uma doutrina diferente da dos Apóstolos,¹⁷⁶ ameaçando a existência da própria Igreja. Essa aparição de divisões de caráter doutrinário na Igreja impôs a necessidade de fixar o Cânone do Novo Testamento e de se estabelecer os artigos de fé.¹⁷⁷

Os *Padres da Igreja*, grandes homens defensores da doutrina da Igreja, aproximadamente do século II ao século VII, firmaram os conceitos da nossa fé perante os hereges que ameaçavam a paz e a unidade da igreja.¹⁷⁸ Quando a Igreja foi ameaçada por certas heresias, como a do gnosticismo e outras escolas de pensamentos estranhos, resultou no surgimento de um padrão mais nítido de organização eclesiástica¹⁷⁹ e, também, em certas doutrinas como a da sucessão apostólica, a fim de distinguir a

¹⁷⁴ ZILLES, *História da Teologia Cristã*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2014, p. 9.

¹⁷⁵ Cf. ROPS, op. cit., p. 381-382.

¹⁷⁶ Os cristãos dos séculos II e III tiveram que lutar em duas frentes. Ao mesmo tempo em que lutavam contra os obstáculos à sobrevivência da fé cristã, diante das tentativas do Império de acabar com ela, havia também, a sutil e não menos perigoso, a heresia dentro de suas próprias fileiras. p. 84.

¹⁷⁷ Os credos foram concebidos para formular os fundamentos de fé cristã. Cf. CAIRNS, op. cit., p. 60.

¹⁷⁸ Cf. ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, p. 317-320.

¹⁷⁹ Cf. HÄGGLUND, *História da Teologia*, p. 19 et seq. 89.

verdadeira Igreja das inovações heréticas. Segundo Inácio, o bispo era o símbolo da unidade cristã e o portador da tradição apostólica.¹⁸⁰ No século III d.C., os alexandrinos, Clemente, Orígenes e outros, enfatizaram a Igreja espiritual ou celeste em distinção à Igreja visível, terrena.

No Ocidente, por sua vez, foi Cipriano que continuou a desenvolver o conceito de Igreja, no caso do cisma Novaciano. Diante dos esforços de unificação dentro da cristandade dividida, Cipriano (258 d.C.), Bispo de Cartago,¹⁸¹ divulga por volta do outono do ano de 251, sua principal obra de conduta cristã denominado: *Catholicae Ecclesiae Unitate - A Unidade da Igreja Católica*. Este tratado foi escrito em relação aos seguidores de Novaciano¹⁸² que pareciam interessados na destruição da unidade da Igreja.¹⁸³ Não era um enunciado para os não cristãos, mas um aviso dirigido àqueles a quem recebera o batismo e que agora correm o risco de separar-se da fé e da unidade da Igreja.¹⁸⁴

Cipriano exorta os fiéis a não abandonarem o único rebanho de Cristo para seguir aqueles que deste se separaram, criando comunidades próprias. Para isso, ele elabora o conceito da primazia de Pedro ao traçar a linha de sucessão apostólica na Igreja.¹⁸⁵ Igualmente, faz distinção entre bispo e presbítero, colocando o bispo como centro da unidade da Igreja. Para ele, a unidade da Igreja reside no episcopado.¹⁸⁶

¹⁸⁰ Cf. HÄGGLUND, os fiéis eram convocados para cerrar fileiras em torno dos bispos, que sucederam os apóstolos como dirigentes das congregações. op. cit., p. 89.

¹⁸¹ Cf. CAIRNS, Cipriano foi nomeado Bispo de Cartago, posição em que permaneceu por nove anos até ser martirizado, por volta de 258. *O Cristianismo através dos séculos*. p. 97.

¹⁸² Pressionados pelas autoridades a renegarem a fé sob ameaça de prisão ou morte, muitos cristãos ofereceram sacrifícios (*sacrificati*) ou compraram certificados fraudulentos (*libellatici*). Os confessores (aqueles que haviam sofrido pela fé) e alguns presbíteros achavam que esses apóstatas deviam ser readmitidos à igreja caso se mostrassem arrependidos. Cipriano se inclinou a favor de um sistema de readmissão baseado nos graus de seriedade da traição, suas ideias ganharam aprovação geral e criou-se um sistema gradual de penitência que recebeu oposição do bispo Novaciano. Os seguidores de Novaciano começaram a construir uma rede de pequenas igrejas. Cf. SHELLEY, *História do Cristianismo*, p. 82-86.

¹⁸³ CAIRNS, op. cit., p. 97.

¹⁸⁴ KASPER, op. cit., p. 161.

¹⁸⁵ CAIRNS, op. cit., p. 97.

¹⁸⁶ SHELLEY, op. cit., p. 84.

Ele concluiu que a Igreja é indispensável para a salvação, como afirmou em duas famosas expressões: *Fora da Igreja não há salvação* e *Ninguém pode ter a Deus como pai se não tem a Igreja como mãe*.¹⁸⁷ Essas práticas em desenvolvimento eram a garantia contra o divisionismo. Em sua opinião, os hereges e cismáticos não são a Igreja e suas ações não são de Cristo.

O axioma de Cipriano, *extra ecclesiam nulla salus*, (*fora da Igreja não há salvação*) influenciou os ensinamentos para assegurar a unidade da fé. Embora não fosse uma teoria geral, esse entendimento foi aprofundado na eclesiologia dos Padres da Igreja, onde os que foram batizados eram advertidos a permanecer na Igreja, pois assim como a arca usada para salvar Noé e sua família do dilúvio, a Igreja seria para resgatar o mundo.¹⁸⁸

Agostinho continuou a desenvolver a tradição ocidental que se originara, acima de tudo com Cipriano. Ele elabora seu conceito de Igreja com a finalidade de explicá-la aos fiéis e para responder aos Donatistas.¹⁸⁹

Mas, foi na eclesiologia medieval que a acentuação dessa dimensão desenvolveu-se devido ao papel histórico-político que a comunidade cristã estava assumindo. Neste período, encontra-se o Credo de Santo Atanásio (séc.IV), o Papa Inocêncio III (1198-1216), o Concílio de Latrão (1215) e o Papa Bonifácio VIII (1294-1303).¹⁹⁰

¹⁸⁷ SHELLEY, op. cit., p. 84-86.

¹⁸⁸ KASPER, op. cit., p. 161.

¹⁸⁹ Este cisma, cujo nome vem de Donato, bispo de Cartago, surgiu durante a perseguição do Imperador Dioclesiano. Essa controvérsia incluía uma questão pessoal. Após a consagração de Ceciliano de Cartago por alguém acusado de traição. O partido rigorista negava a validade de tal ato. Os donatistas formaram seu próprio corpo eclesiástico, que diziam ser a única igreja verdadeira. Agostinho viu-se envolvido nesta controvérsia. Cf. HÄGGLUND, op. cit., p. 104-105.

¹⁹⁰ KASPER, op. cit., p. 161.

Por fim, em 1442, o Concílio de Florença transformou-o em um princípio universal,¹⁹¹ quando constatou expressamente que nenhum gentio, incrédulo ou separado da unidade da Igreja, poderia ser salvo fora da Igreja Católica.¹⁹²

Segundo Kasper, a sentença de Florença só se torna compreensível dentro do contexto de mundo antigo e medieval.¹⁹³ Partindo do pressuposto de que o evangelho havia chegado aos confins da terra, logo, toda pessoa que quisesse poderia aderir ao cristianismo. No entanto, com a descoberta de outros continentes, a Igreja percebeu que o enunciado de Florença não incluía os demais povos que, sem terem culpa, nunca tiveram a possibilidade de aderir ao evangelho.¹⁹⁴ Desde então, defende-se uma interpretação menos rigorosa e um desenvolvimento moderno dessa doutrina que será vista a partir do Concílio do Vaticano II.¹⁹⁵

A partir deste período da história do Cristianismo queremos distinguir as duas principais perspectivas eclesiológicas do Ocidente. São elas: a perspectiva eclesiológica Vaticano II e a perspectiva eclesiológica Protestante.

3.4.2. Eclesiologia a partir do Vaticano II

O Vaticano II consolidou os ensinamentos da Igreja com o seu tempo.¹⁹⁶ O papa João XXIII promoveu o que ele chamou de *aggiornamento*, palavra italiana que significa “atualização”.¹⁹⁷ A redação da constituição dogmática *Lumen Gentium* (Luz

¹⁹¹ KASPER, op. cit., p. 161.

¹⁹² KASPER, op. cit., p. 161.

¹⁹³ KASPER, op. cit., p. 159.

¹⁹⁴ KASPER, op. cit., p. 159.

¹⁹⁵ Concílio Ecumênico da Igreja Católica, Vaticano II (1962-1965) foi convocado no dia 05 de Julho de 1960, pelo Papa João XXIII. cf. HACKMANN, op. cit., p. 49.

¹⁹⁶ KASPER, op. cit., p. 162.

¹⁹⁷ O *aggiornamento* não deveria significar substituir a tradição da fé da Igreja, mas sim abertura ao mundo moderno. O Papa João XXIII convoca toda a Igreja para uma renovação, adaptando as tradições mais antigas da Igreja com o mundo de hoje. Cf. RATZINGER, op. cit., p. 315-317.

dos Povos) é o mais importante texto do Concílio do Vaticano II. O tema desse documento é a natureza e a constituição da Igreja, e defende o conceito de Igreja não só enquanto instituição, mas expressa principalmente nas figuras como Corpo de Cristo e Povo de Deus, baseado na teologia do apóstolo Paulo.

Logo no primeiro capítulo, o mistério da Igreja, já se pode ver uma configuração diferente na abordagem do tema da eclesiologia. A Igreja passou a ser vista não apenas como uma instituição hierarquizada,¹⁹⁸ mas também como uma comunidade de cristãos espalhados por todo o mundo na concepção de Corpo de Cristo. Uma comunidade de fé, testemunhada no Batismo e unida na Eucaristia.

O Concílio clarificou também o significado salvífico universal de Jesus Cristo, quando na constituição se afirmou que “Igreja de Cristo subsiste¹⁹⁹ na Igreja Católica” (cf. LG 8).²⁰⁰

O segundo capítulo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* completa a compreensão da natureza da Igreja, enfatizando o conceito Povo de Deus. A auto compreensão como Povo de Deus é uma categoria que se tornou dominante desde então.²⁰¹ Não se trata de uma nova definição, mas a realidade principal da Igreja acentuada no aspecto de serviço e de pertença à Igreja. Conforme França Miranda, o conceito eclesial recebido do passado que foi gerado ao longo dos séculos, devido aos desafios enfrentados pela Igreja, cede lugar a “uma nova mentalidade eclesial

¹⁹⁸ MIRANDA, op. cit., p. 26.

¹⁹⁹ A Congregação para a Doutrina da Fé (2007) que tem por objetivo defender a doutrina católica, fez uso da expressão *subsiste in*, em um breve documento para reafirmar que fora da Igreja Católica Romana, se encontram "diversos elementos de santificação e de verdade", que impelem para a unidade católica". "Por isso, as próprias Igrejas e Comunidades separadas, (...) não se pode dizer que não tenham peso ou sejam vazias de significado no mistério da salvação, já que o Espírito se não recusa a servir-se delas como de instrumentos de salvação, cujo valor deriva da mesma plenitude da graça e da verdade que foi confiada à Igreja Católica." cf. Respostas as questões relativas a alguns aspectos da Doutrina sobre a Igreja Santa Se. Disponível em: www.Vatican.va/Roman_Curia/Congregations/Cfaith/Index_Po.Htm. Acesso Em: 15 De Maio De 2019.

²⁰⁰ “(...), embora, fora da sua comunidade, se encontrem muitos elementos de santificação e de verdade, os quais, por serem dons pertencentes à Igreja de Cristo, impelem para a unidade católica.” cf. CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM.

²⁰¹ HACKMANN, op. cit., p. 145.

devido não só aos fatores providos das atuais mudanças sócio culturais, mas também, devido aos textos neotestamentários acolhidos pelo concílio do Vaticano II”.²⁰²

Para Kasper, o conceito do Povo de Deus aplica-se para livrar da mentalidade de um falso eclesiocentrismo. Muito antes, a Igreja tem estrutura Teocêntrica.²⁰³ Conforme Kasper, o ato de fé visa imediatamente à Deus. A mediação de fé pela Igreja tem caráter meramente de serviço, mas ela é, também, encaminhamento para essa imediatidade em relação a Deus.²⁰⁴ Em suas palavras, cada cristão se encontra numa relação imediata com Deus, mas não se encontra sozinho diante de Deus. A sua fé pessoal em Deus é possibilitada, carregada e apoiada pela Igreja.²⁰⁵

A imagem Povo de Deus aplica-se também para livrar a Igreja de uma auto ilusão pela Igreja puramente comunidade,²⁰⁶ pois não pode haver uma Igreja de comunhão e participação sem estruturas que favoreçam a comunhão e a participação de todos. Numa sociedade que se estrutura sempre mais, a eficácia da missão da Igreja depende também de sua organização.

O concílio dedicou o capítulo segundo a reflexão sobre esse conceito “Povo de Deus” antes de se falar da “Constituição Hierárquica da Igreja”,²⁰⁷ a fim de ajudar os cristãos a entender que, quando se fala de Igreja, se refere a igualdade de todos os batizados²⁰⁸ (os leigos e a hierarquia), não obstante os diferentes serviços e ministérios existentes e necessários.²⁰⁹ O conceito “Povo de Deus” serviu bem ao concílio para possibilitar a recuperação do tema do “sacerdócio comum dos fiéis” (LG 10). Todos os batizados têm parte na dignidade sacerdotal, profética e real do Povo de Deus.²¹⁰ Todos,

²⁰² MIRANDA, op. cit., p. 35.

²⁰³ KASPER, op. cit., p. 173.

²⁰⁴ KASPER, op. cit., p. 174.

²⁰⁵ KASPER, op. cit., p. 174.

²⁰⁶ KASPER, op. cit., p. 173.

²⁰⁷ cf. MIRANDA, se deveu a intenção da maioria dos bispos conciliares abordar o que diz respeito a todos os membros antes de tratar da hierarquia da Igreja. op. cit., p. 26; cap.III, LG 23.

²⁰⁸ KASPER, op. cit., p. 170-171.

²⁰⁹ cf. LG, 32.

²¹⁰ KASPER, op. cit., p. 170-171.

mediante o batismo, são Igreja, participantes do amor de Deus e da sua justiça, com responsabilidades próprias no dom da chamada à fé em Jesus Cristo.

Reconhece-se, assim, que todo cristão é dotado de dons do Espírito Santo e que essa realidade carismática constitui elemento fundamental da identidade da Igreja e da sua missão.

Nenhum fiel está excluído à pertença ao povo de Deus, entretanto é preciso ter um olhar sobre a Igreja envolvendo-se com suas atividades internas e não apenas a partir de seu exterior para julgá-la. Existe diferença entre os que se comprometem em melhorá-la e os que saem da Igreja. A imagem “Povo de Deus” designa uma condição praticante a todos os que partilham a mesma fé.

3.4.3. Eclesiologia a partir da Reforma Protestante

Podemos enfatizar, entre outros, especialmente o aspecto eclesiástico como responsável pelo rompimento da Igreja cristã no século XVI. De Lutero aos demais reformadores há uma questão específica nesse quesito, ou seja, de não atribuir à Igreja o simbolismo ou o contexto de instituição sacramental.

Lutero compreende a Igreja como a comunhão daqueles que estão unidos pela fé em Cristo.²¹¹ Ele preferia termos como comunidade e assembleia para referir-se à Igreja.²¹² Lutero, seguido pelos demais reformadores, fez a distinção de Igreja invisível e Igreja visível para compreender o conceito de Igreja. Não se tratam de duas igrejas, mas de dois aspectos distintos da Igreja do Senhor. A Igreja invisível é constituída da totalidade dos salvos, tanto na terra como no Paraíso, o corpo de Cristo, e não se pode

²¹¹ Lutero punha de lado a visão tradicional da Igreja como uma organização hierárquica. cf. SHELLEY, Bruce, L. *História do Cristianismo*. 2009, p. 270.

²¹² SHELLEY, op. cit., p. 270.

identificá-la como uma instituição. Conforme a confissão de Ausburgo,²¹³ Lutero enfatiza que a Igreja mística não é pedra nem madeira, mas é o conjunto de pessoas crentes em Cristo.²¹⁴ Entretanto, Lutero não desprezava o aspecto visível da Igreja do Senhor. Para ele, a Igreja também existe como instituição, uma comunidade visível, organizada e institucional. Ou seja, uma realidade local com seu templo e regulamentos.²¹⁵

Os três documentos históricos do protestantismo, a seguir elencados, apresentam uma visão de corpo místico para a Igreja, e falam, também, de sua estrutura enquanto instituição. São eles:

a) A Confissão de Ausburgo de 1530,²¹⁶ o principal documento confessional de fé luterana, no artigo 8: que é a Igreja, afirma que “a Igreja cristã, propriamente falando, outra coisa não é senão a congregação de todos os crentes e santos...”. Entretanto, o documento faz alusão a muitos falsos cristãos e hipócritas, e também, pecadores manifestos em seu meio, abordando, naturalmente, a Igreja instituição.²¹⁷

b) Conforme a Segunda Confissão Helvética²¹⁸, elaborada em 1562 e adotada pelas Igrejas Reformadas da Suíça, França, Escócia, Hungria, Polônia e outras, no seu capítulo 17, a Igreja é apresentada como assembleia dos fiéis convocada ou reunida no mundo. O documento distingue a Igreja dividindo-se em duas partes. Uma é chamada a Igreja Militante e a outra a Igreja Triunfante. A primeira ainda milita na terra. A outra, já deu baixa e triunfa no céu. Uma só Igreja não limitada pelo tempo ou pelo espaço. O

²¹³ A Confissão de Ausburgo é o texto confessional adotado pela maioria das Igrejas Evangélicas Luteranas. Em 1530, o Imperador Carlos V convocou uma conferência de líderes religiosos em Ausburgo, para discutir as diferenças religiosas e uma possível reconciliação. A tarefa de apresentar o protestantismo ficou a cargo do professor de grego de Wittenberg – Philip Melancthon. O jovem apresentou a Confissão de Ausburgo assinada por príncipes e teólogos Luteranos. cf. SHELLEY, *História do Cristianismo ao alcance de todos*, p. 273.

²¹⁴ cf. SHELLEY, quanto a Igreja, Lutero diz ser: *a comunidade de crentes cristãos, pois todos são sacerdotes perante Deus*. op. cit., p. 274.

²¹⁵ cf. a Confissão de Ausburgo no Artigo 7, a santa Igreja, é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho.

²¹⁶ fonte: <https://www.luteranos.com.br/textos/a-confissao-de-augsburgo> – acesso: 15/08/19.

²¹⁷ cf. CONFISSÃO DE AUGSBURGO, art. 8

²¹⁸ fonte : www.monergismo.com/textos/credos/seg-confissao-helvetica.pdf – acesso: 15/08/19.

documento apresenta também a Igreja Militante na terra composta por muitas igrejas particulares em lugares específicos, referindo-se dessa forma às instituições.²¹⁹

c) Para a Confissão de fé de Wesminster,²²⁰ no capítulo XXV, “a Igreja católica (o termo "católico", derivado da palavra grega: καθολικός (katholikos), referente à totalidade) ou universal, que é invisível, consta do número total dos eleitos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos em um só corpo sob Cristo, seu cabeça...” Afirma, ainda, que esta Igreja católica ou universal é também visível e que recebeu ministérios, oráculos e ordenanças de Deus, para congregamento e aperfeiçoamento dos santos nesta vida. Ainda no artigo IV desse capítulo, declara que as Igrejas particulares, são integrantes da Igreja universal.

As confissões clássicas do protestantismo fazem distinção entre Igreja visível e invisível quando dizem: nem todos os que estão na Igreja são da Igreja. De igual modo, não reconhecem como a verdadeira Igreja qualquer Igreja particular na qual não se encontram as marcas ou sinais da Igreja Católica ou Universal. Mais especificamente, a legítima e sincera pregação da palavra de Deus como foi deixada nos escritos dos profetas e apóstolos é que conduzem todos a Cristo. A Igreja Corpo Místico de Cristo na terra é composta por todos os verdadeiros cristãos, independente da Igreja particular ao qual são membros. Contudo, todas estas devem ser referidas à unidade da Igreja Universal.

A princípio, as Igrejas Protestantes a partir de Lutero, se organizaram no nível de comunidades e sustentam uma organização que hoje é chamada de denominação, que funciona com um nome, uma estrutura própria ao invés de estar centrada em uma única instituição. Todos os grupos cristãos denominacionais são, em algum sentido, versões da mesma coisa, apesar de suas características distintivas.

²¹⁹ cf. Segunda Confissão Helvética no Artigo 8, a Igreja Militante na terra tem tido, sempre, muitas igrejas particulares. Contudo, todas estas devem ser referidas à unidade da Igreja católica.

²²⁰ A Confissão de Fé de Westminster é uma confissão de fé reformada, de orientação calvinista. Adotada por muitas igrejas presbiterianas e reformadas ao redor do mundo. Fonte: www.monergismo.com/textos/credos/cfw.htm - acesso: 03/10/2019.

3.5. As dimensões da Igreja

Existem quatro adjetivos que são considerados universalmente por todos os cristãos como características que descrevem as marcas distintivas da verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Esses adjetivos foram elaborados a partir dos Credos nos primeiros séculos, conhecidos como Credos Ecumênicos.²²¹ As características da Igreja são: *Una*, descreve a unidade do Corpo de Cristo (cf. Jo 17.20-23); *Santa*, descreva a constante procura da Igreja pelo aperfeiçoamento e amadurecimento espiritual (cf. Rm 1.7); *Católica*, descreve a universalidade da Igreja de Cristo (cf. Mt 28.18-20) e *Apostólica*, edificada sobre os apóstolos (cf. Ef 2.20). Credo Apostólico, “Creio na Santa Igreja Católica” e, no Niceno, “Creio numa só Igreja, santa, católica e apostólica”.

a) Igreja de Jesus Cristo é Uma

Assim como Deus é um, a sua Igreja é única: “Há somente um corpo... há um só Senhor...” (cf. Ef 4.4-6); “...um só rebanho e um só pastor” (cf. Jo 10.16). Consideremos a unidade sendo a característica essencial da Igreja, mas a Igreja é, por conseguinte, una em sua diversidade. A diversidade não é algo estranho à Igreja. Antes, é uma condição humana da sua realidade, que deve ser vista como uma etapa até que finalmente essa unidade se consumará escatologicamente “quando Deus será tudo em todos” (cf. ICo 15.28).²²²

A unidade da Igreja é atestada pelo Espírito Santo e se processa em todos os tempos e lugares, mesmo estando a Igreja espalhada por todo o mundo. Pois, essa unidade consiste em uma união espiritual, onde a Igreja é o corpo de Cristo e cada comunidade está unida pela fé (cf. Ef. 4.5); pelo amor (cf. At 2.44); mediante o batismo,

²²¹ São aceitos por todas as igrejas, tanto Católica quanto Protestantes. São eles: o Credo Apostólico, o Credo de Niceia-Constantinopla e o Credo de Atanásio.

²²² Cf. PIÉ-NINOT, op. cit., p. 77.

a celebração do corpo do Senhor e do culto. São experiências de unidade promovida essencialmente pela Escritura.

Conforme Hakmann, a unidade acontece através de dois princípios presentes na configuração da Igreja. O princípio pessoal, que se refere à riqueza da variedade de pessoas que desejam ser sujeitos das ações na Igreja e o princípio da unidade promovida pelo Espírito Santo, respeitando a diversidade. A harmonização de ambos os princípios é obra do Espírito Santo. Ele consegue fazer com que todos sejam um e a unidade seja diversidade.²²³

b) Igreja de Jesus Cristo é Santa

A expressão bíblica “santo” aplicada à Igreja do Novo Testamento resulta da sua origem: “Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela; para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra; para a apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (cf. Ef.5 25-27). Essa santidade é consequência de uma relação, ou seja, de pertença a Deus. Logo, na qualidade de membros do Corpo de Cristo, os homens se esforçam por viver fiel e solidários até constituir aquele homem perfeito e maduro que se realiza na plenitude de Cristo (cf. Ef 4.13). A santidade se realiza nos fiéis pelo Espírito Santo. Ele é a alma da Igreja que une as pessoas entre si pelos laços da comunhão e do serviço.²²⁴ Em suma, nos primeiros Pais da Igreja, encontra-se, de modo explícito e vigoroso, a exigência de uma vida santa. No dizer de Clemente de Roma: “Portanto, aproximemo-nos dele na santidade de alma, erguendo para ele mãos puras e sem mancha e amando nosso Pai benévolo e misericordioso, que nos fez participar da sua escolha”.²²⁵

²²³ Cf. HACKMANN, op. cit., p. 106-107.

²²⁴ HACKMANN, op. cit., p. 109-112.

²²⁵ CLEMENTE DE ROMA, XXIX.

Apesar das tentativas de conserva-la somente como Igreja dos santos, ela reconhece que caminha através de tentações, tribulações e de certas tensões.

A Igreja de Deus é constituída por homens, que embora se esforcem por viver fiel em sua qualidade de membros do Corpo de Cristo, carregam fraquezas comprometedoras que são inerentes da natureza das pessoas e não da estrutura da Igreja. Afirmar a santidade da Igreja não é excluir o pecado dela (isso ocorrerá escatologicamente), nem se firma na eficácia da ação do homem, mas na fidelidade de Deus, que deu-nos o Espírito Santo para produzir frutos de santidade e para que nele incessantemente nos renovemos (cf. Ef 4.23).

Há, ainda, sempre uma grande tensão entre o dom de Deus e aquilo que concretamente os homens fazem com ele. Nem todos os que são contados no número da Igreja são santos ou membros verdadeiros da Igreja de Deus.

A comunidade primitiva de cristãos era verdadeira. Não obstante, Ananias e Safira (ver Atos 5.1-11) mostram que a Igreja nascente continha alguns que não eram verdadeiramente cristãos, e que geram tensões e dificuldades.²²⁶ Todavia, conquanto, simulem piedade, eles não são da Igreja, ainda que sejam considerados estarem na Igreja.

Segundo Agostinho, até o dia do julgamento, dizia ele, a Igreja deve ser multidão mista. Tanto pessoas boas como más nela se encontram.²²⁷ Justamente, porque a Igreja sempre acolheu todos em seu regaço. A *Lumen Gentium* especifica de maneira clara que: “Não se salva, porém, embora incorporado à Igreja, quem não persevera na caridade: permanecendo na Igreja pelo “corpo”, não está nela com o coração” (LG 14). A missão da Igreja, embora sempre vigilante para que os ímpios não lhe causem mal, é trabalhar a fim de que ‘todos’ conheçam ao Senhor. Entretanto, o

²²⁶ Os Atos dos Apóstolos e as cartas de Paulo não escondem que, já nas primeiras comunidades, houve pecado na Igreja. Ouvimos falar, além da fraude de Ananias e Safira (cf. At 5.1-11), divergências de opiniões entre seus colaboradores (cf. At 13.13; 15.36-41), controvérsias (cf. At 15; Gl 2.11-15), partidarismo (cf. ICo 1.10-17), disputas (cf. ICo 6.1-11), delitos morais (cf. ICo 5.1-12; 6.12-20), abusos e desordem durante o culto (cf. ICo 14.26-40), apostasia da fé (cf. Gl 1.5; 5.4).

²²⁷ Apud SHELLEY, op. cit., p. 145.

homem é individualmente livre para corresponder positivamente à ação regeneradora do Espírito Santo.

Ademais, vale salientar que não existe sistema perfeito. Todos eles possuem falhas, embora alguns favoreçam mais erros do que os outros, pois dão margem a eles, consequentes do modelo de governo que exercem. Por isso, muitos acabam generalizando, atribuindo erros a todas as outras instituições porque acham que todas as Igrejas procedem da mesma forma. A Igreja é santa e sua estrutura é bíblica. Alguns confundem os erros com a estrutura. As críticas devem ser dirigidas as pessoas de algumas instituições que desfiguram suas estruturas.

c) Igreja de Jesus Cristo é Católica

Embora a universalidade do cristianismo seja uma ideia comum no Novo Testamento, o termo *católico* só aparece com Inácio, bispo de Antioquia, por volta de 110 d.C.²²⁸ O termo "católico" deriva da palavra grega: καθολικός (*katholikos*), significando "universal", "geral" ou "referente à totalidade". No final do século II, o termo *católico* era amplamente usado no sentido de que a Igreja era universal, em oposição às congregações locais e em contraposição aos grupos hereges.²²⁹

A Igreja reúne todos os cristãos redimidos de modo que o próprio Cristo é a cabeça (cf. Ef 1.22). Isso significa que ela existe em Cristo e pertence a Ele. Cada cristão individual é parte do Corpo indivisível de Cristo. Ele está plenamente unido a Cristo e aos demais membros de seu Corpo em íntima comunhão. O apóstolo Paulo diz que “somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros” (cf. Rm 12:5). O batismo é entendido como o meio pelo qual se é acolhido no Corpo de Cristo.²³⁰ Nesse contexto, Kasper afirma que algo similar se aplica à ceia do

²²⁸ Ele referiu-se a Igreja Católica ao afirmar: “Onde aparece o bispo, aí esteja a multidão, do mesmo modo que onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja Católica.” Cf. INACIO DE ANTIOQUIA, Carta aos Esmirniotas 8,2. In: Padres Apostólicos, p. 118.

²²⁹ SHELLEY, op. cit., p. 32.

²³⁰ KASPER, op. cit., p. 155.

Senhor, onde sua importância é declarada em textos bíblicos com traços evidentes de composição litúrgica.²³¹ Augustus Strong salienta que os sacramentos são universais, frequentes e relevantes, devendo ser conservados como estruturas recebidas por Jesus Cristo, o Legislador da *ekklêsia*.²³²

Desde o início da Igreja, já eram evidentes nas comunidades primitivas, como a de Jerusalém, o batismo e a celebração da Eucaristia ou Ceia do Senhor (cf. At 2.37-42), fixados em suas crenças e organizações. Conforme Kasper, não se tratava apenas de relatos históricos “os que se tornavam crentes por meio da pregação, deixavam-se batizar”.²³³

Os elementos sacramentais de testemunho de fé através do batismo nas águas, conforme Marcos 16.16: “*quem crer e for batizado será salvo*” e testemunho de comunhão, evidenciado pela ceia do Senhor, conforme João 6.54, “*Todo aquele que comer a minha carne e beber o meu sangue tem vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia*”, são elementos transcendentais da Igreja que indica sua origem divina e também a comunhão do homem com Deus e com todos. Não se pode negar a necessidade de algo a mais que unidade humana, pois *ekklêsia* refere-se à suprema aliança com Cristo expressa pelos ritos cristãos. Eliminar os sacramentos, como é pretensão de muitos, é reduzi-la à condição de uma sociedade humana, uma simples reunião de povo ou apenas uma instituição social.

A repetição destes ritos fará nascer a necessidade de certa institucionalização, pois a instituição é a rotinização e a organização dos processos rituais e litúrgicos.

No conceito de catolicidade, os católicos e os protestantes têm uma visão diferente entre si, porém, ambos concordam que o Corpo de Cristo é um só. Um corpo com dupla natureza, ou seja, uma visível e organizada e outra espiritual e universal. Para as Igrejas que surgiram da Reforma Protestante, o único Corpo de Cristo é

²³¹ KASPER, op. cit., p. 155.

²³² Cf. STRONG, op. cit. p. 1634.

²³³ Cf. KASPER, op. cit., p. 155.

composto de cristãos fiéis de várias denominações espalhadas pelo mundo. Para Lutero, a Igreja tem designação atribuída como “Corpo Universal” e como “corpo local”, havendo uma clara distinção entre os significados. Não se trata de duas igrejas, mas de dois aspectos distintos da Igreja do Senhor.²³⁴ O católico vê a unidade desse corpo realizado na Igreja Católica. Conforme Hackmann, afirma-se que a Igreja de Cristo está presente na Igreja Católica. O organismo da Igreja é simultaneamente espiritual e visível, estes elementos são inseparáveis.²³⁵

d) Igreja de Jesus Cristo é Apostólica

A Igreja preserva a verdadeira tradição apostólica. "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações" (cf. At 2.42). Os apóstolos são as testemunhas originárias e primeiras da mensagem de Jesus e de sua ressurreição.²³⁶ A Igreja foi construída sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas (cf. Ef 2.20).

A Apostólica é compreendida de diferentes maneiras. O catolicismo acredita que o termo “apostólica” refere-se ao sacerdócio da Nova Aliança, cuja missão é proteger o rebanho de Cristo dos “lobos” que o ameaçam (Atos 20:29), e para que pudessem cumprir essa responsabilidade, Ele concedeu conjuntamente aos Apóstolos, reunidos como um Colégio, e ao seu sucessor, o Colégio Episcopal, a prerrogativa de “ligar e desligar a Terra ao Céu” (Mateus 18:18), entendido como o poder de admitir ou excluir membros da igreja (excomunhão) e definir a política da Igreja e seus ensinamentos. Os protestantes, por sua vez, professam a crença do *sacerdócio universal* e creem que o termo “apostólica” significa apenas a continuidade nos ensinamentos da Igreja feitos pelos apóstolos.

²³⁴ Cf. CHAMPLIN, vl. 3, op. cit., p. 213-218.

²³⁵ A Igreja Católica é sacramento de salvação, não excluindo, porém, os elementos de salvação presentes em outras igrejas separadas. Cf. HACKMANN, op. cit., p. 138-144.

²³⁶ KASPER, op. cit., p. 240.

3.5.1. Igreja como Corpo Local

As Igrejas locais são organizadas para o propósito de ação coletiva (cf. I Co 1.2; Rm 16.5). Essas Igrejas, em sua significação como “corpo local”, mesmo apresentando características distintas com suas reuniões separadas, em todas elas devem existir as particularidades do corpo de Cristo. O Senhor Jesus Cristo delega autoridade e transmite sua vontade não somente a uma Igreja local, mas a Igreja como um todo²³⁷ (no Apocalipse, o Apóstolo João escreve as Sete Cartas destinadas as Igrejas locais, com vistas à todo o Corpo de Cristo). Qualquer Igreja (institucional), seja ela pequena ou uma grande Igreja numa comunidade, deve ser a manifestação local do corpo de Cristo. Portanto, toda sua dignidade deve derivar da Igreja corpo de Cristo,²³⁸ pois ela não é uma fatia do corpo, mas sim sua plenitude.

Dessa forma, a Igreja local a fim de atingir seus objetivos, deve ser uma Igreja santa com autoridade saudável, ser um lugar útil à evangelização da comunidade e honrosa para com a Palavra de Deus. O motivo que reúne e congrega deve estar claro no entendimento coletivo, ou seja, os comportamentos e ações dos cristãos devem expressar o gênero comunitário.

3.6. Argumentos teológicos a favor da organização da Igreja

Tendo em vista a dupla estrutura da Igreja, o divino e o humano, o cristianismo primitivo não se limitou em uma manifestação unicamente espiritual, mas também dava testemunho de uma organização formal. A consciência de que existem assuntos de mais alta dignidade e de mais profundo interesse, que se diz respeito à Igreja como serviço e

²³⁷ Cf. I Coríntios 1,2; Gálatas 2,2.

²³⁸ Cf. STRONG, op. cit., p. 1568.

não somente como corpo espiritual de Cristo, levou a comunidade primitiva de cristãos a desenvolver formas organizadas.²³⁹

Estava claro que a Igreja não poderia existir para si mesma e todas as maneiras de agir lhes deveriam responder a seus fins.²⁴⁰ Ou seja, ela, a Igreja, tinha convicção de continuidade e missão no mundo, e ainda, de ser um organismo que cultua e é distinta de qualquer outra organização existente no mundo.²⁴¹

Conforme Robinson E. G., o próprio Cristo não organizou a Igreja. Cristo apenas fundou a Igreja. Isso foi obra dos apóstolos após o Pentecostes. Contudo, a origem da organização eclesial deve ser creditada a Cristo, porque antes já existia o embrião.²⁴² Ele escolheu os 12 apóstolos que ele mesmo designou e que seriam os primeiros oficiais da Igreja nascente.²⁴³ Os apóstolos, reconhecendo os fundamentos institucionais criados por Cristo, iniciaram a organização da Igreja sob a direção do Espírito Santo e gradualmente desenvolveram um princípio de organização com proeminência aos seus líderes, baseado no conhecimento das estruturas da sinagoga,²⁴⁴ onde havia presbíteros que se dedicavam ao estudo e exposição das Escrituras e, baseado ainda, na forma como Deus organizou a congregação de Israel sob anciões, cabeças, juízes e oficiais (cf. Js 23.2).

Entre os fatos que comprovam uma organização formal das comunidades primitivas de cristãos, podemos destacar os seguintes:²⁴⁵

²³⁹ STRONG, op. cit., p. 1574.

²⁴⁰ O interesse no crescimento da igreja tornou-se, não somente como igrejas locais, mas como corpo universal de Cristo. Cf. STRONG, op. cit., p. 1568.

²⁴¹ Cf. STRONG, O interesse no crescimento da Igreja tornou-se, não somente como igrejas locais, mas como corpo universal de Cristo. Ficou claro que a Igreja não poderia existir para si mesma e precisava estar bem organizada, e todas as maneiras de agir lhes deveriam responder a seus fins. O princípio de comunidade, inevitavelmente, conduziu a Igreja à organização. op.cit., p. 1568–1574..

²⁴² apud STRONG, op. cit., p. 1565.

²⁴³ A organização da Igreja tem origem em Jesus Cristo e na comunidade de seus discípulos entre os quais os Doze formavam um grupo especial. Hartmann interpreta esta comunidade como a primeira instituição de Jesus Cristo. Cf. HARTMANN, op. cit. p. 163.

²⁴⁴ STRONG, op. cit., p. 1574.

²⁴⁵ STRONG, op. cit., p. 1571-1572.

a) Eleição e reconhecimento de ministros. A Igreja possui estrutura, na qual os apóstolos, profetas, evangelistas e pastores têm um lugar estabelecido e uma atribuição fixa. “Atentai por vós e por todo o rebanho sobre qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a Igreja de Deus [...]” (At 20.17-28); eleição dos diáconos (cf. At 6.5,6); eleição de Matias (cf. At 6.5,6).

No contexto da hierarquia, o documento mais importante da era pós-apostólica, a *Didaqué*²⁴⁶ faz menção dos Apóstolos (11.40), dos Profetas (11.7), dos Mestres (11.7), dos Bispos (13.2) e dos Diáconos (15.1-2) como conhecidos pelas comunidades primitivas.²⁴⁷

b) Reuniões estabelecidas. “[...] estando nós reunidos [...]”(At 20.7), “Não deixando de congregar-vos [...]”(Hb 10.25).

c) Qualificação da filiação. “[...] fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19 e em At 2.38-41).

d) Mostra-se que há Registros de Viúvas. “Nunca seja inscrita senão viúva que conte ao menos sessenta anos de idade [...]” (ITm 5.9 e em At 6.1).

e) Sacramentos. O batismo e a ceia do Senhor representam os votos de aliança com Cristo (cf. At 2.41; ICo 11.23-26). O *didaqué* contém instruções litúrgicas com a descrição do batismo (cf. capítulo 7), a da Ceia do Senhor (cf. capítulo 9-10),²⁴⁸ e pressupõe a observância destes elementos como indispensáveis nas primeiras Igrejas e que todo novo adepto o recebe na ocasião de sua admissão na Igreja.

f) Carta de Recomendação. “*Querendo ele percorrer a Acaia [...] escreveram aos discípulos para o receberem [...]*” (At 18.27 e em ICo 3.1). O documento

²⁴⁶ O livro da Doutrina dos Apóstolos, muito utilizada nos primeiros séculos. Constitui um compêndio de 16 capítulos com preceitos morais, de organização das comunidades. Cf. Padres Apostólicos, p. 335-339.

²⁴⁷ Cf. Padres Apostólicos, p. 354-358.

²⁴⁸ Cf. Padres Apostólicos, p. 351-354; ROPS, op. cit., p.24.

didaqué possui prescrição disciplinar que regula as obrigações da comunidade e dos apóstolos e profetas. “*Todo apóstolo que vem a vós seja recebido como o Senhor. [...] Se ele, porém, permanecer três dias é um falso profeta [...]*” (cf. 11.4-5).²⁴⁹

- g) Disciplinas (ver ICo 5.4,5,13). Disciplina é para a correção do indivíduo e também para a manutenção da santidade da casa de Deus. A Igreja organizacional possui a autoridade de desligamento para colocar para fora os ofensores impenitentes até que sejam restaurados pelo verdadeiro arrependimento. Lançar fora da assembleia, em seu caráter terreno, uma vez que não é possível ser tirado do corpo de Cristo, mas sim da igreja local.
- h) Contribuições. “Ora quanto a coleta que se fez para os santos[...]” (Rm 15.26 e em ICo 16.1,2).
- i) Ordem. Uma liturgia para conduzir o culto da Igreja de modo ordenado. (cf. ICo 14.40).

Os fatos aqui referidos evidenciam a organização formal e unida da Igreja visível. O reconhecimento da liderança tinha como finalidade exercer um determinado serviço em um lugar particular, constituindo, assim, a Igreja daquele lugar.²⁵⁰ Essa Igreja local, por sua finalidade deve representar o Corpo de Cristo para sua comunidade. Ignorando, dessa forma, a teoria moderna de que a Igreja é um corpo exclusivamente espiritual destituído de organização formal. Não existe uma Igreja puramente comunidade de amor que não apresente um mínimo que seja de elementos institucionais.²⁵¹ Não se pode tomar um caminho no sentido de uma visão “mística” da comunidade sem estruturas e sem organização. Seria ingenuidade opor-se diretamente às

²⁴⁹ Cf. Padres Apostólicos, p. 355.

²⁵⁰ Cf. STRONG, op. cit., p. 1573-1575.

²⁵¹ KASPER, op. cit., p. 74.

representações sobre a Igreja institucional, se isolar com hostilidade e optar pela criação de uma nova comunidade sem cair em uma organização formal.

Atualmente, a organização de uma Igreja ocorre de maneira análoga a estes elementos. Entretanto, do ponto de vista puramente natural, também ocorre por elementos jurídicos e sociais. Mesmo uma organização que pretenda existir sem os registros escritos em cartório ou rol de membros, nem mesmo assim é simplesmente uma organização informal.²⁵²

3.6.1. Liderança da Igreja

A compreensão de si mesma exigiram da Igreja, ênfase ao ofício de liderança visando a edificação do corpo de Cristo. Nas palavras de Earle Cairns: “todo corpo organizado precisa de liderança, e quanto mais cresce maior é a necessidade de divisões e especialização da liderança para que ela possa funcionar eficientemente”.²⁵³

O papel da liderança é manter a coesão do grupo local e sua autoridade se encontra claramente definida em termos funcionais, como um ministério para a comunidade, pois Deus estabeleceu uma hierarquia na igreja com aspecto de serviço e não de domínio.

A comunidade de Jerusalém foi onde se originou o cristianismo, com a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes²⁵⁴ (cf. At 1.12-14). A partir do reconhecimento da autoridade dos apóstolos, ela logo se organizou constituindo-se naquela que viria a

²⁵² Do ponto de vista puramente natural, atualmente a organização de uma igreja também se dá por elementos jurídicos e sociais. Cf. STRONG, Augustus. *Teologia Sistemática*, vl. 2, 2007, p. 1571-1576.

²⁵³ CAIRNS, Earle E. O cristianismo através dos séculos. 2008, p. 67.

²⁵⁴ Cf. livro de Atos, capítulo 9 e versículo 2, esta primeira Igreja em Jerusalém se chamava “o Caminho”. Ver também At 19.9; 22.4; 24.14-22.

ser conhecida como a primeira comunidade cristã.²⁵⁵ Não obstante, o Evangelho foi se expandindo para fora de Jerusalém e, embora se estabelecessem congregações cristãs em diversos lugares, elas não funcionavam de modo independente uma das outras.

Foi aos apóstolos e aos presbíteros de Jerusalém que se apresentou a questão da circuncisão para consideração (cf. At 15.2). Quando o corpo governante de Jerusalém tomou a sua decisão, conforme orientação dirigida pelo Espírito Santo, esta decisão foi aceita e tornou-se obrigatória para todas as comunidades cristãs, as quais se sujeitaram voluntariamente a ela (cf. At 15.22,23; 16.4,5).

Os apóstolos, depois de orar com jejuns, promoveram a supervisão em cada congregação cristã (cf. At 14.23). Os apóstolos e os presbíteros de Jerusalém enviavam representantes para as comunidades que haviam aceitado a Palavra do Senhor (cf. At. 8.14,15).²⁵⁶ Ministros enviados, tais como Paulo, revelaram-se como grandes portadores do desenvolvimento e da formação das Igrejas (cf. At 14,23; Tt 1.5; I Tm 1.1-5).

A organização é uma consequência lógica do crescimento da Igreja. A epístola de Tiago, dos fins da década de 40, já mostrava uma forma bem definida de organização eclesial em menos de vinte anos após a morte de Jesus.²⁵⁷ “*Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da Igreja*” (Tg 5.14). Sobre essa passagem bíblica, Augustus Strong assinala que não se pode reunir uma comunidade sem um oficial presidente e lhe atribuir poderes para assegurar a organização.²⁵⁸

Antes de afirmar-se uma Igreja puramente comunidade de amor, deve-se considerar, ainda, a necessidade de líderes pastorais que zelassem pelas necessidades espirituais e advertissem as igrejas dos falsos mestres, falsos apóstolos, falsos pastores

²⁵⁵ Sob a liderança dos apóstolos, o novo movimento mantinha a sua unidade através de duas cerimônias especiais (o batismo e a ceia do Senhor) que faziam da morte e da ressurreição de Jesus o centro de sua congregação. cf. SHELLEY, op. cit., p. 19.

²⁵⁶ Cf. Bruce Shelley, notícias sobre Igrejas fundadas chegavam até Jerusalém, e os presbíteros da Cidade Santa logo passaram a enviar representantes para criar laços com os novos centros cristãos. SHELLEY. op. cit., p. 21.

²⁵⁷ STRONG, op. cit. p. 1585.

²⁵⁸ STRONG, op. cit. p. 1574.

do falso evangelho e dos homens gananciosos que estiveram presentes desde as formações das primeiras comunidades cristãs. Esses homens foram selecionados especialmente por Cristo através do Espírito Santo, cujas responsabilidades principais consistiam em exercer a liderança da Igreja, a proclamação e a preservação da verdade do Evangelho.

3.6.2. O Templo como lugar da reunião

No princípio, não havia clara linha de demarcação entre a Igreja cristã e a sinagoga judaica.²⁵⁹ Por isso, os primitivos cristãos continuaram a adorar no Templo de Jerusalém e a observar os seus ritos. Após a perseguição desencadeada pelos judeus, os cultos passaram a ser também nas casas e, com o rápido crescimento numérico de seus membros, a comunidade cristã primitiva percebeu sua significação universal e até mesmo cósmica, o que faz com que sejam fundadas comunidades cristãs em todas as cidades do Império Romano,²⁶⁰ ultrapassando o provincialismo que caracterizava o judaísmo. Desta forma, deveriam ser construídos os edifícios em face de sua função e conveniência. A provisão para a cerimônia do batismo e a observância da ceia do Senhor, a adoração e a comunhão, para exemplificar, requer que aconteçam dentro de um desses edifícios.

No período do cristianismo primitivo, as Igrejas domésticas (em latim: *domus ecclesia*) eram a principal forma de organização da nascente Igreja cristã, como a casa da família de Narciso (cf. Rm 16.11) ou a casa de Priscila e Áquila (cf. Rm 16.5; ICo 16.19). Antes da legalização do cristianismo por Constantino em 313, a Igreja reunia-se em uma residência romana privada. Foram construídas Igrejas mencionadas por escritores da época como “casas onde os cristãos se reúnem para prece”. Embora os

²⁵⁹ ZILLES Urbano, Significação dos Símbolos Cristãos, 2018, p. 65.

²⁶⁰ HACKMANN, op. cit., p. 27.

cristãos não tivessem templos, foram construídas Igrejas, lugar de reunião e, posteriormente, o edifício onde os cristãos se reúnem, que, no dizer de Porfírio (234-305 d.C.), rivalizavam com os templos pagãos.²⁶¹

Com o objetivo básico de abrigar os inúmeros convertidos, os cristãos começaram a construir casas em que pudessem reunir-se para o culto.²⁶² Essas casas recebiam o título de Igreja, não no sentido que compreendemos atualmente,²⁶³ mas eram identificadas como comunidades em um local público de adoração e não mais a casa particular de algum irmão (O apóstolo João destinou, no livro de apocalipse, sete cartas as sete “Igrejas” da Ásia (cf. Ap 2)).

De acordo com Coenem e Brown, havia três tipos de residências: 1) *domus*, ou casa particular; 2) *villa* ou casa de campo, e 3) *insula* ou apartamentos.²⁶⁴ A *domus ecclesia* combinava características da residência romana mais antiga com elementos gregos.²⁶⁵ Encontrava-se no interior da *domus*, um pátio central com um batistério, sala para culto e plataformas numa das extremidades.²⁶⁶ Estes formavam a parte mais pública da casa, além de outros repartimentos e era onde se desenvolviam os cultos cristãos até o ano 313, quando receberam a liberdade de culto.

Os apóstolos formaram um bem sucedido movimento cristão organizado em torno da evangelização dos judeus e dos gentios. Notícias sobre as Igrejas fundadas chegavam até Jerusalém, que logo passaram a enviar representantes aos novos centros cristãos.

²⁶¹ Apud FIGUEIREDO, Fernando A. *O amanhecer da Igreja*. 2012, p. 176.

²⁶² COENEM, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 2000, p. 913.

²⁶³ COENEM, L.; BROWN, C. *op. cit.*, p. 916.

²⁶⁴ COENEM, L.; BROWN, C. *op. cit.*, p. 916.

²⁶⁵ COENEM, L.; BROWN, C. *op. cit.*, p. 916.

²⁶⁶ As ruínas de um exemplo típico dessas “igrejas domésticas” foram escavadas, faz alguns anos, em Dura Europos, acima do Eufrates superior. A cidade foi destruída em 256 d.C. Outro exemplo mais aperfeiçoado de igreja doméstica foi encontrado nas escavações de Aquiléia, cidade romana a nordeste de Veneza. A ruína parece pertencer ao final do séc.III. Cf. COENEM, L.; BROWN, C. *op. cit.*, p. 916 - 918.

No segundo século, a expansão foi rápida entre populações gentílicas de língua grega. Foi no ano de 112 que, pela primeira vez, a posição jurídica do cristianismo no Império se encontrou definida, graças a correspondência de Plínio ao Imperador Trajano. A carta indicava que o cristianismo era forte na Ásia Menor pouco depois do início do segundo século²⁶⁷ e, havia modificado a vida social a ponto de tal fato inquietar os partidários da antiga ordem.²⁶⁸ Com a proliferação de cristãos, os templos pagãos estavam desertos e o comércio dos animais para os sacrifícios encontrava-se afetado.

Por volta do ano 200, se encontravam cristãos em todas as partes do Império, tendo criado raízes tão sólidas que nada as poderia arrancar.²⁶⁹ E por volta do ano 300, conforme estimativas, a população da Igreja variava entre 5 e 15 por cento da população do Império, que girava em torno de 50 a 75 milhões de pessoas.²⁷⁰

Conforme o escritor e historiador francês Daniel Rops, os romanos garantiram a legalidade e a segurança do cristianismo nascente.²⁷¹ O cristianismo nascente recebeu os benefícios da paz romana. O título de cidadão Romano, que Paulo possuía, permitiu-lhe aproveitar as facilidades concedidas pela ordem que reinava no Império. Foi devido às leis de Roma que ele não foi cruelmente assassinado por grupos de fanáticos no decurso de suas viagens. Em Éfeso, foram os magistrados que apaziguaram os fiéis de Diana, que estavam prestes a linchar Paulo e seus seguidores. E em Corinto, foi o proconsul de Acaia que acalmara os judeus amotinados contra o apóstolo.²⁷²

A oposição do Império Romano aos cristãos não se manifestou imediatamente e jamais foram contínuas. As perseguições duraram menos de 200 anos e a maioria delas era local e esporádica, não em todo o lugar e em toda a hora.²⁷³ Conforme Rops, não houve a cifra tradicional de dez perseguições sistemáticas, mas apenas quatro ou

²⁶⁷ cf. CAIRNS, Earle, *O Cristianismo através dos séculos*. 2008, p. 80.

²⁶⁸ cf. ROPS, A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, p. 199 - 201.

²⁶⁹ ROPS, op. cit., p. 231.

²⁷⁰ CAIRNS, op. cit., p. 81.

²⁷¹ Cf. ROPS, op. cit., p. 135.

²⁷² Cf. ROPS, op. cit., p. 135.

²⁷³ Cf. ROPS, op. cit., p. 191.

cinco. Entretanto, se quiséssemos enumerar todas as reações sangrentas contra o cristianismo, de todas as províncias romanas, então o número seria mais elevado que dez.²⁷⁴

Até o ano de 250 d.C., as autoridades locais tinham a permissão de decidir se os grupos de cristãos nas cidades eram politicamente perigosos. Foi a partir de Décio, em 250, até Galério, em 311, que a perseguição aconteceu em todo o império,²⁷⁵ no entanto, variava em intensidade.²⁷⁶ **Parece oportuno citar o período de perseguição Imperial porque conclui-se que era possível construções de Igrejas nos períodos de opressão.**

Perseguição Imperial na era do cristianismo primitivo:

Nero (64 a 68 d.C.) - Primeira perseguição, restringida aos de Roma pelo incidente do incêndio que destruiu 10 dos 14 bairros de Roma. Nesse tempo, não formavam uma comunidade secreta ou inconsiderada, mas uma que era conhecida por ter em seu meio tanto judeus, quanto gentios de todas as classes e condições. Após a morte de Nero, a perseguição cessou (reinado de Vespasiano), e os seguidores de Jesus desfrutaram de relativa paz até o reinado de Domiciano.²⁷⁷

Domiciano (81 a 96 d.C.) - Por questões políticas, Domiciano desencadeou a segunda perseguição aos cristãos de Roma e Ásia Menor que recusavam-se a pagar imposto público para a manutenção do Templo de Júpiter.²⁷⁸

²⁷⁴ Cf. ROPS, op. cit., p. 191.

²⁷⁵ FOXE, John. *O livro dos Mártires*, 2005, p. 13 et seq.

²⁷⁶ COENEM, L.; BROWN, C. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, 2000, p. 916-920.

²⁷⁷ Eusébio de Cesaréia que escreveu no século IV, afirma que Pedro e Paulo foram martirizados durante o reino do imperador romano Nero. Cf. *História Eclesiástica*, Segundo livro, cap.25.

²⁷⁸ Em 27 anos, depois da morte de Nero, o cristianismo alargou suas posições em todas as esferas sociais. No tempo de Domiciano, membros da aristocracia e provavelmente sua esposa com seus dois filhos tenham recebido o evangelho. Tanto os judeus (depois da destruição de Jerusalém), como membros da nobreza e demais cristãos tornaram-se suspeitos de se opor ao autoritarismo imperial. Cf. ROPS, op. cit., p. 193 – 195.

.Nerva (96 a 98 d.C.) - O caráter de seu reinado foi o mais favorável para a paz e prosperidade da igreja de Deus. Os cristãos, que tinham sido banidos por Domiciano, foram chamados de volta e recuperaram suas propriedades confiscadas. O apóstolo João retornou de seu banimento na ilha de Patmos, retornando ao seu lugar de serviço entre as igrejas na Ásia.²⁷⁹

Traiano (98 a 117 d.C.) - Terceira perseguição ocasional e local em resposta as pressões de interesses locais por religiões legitimadas. Isso aconteceu mais especialmente nas províncias asiáticas onde o cristianismo foi mais prevalente. Nos tempos de Traiano, havia uma ordem imperial de que os cristãos não deviam ser procurados. E havia também uma lei contra acusações privadas que fossem trazidas contra eles, especialmente se fossem por seus próprios servos.²⁸⁰

Adriano (117 a 138 d.C.) - Cristãos não podiam ser perseguidos sem julgamento prévio.²⁸¹

Antonino Pio (138 a 161 d.C.) - Perseguições ocasionais e em resposta as pressões de interesses locais. Cristãos não podiam ser castigados ou condenados a não ser que fossem comprovadamente criminosos.²⁸²

Marco Aurélio (161 a 181 d.C.) - Quarta perseguição local.²⁸³

Sétimo Severo (193 a 218 d.C.) - Período de perseguição local e um intervalo de paz relativa e súbita expansão do cristianismo com milhares de novos adeptos.²⁸⁴

Décio (249 a 251 d.C.) - Primeira perseguição Oficial de nível imperial. Houve mais mártires com Décio e Valeriano do que em qualquer outra época. Como política para

²⁷⁹ Cf. Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*, 3, 20.

²⁸⁰ No ano de 112, uma correspondência trocada entre Plínio, o moço e Traiano, constitui os documentos mais importante no sentido em como se encontra definida a posição jurídica do cristianismo no império Romano. Cf. ROPS, op. cit., 199-200.

²⁸¹ Cf. Eusébio de Cesaréia, na carta de Adriano, “Se, portanto, alguém os acusar e provar que fazem algo de contrário às leis, decide conforme a gravidade da culpa.(...)” op. cit., 4, 9.

²⁸² FOXE, John. *O livro dos Mártires*, 2005, p. 13 et seq.

²⁸³ FOXE, John. op. cit., p. 27.

²⁸⁴ FOXE, John. op. cit., p. 13 et seq.

unificar o império, surgiram templos à divindade do imperador e o culto a César. Foi no tempo de Décio que todo cidadão, num determinado dia, tinha que ir ao templo de César queimar incenso e dizer: “César é o Senhor”. Após tal procedimento, recebia um certificado de que tinha feito. Após isso, poderia ir embora e adorar qualquer deus que desejasse, desde que o culto não afetasse a decência e a ordem pública.²⁸⁵

Diocleciano (253 d.C.) - Por 20 anos deixou o cristianismo em paz. Em 303 ordenou a destruição das igrejas, das Escrituras pelo fogo e a deposição dos oficiais da Igreja. Nesse período, começou no Norte da África a controvérsia donatista em torno dos traidores que tinham dado as cópias das Escrituras aos perseguidores.²⁸⁶

Galério (311 d.C.) - Emitiu o édito de tolerância religiosa.²⁸⁷ O Édito de Milão garantiu liberdade de culto a todas as religiões.

Conforme dito anteriormente, a expansão do evangelho e a fundação de *domus ecclesia* foram possíveis até mesmo nos períodos de perseguição. A cristandade nascente, supliciada, apesar de todos os obstáculos, vai progredindo com uma vitalidade prodigiosa. Muitas vezes os cristãos eram deixados em paz, mas, por prevenção, os cristãos construam seus locais de culto de maneira tão indistintas possíveis das residências comuns, pois a perseguição podia recomeçar a qualquer momento. Em outros períodos, o Império Romano ordenava que todos os que se recusassem a sacrificar aos deuses do Estado deviam ser mortos.²⁸⁸ Então, as capelas mortuárias nos cemitérios eram lugares seguros de reunião.

Em torno da cidade de Roma havia muitos cemitérios subterrâneos, chamados de CATACUMBAS,²⁸⁹ que, durante períodos de perseguição, foram usados pelos

²⁸⁵ FOXE, John. op. cit., p. 13 et seq.

²⁸⁶ Cf. Cairns Earle. O Cristianismo através dos Séculos, p. 77-80.

²⁸⁷ Cf. FOXE, John. op.cit., p. 37- 40; Eusébio de Cesaréia, op. cit., 10, 5.

²⁸⁸ COENEM, L.; BROWN, C. op. cit., p. 916-920.

²⁸⁹ As catacumbas são cemitérios subterrâneos onde gerações de cristãos enterravam os seus mortos. As catacumbas de Roma são as mais importantes e mais antigas, mas encontram-se também catacumbas em Nápoles, na Sicília, na África, no Egito e mesmo na Ásia Menor. Cf. ROPS, op. cit., p. 237.

cristãos como local de culto.²⁹⁰ Pequenas oratórias eram erguidas sobre os túmulos dos mártires e ali se reuniam para orar, ouvir a Palavra e celebrar a Ceia do Senhor.²⁹¹ Nas palavras de Daniel Rops, as catacumbas são o “*símbolo indestrutível da experiência perigosa e semiclandestina que foi a da Igreja nos tempos em que ela conquistava o mundo*”.²⁹² Ainda Rops, comenta que a medida que a Igreja se expandia, seus cemitérios alargavam-se e, a partir do século III, tornar-se-iam bens da comunidade protegidos por lei romana, que considerava como sagrado todo o terreno onde dormiam os mortos.²⁹³ A princípio, as catacumbas deviam atrair numerosos visitantes e originar preces recitadas em comum pelo sentimento comunitário aos mártires. Entretanto, por ocasião das perseguições do século III, foram transformadas em verdadeiros lugares comuns de culto cristão, que de preferência eram feitos nas casas ou nos edifícios especialmente construído para esse fim.²⁹⁴ Rops descreve que *estas catacumbas foram transformadas em lugares de refúgio, com cortes nas galerias, saídas falsas e passagens clandestinas para os caminhos próximos*.²⁹⁵

Em resumo, da mesma forma que a Igreja teve de permanecer para todas as intenções e propósitos em um movimento predominantemente urbano e, por vezes, clandestino, deve-se perceber que desenvolveram-se espaços para fins de culto. Nos períodos de perseguição locais, adaptaram-se residências para esses fins.²⁹⁶ Quando as perseguições foram desencadeadas por todo o Império Romano e as Igrejas domésticas (*domus ecclesiae*) foram proibidas,²⁹⁷ os fiéis do primeiro tempo adaptavam seus cultos nas catacumbas, evidenciando a importância dos encontros para ter comunhão uns com os outros e cultuar a Deus, oposto as pretensões de muitos atualmente.

²⁹⁰ COENEM, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 916-920.

²⁹¹ COENEM, L.; BROWN, C. op. cit., p. 916-920.

²⁹² ROPS, op. cit., p. 236.

²⁹³ ROPS, op. cit., p. 238.

²⁹⁴ ROPS, Daniel. *A igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, p. 238.

²⁹⁵ Cf. ROPS, op. cit., p. 238.

²⁹⁶ FOXE, op. cit., p. 13 et seq.

²⁹⁷ Dioclesiano, em março de 303, ordenou o fim das reuniões cristãs, a destruição das igrejas e a deposição dos oficiais da Igreja, a prisão daqueles que persistissem em seu testemunho de Cristo e a destruição das Escrituras pelo fogo. Cf. EARLE, Cairns. *O Cristianismo através dos séculos*, 2008, p. 79-80.

No ano 313, o imperador Constantino promulgou o documento Édito de Milão, que deu liberdade religiosa aos cristãos. Toda propriedade confiscada foi devolvida a seus donos e o Clero foi isento de tributação. O imperador não só deu edifícios públicos²⁹⁸ (basílicas) existentes como lugares de culto cristão, como também ordenou a construção de novas Igrejas destinadas a acomodar grandes congregações.

Nessas construções, os espaços foram planejados da mesma forma que um típico tribunal de justiça romano para possibilitar que se ouvisse a Palavra de Deus concentradamente, e em conjunto orar e louvar.²⁹⁹

Eusébio de Cesaréia foi uma testemunha da perseguição de Diocleciano (303-311 d.C.)³⁰⁰ e enquanto testemunha ocular presenciou a destruição de Igrejas, as fogueiras de livros sagrados e muitas cenas de martírio daquele período. Poucado pela perseguição de Diocleciano, deixa-nos uma comovente memória de grande valor histórico, comprovando que os templos sempre fizeram parte da história do cristianismo e tem sua origem antes de Constantino.

Todos os homens, por conseguinte, estavam livres da opressão dos tiranos e libertos dos males anteriores. Cada qual reconhecia como único Deus verdadeiro o que combatera em favor dos homens piedosos. Mas para nós principalmente, que havíamos depositado nossas esperanças no Cristo de Deus, uma alegria indizível, uma felicidade celeste expandia-se para todas as construções que pouco antes haviam sido derrubadas pelas impiedades dos tiranos e de certo modo redivivas após longa e mortal devastação. Víamos os

²⁹⁸ Os cristãos adotaram a basílica para o templo porque cumpre as condições especiais de culto melhor que os templos pagãos e, além disso, estas não tinham servido para a adoração de divindades antigas. Ao hemiciclo onde se colocava o tribunal chama-se abside pela sua forma. O sítio que ocupavam os encarregues da justiça foi dedicado aos mestres cantores e chamou-se coro. O altar colocou-se frente à abside e, dos lados do mesmo, um púlpito para a epístola e outro para o evangelho. Construiu-se um pórtico ou átrio exterior que nas igrejas bizantinas tomaria o nome de nártex e adicionou-se posteriormente uma nave transversal que tomaria o nome de cruzeiro. Em síntese, são estas as modificações operadas nas basílicas na sua adaptação a igrejas. COENEM, Brown. op.cit., p. 916-920.

²⁹⁹ COENEM, L.; BROWN, C. op.cit., p. 916-920.

³⁰⁰ Cf. Eusébio de Cesaréia, op.cit., Introdução.

templos se erguerem novamente das ruínas a alturas indefinidas e receberem esplendor superior ao dos templos outrora destruídos.³⁰¹

3.7. Igreja: simultaneamente comunhão e serviço.

O termo *koinonia* aparece com frequência no Novo Testamento, sendo utilizado no sentido de união comum ou participação. O termo era usado para caracterizar a vida cristã prática. Encontramos *koinonia* com os menos afortunados (cf. Rm 15.25-26; II Co 8.3-4; II Co 9.1-13), *koinonia* como um chamado para conviver e permanecer no convívio dos outros (cf. At 2.42), e encontramos *koinonia* para vocação particular do cristão na obra de Cristo (cf. Ef 4.12-13,16; Fp 1.5). Assim, encontramos o termo grego com vários significados no Novo Testamento, entretanto, sempre com a ideia básica de participação. A participação é a ideia fundamental da palavra, tanto nos benefícios do evangelho como quanto às coisas materiais.³⁰²

3.7.1. Chamado à generosidade.

As comunidades cristãs foram se organizando e se estruturando a fim de resistir às perseguições e as crises sofridas. A Igreja tinha profunda consciência social, pelo menos no que dizia respeito aos seus próprios membros, chegando ao ponto de doar auxílios e esmolas.³⁰³

³⁰¹ Cf. Eusébio de Cesaréia, op.cit., 10.2.1.

³⁰² Cf. CHAMPLIN, vl. 3, op. cit., p. 704.

³⁰³ Cf. Champlin, essa característica foi tomada de empréstimo da parte dos judeus. Em Israel havia leis de generosidade e justiça para socorrer os necessitados. CHAMPLIN, vl. 3, op. cit., p. 213.

A comunhão dos bens, a oração, a fração do pão e o ensinamento dos apóstolos caracterizavam a vida da comunidade cristã primitiva (cf. At 2,42-47; 4,32-37). Cada indivíduo deveria ter o cuidado da comunidade para que o efeito resultasse no cuidado de si mesmo. A comunidade primitiva assistia o órfão, a viúva, os enfermos, os necessitados, os idosos e especialmente os escravos que não podiam mais trabalhar. Tanto a Bíblia, quanto os pais da história da Igreja, há o mesmo relato desses fatos. O Novo Testamento narra que as mulheres da Igreja ajudavam fazendo roupas para os necessitados (cf. At 9.36) e Paulo mencionou a prática de coleta de doações dos cristãos todos os domingos (cf. ICo 16.1,2). Eusébio de Cesaréia narra que, no tempo de São Cornélio, a Igreja de Roma sustentava “mil e quinhentas viúvas e necessitados”.³⁰⁴

A manutenção dessas pessoas era feita por todas as comunidades cristãs, cada uma cuidava dos seus pobres. Hamman relata que a generosidade dessa época era tal que alimentavam uma caixa destinada a acudir às necessidades dos irmãos, em primeiro lugar os pobres e as viúvas da comunidade. Essa assistência tornara-se possível com ajuda das famílias ricas entre os cristãos. Enquanto a sociedade romana se fechava, a fé dos cristãos nivelava as classes e abolia as distinções sociais entre senhores e escravos, pobres e ricos. Todos “fundiam-se em comunhão mais profunda que a do sangue ou da cultura”.³⁰⁵

A consciência de uma autêntica fraternidade impressionava até mesmo os pagãos. O Imperador Juliano atribuiu a expansão do cristianismo antes de tudo à humanidade para com os estrangeiros e ao sepultamento de seus mortos.³⁰⁶ Na antiguidade, o sepultamento assumia sentido mais religioso que familiar ou social e, para a comunidade cristã, era o último ato de caridade para com os pobres.³⁰⁷ Como

³⁰⁴ Apud HAMMAN, A vida cotidiana dos primeiros Cristãos (95-197). p. 137.

³⁰⁵ HAMMAN, op. cit., p. 42-43.

³⁰⁶ HAMMAN, op. cit., p. 131.

³⁰⁷ Cf. CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM (CIL) XII, 5732. apud HAMMAN, op. cit., p. 139.

afirma Hamman, “Até na morte, os cristãos afirmavam sua comunhão e sua fraternidade em uma mesma esperança”.³⁰⁸

Não obstante, a realidade enfrentada pela igreja, a caridade dos irmãos excedia qualquer exigência das Escrituras. A comunhão dos bens na Igreja de Jerusalém, por exemplo, era totalmente voluntária,³⁰⁹ “*Guardando-a, não ficaria para ti? E, vendida não estava em teu poder?*” As necessidades excepcionais provocavam movimento de solidariedade e generosidade espontâneo.³¹⁰

Strong destaca que a comunhão dos bens não parece ter continuado na Igreja de Jerusalém depois que a dificuldade passou, e não há razão alguma para crer que, no período apostólico, qualquer outra Igreja praticasse algo desse tipo. “A atitude desta comunidade era para si própria e não permanente, mas determinada para uma crise temporária”.³¹¹ Embora o texto das Escrituras não explicita uma norma fundamental para a Igreja, ele enfatiza que a Igreja foi fundada com o Evangelho da caridade inscrito no mais íntimo do ser humano.

Ainda hoje, a exemplo da primeira comunidade cristã, a ênfase na vida comunitária é fundamental em todas as formações eclesiais.³¹² Desde as confissões Católica, Ortodoxa, Anglicanas, Luteranas, Reformadas e as igrejas livres confessam a igreja como comunhão dos santos.³¹³ Pode não haver unidade administrativa, mas em todas elas está presente a solidariedade entre os membros e em todas ensina-se a repartir o pão com aqueles que possuem alguma necessidade, a assistir o órfão e a viúva como sinal da verdadeira religião de amor ao próximo.

Através das obras de caridade e de filantropia, o cristianismo tem elevado a dignidade da vida humana e contabiliza os inúmeros hospitais, clínicas, albergues,

³⁰⁸ HAMMAN, op. cit., p. 140.

³⁰⁹ Cf. STRONG, op. cit., p. 1570.

³¹⁰ HAMMAN, op. cit., p. 147.

³¹¹ STRONG, op. cit., p. 1570.

³¹² KASPER, op. cit., p. 73.

³¹³ KASPER, op. cit., p. 72.

escolas, universidades, orfanatos, leprosários, tudo isso devido ao entendimento comunitário da mensagem de amor que ordenou o Jesus Cristo. É impossível uma Igreja sem o lado institucional.³¹⁴ O lado institucional faz-se necessário para organização das estruturas e novas execuções. Os críticos devem reconhecer isso, “se não quiserem passar por sonhadores utópicos”.³¹⁵ A relação do cristão com a instituição não substitui, mas promove e expressa sua relação com Cristo e com os crentes, pois o princípio institucional é a parte fundamental da forma visível desta relação.

3.7.2. Chamado a conviver

A Igreja instituída pelo Senhor pressupõe comunhão e amor vital entre indivíduos. Todo aquele que procura a Igreja encontra um ambiente que possa viver sua humanidade, com suas virtudes e fraquezas. Naturalmente, enquanto busca suas necessidades, também se envolve com frustrações e decepções, porque, embora Cristo ofereça à sua Igreja o recurso e a coragem de viver em comunhão, surgem sempre as dificuldades mais ou menos acentuadas, inerentes à condição humana, que são fruto da tensão entre a graça e o pecado.

É bom lembrar que a Igreja não é só uma organização humanitária apoiada na fraternidade humana comum. Antes é experiência de comunhão cristã e, também, uma união espiritual com Cristo.³¹⁶ Jesus Cristo ressuscitado reuniu ao redor de si os pecadores e previu suas falhas. Sendo necessário compreender que a sua ressurreição não envolve apenas o túmulo vazio, mas a vitória do amor e da comunhão. Isso exige uma vida disposta a aceitar os outros e recusar o abandono da Igreja por conflitos, ao invés de integrar-se às mudanças necessárias. A comunhão é um dom de Deus dado à

³¹⁴ Cf. KÜNG, Hans. *Veracidade, o Futuro da Igreja* 1969, p. 97

³¹⁵ Cf. KÜNG, op. cit., p. 97.

³¹⁶ Cf. Strong, sacramentos são os ritos externos que Cristo indicou para serem administrados em sua igreja como sinais visíveis da verdade salvadora do evangelho. STRONG, op. cit., p. 1633.

sua Igreja e deve ser seguido pela dedicação e interesse de fazer acontecer sempre uma maior comunhão, um esforço diligente do trabalho humano como resposta à graça divina.³¹⁷

Os cristãos são chamados para a comunhão de Jesus Cristo (cf. I Co1.9). Essa comunhão é achada especialmente na Ceia do Senhor (cf. I Co10.16) e, por essa razão, a Ceia do Senhor é também chamada de comunhão. Todas as vezes que celebra-se a Ceia do Senhor, participa-se do Corpo e do Sangue de Cristo e declara-se comunhão com Ele. A palavra que se traduz por comunhão ou participação é o termo *Koinonia*, empregado por Paulo para mostrar claramente que a salvação consiste primeiramente em se estabelecer numa relação particular com Cristo (cf. Gl 4.6-7; Rm 8.14-17).³¹⁸

A comunhão cristã, acima de tudo, é o vínculo que liga os cristãos a Cristo, uns aos outros e também com Deus (cf. I Jo 1.3).

3.7.3. Chamado ao serviço

A pertença do fiel à Igreja deve traduzir-se numa participação ativa baseada numa relação entre direitos e deveres plenamente assegurados e assumidos. A mútua cooperação é uma realidade necessária para tornar visível uma Igreja bem edificada. Essa realidade de fato ocorre entre os fiéis reciprocamente e sobre os ministérios (cf. ITs 5.11; Rm 14.19; IPd 2.5), qualificados como “diaconia”, isto é, serviço ou ministério (cf. ICo 12.4). Os dons são diversos e tem a função de organizar e edificar o corpo de Cristo, dizendo respeito a todos os cristãos. Ou seja, a comunhão consiste em um acordo em que diversas pessoas unem-se e chegam a participar juntas de um determinado propósito (cf. II Co 6.14; I Jo 1.3).

Sobre essa questão, a Igreja Católica, a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, abordou abundantemente o tema dos leigos nos documentos da Constituição

³¹⁷ Cf. HACKMANN, op. cit. p. 90.

³¹⁸ Cf. CHAMPLIN, vl. 3, op. cit., p. 704.

Dogmática *Lumen Gentium*. Todos os cristãos são reconhecidos como sujeitos eclesiais que gozam de igual “dignidade e ação comum” (cf. LG 32). Portanto todos na Igreja (cf. LG 30) batizados (cf. LG 33), são sujeitos ativos com a Igreja e com o mundo.

3.8. Relações da Igreja com as instituições

A bíblia contém expressões que demonstram a vida social e religiosa de seu povo. São expressões que, além de concentrar sua mensagem, servem de símbolo visível de uma realidade invisível.³¹⁹

As duas expressões institucionais deixadas pelo próprio Deus, foram o Tabernáculo³²⁰ e o Templo de Jerusalém.³²¹ Tais símbolos institucionais, embora valiosos por sua importância e necessidade, deveriam fornecer alusão a uma realidade invisível, no entanto, não traziam significados em si próprios.

Moisés deveria construir um santuário para habitação de Deus no meio do Seu povo. O Tabernáculo seria construído para juntar e reunir o povo diante d’Ele e receber a sua Palavra (cf. Ex 25.8-40; Hb 8.5). Ele é de fato lugar onde Moisés servia de intermediário junto a Deus (cf. Ex.33.7). O lugar estabelecido como a Tenda da Reunião, ou do Encontro, ou da Assembleia com Iahvé.³²²

Salomão, por sua vez, deveria construir para Deus o Templo. Este compreenderia um recinto sagrado, uma morada terrena para o Divino. O Templo foi

³¹⁹ Cf. CAMPOS. Idauo, “tais expressões institucionais nunca foram vistas como ameaças à espontaneidade do amor e compromisso para com Deus e, sim, como seus facilitadores”. 2017, p. 143.

³²⁰ No deserto os israelitas tinham por santuário uma tenda, o qual Deus ordenou que fosse construída (cf. Ex.26), e que Moisés executou (cf. Ex.36.8-38). Cf. VAUX, R. *Instituições de Israel no antigo Testamento*. 2003, p. 332-335.

³²¹ O Templo era um edifício longo construído como o santuário de Estado da capital e o centro religioso da nação de Israel. O Templo de Jerusalém tornou-se o único lugar de culto onde o culto sacrificial podia ser celebrado legitimamente. Cf. VAUX, op. cit., p. 350-375.

³²² Cf. VAUX, R. *Instituições de Israel no antigo Testamento*, 2003, p. 332.

erigido como realização da vontade de Deus e toda a piedade era centrada no Templo.³²³ Dessa forma, o piedoso se dirigia a casa de Deus para contemplar Sua face (cf. Sl 42.2-4; 5.8; 27.4). O seu coração se consumia na ânsia de estar no Templo (cf. Sl 84.3).

A concepção de uma “Casa de Deus”, um local específico onde “habita” o Eterno, é entendida de forma figurada. Quando Salomão consagrou o Templo, ele tinha plena consciência que Deus não habita na terra e nem mesmo o céu e o céu dos céus podem contê-lo, quanto menos uma casa feita por mãos humanas (cf. 1Re 8.27; 2Cr 6.18), pois Deus preenche e transcende toda a Sua Criação. A morada do Altíssimo é o céu, porém o templo é o lugar em que seu nome habita, o qual está repleto de sua glória. (cf. 2Cr 7.16). Dessa forma, é possível atestar que o Tabernáculo e o Templo serviram como alicerces para o entendimento, pois representavam princípios eternos de adoração, santidade e serviço.

No Novo Testamento, desde sua origem, os cristãos participavam com naturalidade do culto a Deus no Templo (cf. At 5.42) por entender que Casa de Deus é um símbolo para comunidade viva e que estas expressões surgiram para organizar a vida social e religiosa do povo.

O nascimento da igreja é algo que aconteceu no dia de Pentecostes, quando foi outorgado o dom do Espírito Santo (cf. At 2). Nesse dia, os cristãos *estavam todos reunidos* (“todos” faz referência aos 120 cristãos descritos no v.15), *no mesmo local*. De repente, o Espírito de Deus desceu sobre eles. Conforme Bruce Shelley, “passado a experiência, eles correram para as ruas e dirigiram-se ao Templo”.³²⁴ Chegando ao pátio do Templo, as palavras de Pedro, levaram quase 3000 pessoas à conversão. Os primeiros cristãos não tinham a menor preocupação de entrar em disputa com o Templo. Jesus já havia anunciado um culto em espírito e em verdade, que não se encontra preso a um edifício (cf. Jo 4.23-24). Desde as origens, eles tinham consciência de ser a essência de qualquer forma institucional. Posteriormente, o discurso de Estevão, que

³²³ KASPER, Walter, *A Igreja Católica*, p. 149.

³²⁴ SHELLEY, Bruce, L. *A História do Cristianismo*, 2004, p. 17.

falou sobre a história dos judeus e afirmou que os homens deveriam adorar a Deus independentemente do Templo, mostrou que este entendimento estava claro para os primeiros cristãos (cf. At 7). Dessa forma, dizemos que a Igreja não é inimiga da instituição.

O próprio apóstolo Paulo utiliza o termo *ekklêsía* com frequência para referir-se a Igreja local e não somente ao corpo espiritual de Cristo: "*Mas agora porém, (falando à Igreja de Colossos) despojai-vos, igualmente [...]*" (cf. Cl 3.8-10). A Igreja tem entendimento que a instituição aparece para organizar um local consagrado para devoção a Deus, com funções distintas do Corpo de Cristo e estando sujeita a mais duras críticas proféticas, como foi dirigido ao Templo nos discursos de Jeremias contra uma confiança falsa e enganosa no Templo, associada com injustiça e opressão, o derramamento de sangue e a idolatria (cf. Jr 7.1-19).

A partir do século IV, após o cristianismo tornar-se religião lícita no Império Romano, foram construídos templos para o culto cristão. Entretanto, davam-lhe o sentido de "Casa de Deus" que está a serviço da comunidade e não o contrário.³²⁵ Um lugar "santo" no sentido bíblico de "separado do uso comum" destinado ao Senhor.

Tudo isso leva a considerar que a Igreja pode ser uma luxuosa catedral (como era o templo) ou uma simples sala de reunião. Entretanto, ambos trazem o sentido simbólico que nos ajuda a entender quem somos e o que celebramos.³²⁶ Por isso, também designamos "casa de Deus". São mais que meros espaços de reunião, contanto que seja dedicado totalmente a Deus.³²⁷

Também é sinal de que, tudo que se tem, parte se dá a Deus: do nosso tempo, de nosso dinheiro, de nossos pensamentos, de nosso trabalho.³²⁸ Conforme Urbano

³²⁵ SHELLEY, Bruce, L. op. cit., p. 17.

³²⁶ ZILLES, Urbano. Significação dos Símbolos Cristãos, 2018, p. 64.

³²⁷ ZILLES, op. cit., p. 63.

³²⁸ ZILLES, op. cit., p. 64.

Zilles, é indiscutível que um lugar adequado pode contribuir para a celebração da comunidade.³²⁹

A afirmação da igreja puramente comunidade desprovida de templos é leviana, do que precisa-se é de uma reflexão sobre a forma institucional da Igreja, pois a mesma é complexa e formada por elementos divinos e humanos.

Ao longo da história do cristianismo, o espaço do culto tem variado grandemente. Desde templos grandes e majestosos com simbolismo místico para as tradições Católicas e Ortodoxa, até templos deliberadamente simples e despojados, como pode-se observar nas confissões pentecostais.

Percebe-se essa variação tanto no espaço do culto como, também, em seus elementos. Desde os elementos arquitetônicos, como os vitrais da Idade Média, que caracterizavam espiritualidade ao ambiente e serviam como recurso didático a uma população majoritariamente iletrada, até os atuais bancos e sistemas de climatização que foram introduzidos no interior do lugar de culto a fim de dar conforto aos fiéis, e ainda, o sistema acústico para melhorar a comunicabilidade da palavra de Deus.

Esse é o único propósito dos templos com seus elementos. À luz das Escrituras, não há nada que impeça que o lugar de culto seja também agradável aos olhos e expresse beleza. Importa que a atitude em relação a esses locais seja equilibrada, valorizando-se o belo, o estético e o simbólico, mas evitando transformá-lo num fim em si mesmo,³³⁰ pois em essência, o sagrado não necessita de um espaço específico para a sua revelação, Deus se manifesta na plenitude da sua criação.

Entretanto, a Igreja, corpo de Cristo, tem a compreensão que foi edificada pelo Senhor, não apenas como uma casualidade [...] *tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela* (cf.

³²⁹ ZILLES, op. cit., p. 64.

³³⁰ Cf. Hackmann, as diversas imagens que descrevem a Igreja: rebanho, noiva, vinha, família de Deus, Corpo de Cristo. Essas imagens revelam que a ênfase está em Deus. Todas estas figuras fazem referências a Deus como fim supremo de toda citação. HACKMANN, op. cit., p. 99.

Mt.16.18). Ela deve subsistir com sua missão enquanto estiver neste mundo. Dessa forma, como qualquer grupo constituído por pessoas, a Igreja precisa de uma estrutura institucionalizada que assegure cumprir sua missão e a sua continuidade ao longo dos tempos.

O momento comunitário e institucional está presente em todas as comunidades cristãs, pois a Igreja é entendida como comunidade de fé e de culto divino que se torna também comunhão de serviço. Embora essas sejam as características inatas da Igreja, a ênfase em excesso a qualquer um desses sentidos também acarretam em críticas à Igreja. Do ponto de vista eclesiástico, essas características sempre estiveram presentes na constituição da Igreja, mas do ponto de vista histórico, muitas vezes seguiram caminhos diferentes. A questão referente é a importância que se atribui a esse aspecto institucional ou de comunidade.

CONCLUSÃO

Atualmente, a Igreja enfrenta tensões com os cristãos desigrejados, sejam eles os católicos, pessoas batizadas que dispensam a prática religiosa, ou sejam protestantes que, assim como os católicos, estão descomprometidos com a prática religiosa.

Em três momentos distintos, evidencia-se, no presente trabalho, que a desinstitucionalização no sentido de não pertença à Igreja institucionalmente organizada compreende que:

a) Do ponto de vista histórico, há uma tendência de fragmentação de natureza religiosa, apresentada pelos movimentos restauracionistas presentes dentro do cristianismo ao longo dos séculos.

b) Do ponto de vista sociológico, as reconfigurações do campo religioso na modernidade constituem-se de uma resposta aos processos modernos de secularização e

globalização, onde as instituições religiosas formalmente organizadas passaram a ser retratadas simplesmente como dispensáveis do ponto de vista comportamental. Uma tendência pós-moderna de desencantamento com as instituições formais religiosas.

c) Compreende ainda, que as decepções relativas às estruturas organizacionais da instituição favorecem os argumentos dos movimentos que rotulam como opressora toda estrutura organizada e duradoura, enxergando o pertencimento a uma instituição como alienação ou submissão a um regime manipulador e desnecessário.

É possível afirmar que no centro dessas realidades encontram-se as principais evidências para designar o desigrejismo evangélico. Ainda é possível dizer que essas realidades acrescidas de ideias místicas e gnósticas, que sempre estiveram presentes na história dos movimentos restauracionistas, serviram como preparação ao movimento que tem por essência a recusa e a crítica a toda forma de religião organizada.

O gnosticismo foi a primeira heresia filosófica enfrentada pela Igreja. Os gnósticos eram numerosos e variados nas suas tentativas de reformular o evangelho segundo as linhas espirituais. Não se trata de uma causa unificada para ser considerado como um movimento único. Era uma variedade de movimentos, cada um oferecendo uma forma de esclarecimento prescrita por um líder que possuía a *gnosis* ou conhecimento especial do mundo espiritual.

Nos principais movimentos restauracionistas que se detiveram em enfrentar as estruturas eclesiais, pode-se ver uma combinação das ideias gnósticas.

a) Para o docetismo, como a matéria é má, Cristo não podia ter um corpo humano, apesar de a Bíblia dizer o contrário. O homem Jesus era um fantasma com aparência de corpo material ou que tomou um corpo emprestado para cumprir seu propósito entre seu batismo e o começo de seu sofrimento na cruz do Calvário. Os sacramentos não eram observados porque envolviam o uso do vinho e do pão, que eram materiais e, portanto, estavam ligados ao mau.

b) Marcião e seus seguidores parecem ter sido os mais influentes dos grupos ligados ao gnosticismo ao entender que o judaísmo era mau e por rejeitar o Deus do Antigo Testamento.

c) O montanismo desenvolveu em sua doutrina uma igreja sem liderança humana. Deveria depender unicamente do Espírito Santo através dos profetas. O rigorismo montanista excluía a autoridade dos ministros eclesiais e da hierarquia. Montano colocou a si mesmo como o paracleto através de quem o Espírito Santo falava à Igreja.

d) Para o maniqueísmo, a salvação era uma questão de libertar a luz da alma que estava escravizada à matéria do corpo.

e) Os ensinamentos gnósticos reaparecem parcialmente em doutrinas dos Paulicianos do século VII, dos Bogomilos do século XI, e dos Albígenses, no sul da França. Suas doutrinas de salvação salientavam o livramento do espírito de sua servidão na esfera material. Os elementos mais importantes nessas doutrinas eram certas especulações místicas e cosmológicas.

Tem-se, ainda, o fato que há tendências místicas nas religiões em todas as épocas. As religiões tradicionais desenvolvem, dentro do seu interior, movimentos que promovem uma espiritualidade mística. É o caso do gnosticismo dentro do cristianismo, do sufismo como um movimento místico no seio do Islamismo e no judaísmo posterior, no chassidismo que é um movimento surgido no interior do judaísmo ortodoxo que promove a espiritualidade através da popularização e internalização do misticismo.

É lógico que toda experiência religiosa está alicerçada sobre princípios místicos. Poder entrar em contato com Deus através da oração, faz do cristianismo uma religião mística. O problema é o misticismo prejudicial que sempre deu maior valor as experiências do que à Escritura. O apóstolo Paulo adverte contra o falso misticismo (cf. Cl 2.18-19).

Hoje, os movimentos de desigrejados sustentam postulados próximos ao gnosticismo, uma vez que procuram reduzir o cristianismo a uma dimensão unicamente espiritual, sem templos, sem organização eclesiástica, sem arrecadações, sem ênfase litúrgica. Apresentam, ainda, uma proposta de experiência unicamente mística ao afirmar que “todos” são templos do Espírito Santo, reduzindo a Igreja a uma experiência puramente espiritual e desprezando as demais revelações que a constitui. Dessa forma,

seus líderes ignoram que há uma completa revelação que já foi dada e que é obra do Espírito Santo confirmada na Santa Escritura.

Apresentam-se como vozes de uma massa de cristãos desapontados com os defeitos da instituição e como portadores de uma proposta de fé, afastada de qualquer denominação eclesial. Contudo, o Espírito Santo não revela nenhuma prática inédita do Evangelho, mas apenas orienta a fazer parte do corpo de Cristo, vivendo na comunhão dos santos e ajudando mutuamente uns aos outros, conforme as verdades já reveladas por Cristo nas Escrituras.

Nos mais diferentes e variados grupos de desigrejados, encontra-se os que apenas estão decepcionados com a instituição e também os grupos que conspiram não apenas contra a instituição, mas fazem oposição contra toda forma de cristianismo, que obviamente, foi constituído por Deus.

O desigrejismo radical, que são os movimentos niilistas que encontraram uma fenda e infiltraram-se no mundo dos desigrejados, pretendem apagar o cristianismo e recriá-lo. Apresentam um Jesus descristianizado, sem a instituição, sem a Ceia do Senhor, sem as Escrituras e sem o Batismo. Seus adeptos desejam reduzir a Igreja a um suplemento ideológico, uma desconstrução de tudo o que é bíblico, assim como os gnósticos pretendiam reduzir o cristianismo a uma mera religião filosófica do mundo antigo.

De outra forma, existe uma fundamentação teológica para a necessidade de pertença à Igreja institucional. A narrativa bíblica para Igreja não acontece unicamente na forma espiritual, antes, é também uma proposta de comunhão visível para quem deseja ser cristão.

A fé do crente é manifestada em sua livre e voluntária incorporação na comunidade (cf. At 2.41) através do batismo. A comunidade constituída pelos convocados se chama Igreja, ou seja, uma congregação de fiéis, chamados e reunidos continuamente, e onde a pessoa se compromete inteiramente (cf. Ef 4.15-16).

A Igreja não é o lugar, mas é um corpo místico que se expressa em um local. A igreja que Cristo estabeleceu (cf. Mt 16.18) é universal, abrangendo todos os salvos (cf.

At 2.47). A bíblia se refere a essa Igreja com termos coletivos (rebanho, povo, assembleia) indicando um grupo funcional de discípulos num determinado local (cf. Co 1.1-2). Em concordância a isso, a bíblia aponta, por diversas vezes, que a Igreja é um corpo com diversidades de membros e funções, e Jesus Cristo é a cabeça. *Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros tem a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros* (cf. Rm 12.4 e 5).

Como os membros do corpo, os cristãos tornam-se ligados uns aos outros e a Cristo. Reúnem-se regularmente para servir ao Senhor (cf. At 2.42-47), exercer os dons recebidos para a edificação da comunidade (cf. ICo 12.14), para orações (cf. At 4.23-31), compartilhar os bens com os pobres (At 4.32-37), adorar a Deus (cf. Cl 3.16; Ef 5.19), participar da Ceia do Senhor (cf. At 20.7) e trabalhar para o crescimento do corpo (cf. Ef 4.7-16). A prática destas funções já orienta a fazer parte da Igreja local.

Quando alguém se torna um cristão, se une ao Corpo de Cristo que se expressa visivelmente na Igreja local, porque a comunidade local é a imagem literária desse corpo. Logo, é a convivência e a comunhão da Igreja local que permitirá que, no exercício da fé, se exerçam as funções no Reino de Deus.

O Novo Testamento não retrata o cristão como alguém que existe fora da comunhão do corpo e adverte contra o perigo de se tornar desligado da cabeça (cf. Cl 2.19). A conexão dos membros entre si põe em evidência a conexão com Cristo (cf. Ef 4.1-16). Quando se une a uma Igreja, se expressa àquilo que Deus o tornou - um membro de seu corpo. Diante dessas definições, há uma incompatibilidade de realidades quando alguém se declarar cristão e afirmar não pertencer a nenhuma Igreja. A igreja que Cristo estabeleceu é simultaneamente universal e local, e Ele é a única cabeça da Igreja universal e a única cabeça de cada Igreja local.

Desde uma perspectiva eclesial protestante quanto católica, configuram a Igreja como uma fundação de Cristo, estabelecida com funções comunitária e espiritual, tendo em sua estrutura o local de celebração, liturgia, liderança pastoral e proclamação da Palavra como princípios bíblicos.

Na Eclesiologia Católica, pertencer ao rol de membros é uma doutrina bíblica incontestável. Essa doutrina aponta a necessidade de mediação da Igreja para a salvação eterna. A missão da igreja consiste em participar do serviço e da mediação do Cristo, uma vez que não há salvação fora de Jesus Cristo e a Igreja Católica é o Seu Corpo Místico. A constituição dogmática sobre a Igreja diz que a Igreja é “em Cristo o sacramento, ou sinal, e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (cf. *Lumen Gentium* 1), ou seja, em Jesus Cristo, Luz do povos, a Igreja é sacramento.

Não há dúvidas sobre o porquê de tantos abandonarem as instituições cristãs. Mas aqui se pode formular a seguinte pergunta: Quem critica a igreja institucional e deixa de congregar, tem certeza que sua proposta é autêntica e sabe que está também sujeito à críticas de terceiros? Evidentemente, o cristão que quer ser autêntico e sincero não se deixa levar por uma proposta de deslegitimar aquilo que é autenticamente do cristão por algo superficial, negando todo o passado do cristianismo.

De outra forma, as instituições cristãs devem ter coragem de olhar para essa realidade ao seu redor e assumir sua responsabilidade com os cristãos sem igrejas e ao que eles têm a dizer. A instituição será relevante para eles se for conhecida por suas características, tendo diante de si o desafio de ser atraente com sua coletividade.

BIBLIOGRAFIA –

AZEVEDO, Israel Belo. *Gente Cansada de Igreja*. São Paulo: Hagnos, 2010.

AZEVEDO, Israel Belo. *Igreja-Acabou?*. São Paulo: Hagnos, 2011.

BENKE, R. Marcia. *Ecumenismo, valores sociais e Modernidade: a percepção dos agentes eclesiais – 2014*. Dissertação (Mestrado em Ciências da religião) - Universidade federal de juiz de fora, MG.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de João Ferreira de Almeida (RA). 2.ed. São Paulo: SBB, 2016.

BLANK, Reinold J. *Nossa Vida tem Futuro*. São Paulo: Ed. Paulus, 1991.

BOMILCAR, Nelson. *Os Sem-Igreja. Buscando caminhos de esperança na experiência comunitária*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BRABO, Paulo. *Bacia da Almas. Confissões de um Ex-Dependente de Igreja*. São Paulo : Mundo Cristão, 2009.

BOFF, Leonardo. *Crise: Oportunidade de crescimento*. São Paulo: Verus, 2002.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. Tradução de Murilo Jardelino e Clélia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

CAIRNS Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos: Uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja*. São Paulo: Sinodal, 2002.

CAMPOS, Idauro. *Desigrejados. teoria histórica e contradições do Nilismo Eclesiástico*. Rio de Janeiro: bvbooks, 2017.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.3, São Paulo: Hagnos, 2004.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.4, São Paulo: Hagnos, 2004.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.5, São Paulo: Hagnos, 2004.

CIPRIANI, Roberto. *Manual de Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulus, 2007.

COENEM, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CORBÍ, Mariá. *Para uma espiritualidade leiga: sem crenças, sem religião, sem deuses*. São Paulo: Paulus, 2010.

DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Tradução Orlando do Reis e Carlos Almeida Pereira. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

EUSÉBIO DE CERSAREIA. *História Eclesiástica*. Tradução Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. Col. Patrística 15. São Paulo: Paulus, 2000.

FRANGIOTTI, Roque. *História das Heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.

FERRAROTTI, Franco et al. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.

FIGUEIREDO, Fernando A. *O Amanhecer da Igreja*. São Paulo: Larousse, 2012.

FOXÉ, John. *O livro dos Mártires*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

GONZÁLES, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GOUVEA, Elaine H. *Apontamento sobre Novos Movimentos Religiosos*. In: SOUZA, Beatriz M. São Paulo: Loyola, 2004.

GREGG, Allison, R. *Teologia Histórica: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

- HACKMANN, Geraldo. L.Borges. *A Amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Ecclesiologia como Comunhão Orgânica*. 2ed. Porto Alegre: EdiPucrs, 2013 (Série Teologia, 24).
- HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. Porto Alegre: Editora Concórdia, 1999.
- HAMMAN, A.-G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)*. São Paulo: Paulus, 1997.
- HORTAL, Jesus S.J. *E haverá um só rebanho. 2ª Edição*. São Paulo: Loyola, 1996.
- KASPER, Walter. *A Igreja Católica, Essência, Realidade, Missão. São Leopoldo: Unissinos, 2012*.
- KUNG, Hans. *Veracidade. O futuro da Igreja*. São Paulo: Editora Herder, 1969.
- KUNG, Hans. *A Igreja*. São Paulo: Editora Herder, 1969.
- LOPES, Augusto Nicodemus. *Os Desigrejados*. Disponível em: <http://temporaires.blogspot.com/2010/04/os-desigrejados.html> Acesso em 14 de Outubro 2018.
- MACARTHUR, John. *Com vergonha do Evangelho. Quando a igreja se torna como o mundo*. Tradução: Eros Pasquini Jr. São Paulo: Fiel, 2014.
- MADRIGAL, Santiago. Vaticano II: Remembraza y Actualización, esquemas para uma Ecclesiologia. : Sal Terra-Santander, 2002.
- MARTINHO L.M.Sá (Orgs) *Sociologia da Religião e Mudança Social . Católicos, Protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARSHALL, Paul; GLBERT, Lela; SHEA, Nina. *Perseguidos, O Ataque Global aos Cristãos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2014.
- MARTELLI, Stefano. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- METAXAS, Eric. *Bonhoeffer, Pastor, Mártir, Profeta, Espião*. Tradução de Daniel Faria. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- MILLER, Ed.L.; GRENS J.Stanley. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- MIRANDA, Mario de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MIRANDA, Mario de França. *Um Homem Perplexo, O Cristão na sociedade*. São Paulo: Loyola, 1989.
- MIRANDA, Mario de França. *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006.
- PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Ecclesiologia*. 5ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

- PIÉ-NINOT, Salvador. *Eclesiologia. La Sacramentalidad de la Comunidad Cristiana*. Salamanca: Ségueme, 2007.
- ORO, Pedro, Ari; STEIL, Carlos, A.; CIPRIANI, Roberto; GIUMBELLI, Emerson (Orgs) *A religião no espaço público: Atores e Objetos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- ORO, Pedro, Ari; STEIL, Carlos, A.; RICKLI, João (Orgs) *Transnacionalização religiosa, fluxos e redes*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- PADRES APOSTOLICOS. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; Tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. Col. Patrística 15. São Paulo: Paulus, 1995.
- RADCLIFFE, Timothy. *Por que ir à Igreja?* São Paulo: Paulinas, 2010.
- RATZINGER, Joseph. *O Novo Povo de Deus*. São Paulo, 2016.
- ROPS, Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. Livraria Tavares Martins, 1960.
- ROSA, P. G. *Marxismo, Comunismo e Cristianismo, Diálogo ou Desafio?*. São Paulo: Cidade Nova, 1985.
- STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. Vol.2. São Paulo: Hagnno, 2007.
- SHELLEY, Bruce L. *História do Cristianismo*, São Paulo: Shedd publicações, 2004.
- TANZELA-NITTI, Giuseppe. *La Rivelazione e La sua Credibilità, Percorso di Teologia Fondamentale*, Roma: Edusc, 2016.
- TEIXEIRA, Faustino. *Sociologia das Religiões. Enfoques Teóricos*. Petropolis: Vozes, 2011.
- TERRIN. Aldo, Natale. *Introdução ao Estudo Comparado das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: Aste, 2007.
- VAUX. R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- VIDE, Vicente; VILLAR, R. José. *El Concilio Vaticano II - Una perspectiva Teológica*. Madrid: San Pablo, 2013.
- VIOLA, Frank. *Reimaginando a Igreja*. Brasília: Palavra, 2008.
- ZILLES, Urbano. *A crítica da Religião*. Porto Alegre: EST Edições, 2009.
- ZILLES, Urbano. *Há espaço para a fé no mundo atual?*. Porto Alegre: EST Edições, 2017.
- ZILLES, Urbano. *A experiência religiosa e mística*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2015.

ZILLES, Urbano. *Significado dos símbolos cristãos*. 7ª ed., Porto Alegre: EST Edições, 2018.

ZILLES, Urbano. *História da Teologia Cristã*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2014.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br